



PPGEDUC

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Universidade Federal de Goiás - Regional Catalão

A EXPERIÊNCIA DA EVASÃO ESCOLAR NO INSTITUTO FEDERAL GOIANO – CAMPUS AVANÇADO CATALÃO (2014 – 2015)

NÁDIA GISELE MARQUES DE SOUZA NASCIMENTO



UFV

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

2019

**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR
VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES E DISSERTAÇÕES
NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

1. Identificação do material bibliográfico: Dissertação Tese

2. Identificação da Tese ou Dissertação:

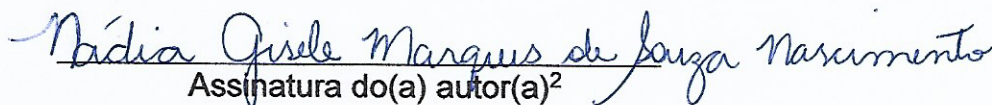
Nome completo do autor: Nádía Gisele Marques de Souza Nascimento

Título do trabalho: A EXPERIÊNCIA DA EVASÃO ESCOLAR NO INSTITUTO FEDERAL GOIANO – CAMPUS AVANÇADO CATALÃO (2014 – 2015)

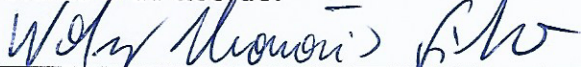
3. Informações de acesso ao documento:

Concorda com a liberação total do documento SIM NÃO¹

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF da tese ou dissertação.


Assinatura do(a) autor(a)²

Ciente e de acordo:


Assinatura do(a) orientador(a)²

Data: 08 / 10 / 2020

¹ Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Os dados do documento não serão disponibilizados durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

² A assinatura deve ser escaneada.

NÁDIA GISELE MARQUES DE SOUZA NASCIMENTO

**A EXPERIÊNCIA DA EVASÃO ESCOLAR NO INSTITUTO FEDERAL GOIANO –
CAMPUS AVANÇADO CATALÃO (2014 – 2015)**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação, à comissão examinadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Goiás/Regional Catalão.

Orientador: Prof. Dr. Wolney Honório Filho.

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Nascimento, Nádia Gisele Marques de Souza
A Experiência da Evasão Escolar no Instituto Federal Goiano –
Campus Avançado Catalão (2014 – 2015) [manuscrito] / Nádia Gisele
Marques de Souza Nascimento. - 2019.
130 f.

Orientador: Prof. Dr. Wolney Honório Filho.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Unidade
Acadêmica Especial de Educação, Catalão, Programa de Pós-Graduação
em Educação, Catalão, 2019.

Bibliografia. Apêndice.

Inclui siglas, abreviaturas, tabelas, lista de figuras, lista de tabelas.

1. Evasão Escolar. 2. Ensino Técnico Profissionalizante. 3.
Narrativas (auto)biográficas. I. Honório Filho, Wolney, orient. II. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
REGIONAL CATALÃO
UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
Av. Lamartine P. Avelar, 1.120 Setor Universitário, Bloco H, Sala 1A – Catalão (GO)
CEP 75704-020 - Fone (64) 3441-5366
Coordenação E-mail: ppgeduc.ufg@gmail.com
Secretaria E-mail: secretariappgeduc@gmail.com

**ATA DA 110ª SESSÃO PÚBLICA DE JULGAMENTO DA DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE
NÁDIA GISELE MARQUES DE SOUZA NASCIMENTO**

ATA DA COMISSÃO EXAMINADORA DESIGNADA PELA COORDENADORIA DO PPGEDUC PARA JULGAMENTO DA DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO DE NADIA GISELE MARQUES DE SOUZA NASCIMENTO.

Em 16/12/2019, às 2:30:00 PM, na SALA 203 - LAMUL, BLOCO L DA UFG/REGIONAL CATALÃO, da UFG/Regional Catalão, teve lugar a 110ª Sessão Pública de Defesa de Dissertação do Mestrado em Educação da UFG/Regional Catalão, de **NÁDIA GISELE MARQUES DE SOUZA NASCIMENTO**, (matrícula nº 2018101197), intitulada: " **A EXPERIÊNCIA DA EVASÃO ESCOLAR NO INSTITUTO FEDERAL GOIANO - CAMPUS AVANÇADO CATALÃO (2014 - 2015)** ". A Banca Examinadora foi composta, pelos seguintes professores **WOLNEY HONÓRIO FILHO** (PPGEDUC, UFG/Regional Catalão – Orientação e Presidente da Banca), **JULIANA PEREIRA DE ARAUJO** (PPGEDUC, UFG/Regional Catalão – Membro Interno) e **MARIA ZENEIDE CARNEIRO MAGALHÃES DE ALMEIDA** (PUC-GO). Os examinadores, na ordem citada, arguiram o mestrando(a) sobre a dissertação apresentada, tendo o(a) mesmo(a) explicado e/ou rebatido às críticas formuladas pelos arguidores. Após a conclusão da defesa foi suspensa a Sessão Pública e, em Sessão Secreta, os arguidores atribuíram seus conceitos. Reaberta a Sessão Pública foi anunciado o resultado final: **DEFESA APROVADA**, fazendo jus, portanto, ao **titulo de Mestre em Educação**, de acordo com o artigo 57 do Regulamento do Programa de Pós-Graduação em Educação/Regional Catalão. Nada mais havendo a registrar, foi lavrada a presente ata, que vai assinada pelos Membros da Comissão Examinadora Programa de Pós-Graduação em Educação da UFG/Regional Catalão, em 16/12/2019

WOLNEY HONÓRIO FILHO

PPGEDUC, UFG/Regional Catalão

JULIANA PEREIRA DE ARAUJO

PPGEDUC, UFG/Regional Catalão

MARIA ZENEIDE CARNEIRO MAGALHÃES DE ALMEIDA

PUC-GO

DULCÉRIA TARTUCI

Coordenação do PPGEDUC

DEDICATÓRIA

Dedico esta produção ao meu pai, Maurício Marques de Souza, que sempre me incentivou nos estudos. Tenho certeza que, onde quer que ele esteja, de alguma forma contribuiu com esta conquista.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus e ao mestre Jesus, por atender minhas preces e permitir que eu tivesse saúde, força e sabedoria para superar as dificuldades que surgiram no caminho.

Agradeço também ao meu marido Emerson, meus filhos Pablo, Cauê e Luca, minha mãe Ângela, minha tia Luciene e tio Jersen por sempre me fazerem acreditar que eu era capaz deste mestrado.

A minha secretária Maria, que vivenciou comigo minhas angústias, meus momentos de extrema exaustão física e mental.

A Universidade Federal de Goiás/UFCAT pelo compromisso com a pesquisa em educação e ao corpo docente da linha Políticas Educacionais, História da educação e pesquisa (auto)biográfica, Dr. Wolney Honório Filho, Dr^a Fernanda Barros, Dr.^a Maria Aparecida Almeida Barros, Dr^a Juliana Pereira de Araújo e Dr.^a Rita Tatiana Erbs pelo carinho, atenção que tiveram com a turma, sem esse apoio não conseguiríamos chegar até aqui.

Ao professor Dr. Wolney Honório Filho, que tive a honra de poder ter como orientador de minha pesquisa, sempre me dando suporte e incentivo.

E não podia deixar de registrar meus agradecimentos ao Instituto Federal Goiano, que acredita na política de capacitação dos servidores técnico administrativos, disponibilizado editais de afastamento e bolsas de incentivo a pesquisa.

Enfim a todos que direta ou indiretamente fizeram parte deste momento tão importante em minha história de vida.

RESUMO

A evasão escolar é um dos problemas mais antigos e complexos para o qual o sistema educacional brasileiro busca encontrar respostas e soluções. Para muitos autores - como Patto (1997) e Arroyo (1992) - esta complexidade se dá pelo fato da evasão escolar envolver questões multifatoriais que estão inseridas num contexto mais amplo, a do fracasso escolar que envolve aluno, escola, família, questões socioeconômicas e culturais. No entanto, percebe-se que esta discussão ainda é muito recente no contexto do ensino técnico, com poucos trabalhos que referenciam esta temática. Percebendo a complexidade e relevância do debate sobre o fenômeno da evasão escolar, esta pesquisa traz como objeto de investigação a evasão escolar no ensino técnico profissionalizante. Para tanto, embasamos na seguinte pergunta: qual é a experiência da evasão escolar na perspectiva do aluno? Nosso objetivo geral foi compreender a evasão escolar do curso Técnico em Informática, do Instituto Federal Goiano – Campus Avançado Catalão, a partir das experiências narradas pelos alunos. E, para atingirmos este propósito, traçamos quatro metas: Localizar o fenômeno da evasão no ensino técnico, partindo da análise estrutural e funcional das escolas técnicas no Brasil, Goiás e Catalão; descrever o processo de implantação do Instituto Federal Goiano Campus Catalão; Conhecer as histórias de vida dos sujeitos da pesquisa através das narrativas (auto) biográficas, interpretar os significados do fenômeno da evasão a partir das experiências vividas pelo aluno que abandonou o curso. Nosso recorte temporal se dá entre os anos de 2014 e 2015 e, para a realização deste estudo - que se encontra dentro da linha das Políticas Educacionais, Histórias da Educação e Pesquisa (Auto) biográfica – foram utilizadas como fonte de pesquisa as narrativas (auto) biográfica fundamentadas nos conceitos teóricos de Delory- Momberger (2012), Passegi (2011) e Bolívar (2002). Pautamos também em fontes documentais para realizarmos uma análise das estruturas e funcionalidade do ensino técnico no Brasil, bem como do Campus Avançado Catalão e do curso Técnico em Informática. A produção dos dados se deu por meio de uma entrevista/conversa com um grupo de 6 alunos que abandonaram o curso. Com isso, obtivemos narrativas (auto) biográficas as quais possibilitaram conhecer suas histórias de vida, as razões e as circunstâncias que os fizeram abandonar o referido curso. Para os dados utilizamos a análise de conteúdo pautada em Bardin (2010). As biografias desses alunos nos deram a oportunidade de interpretar os fatos narrados por eles e vimos que os impactos da evasão escolar não podem ser considerados totalmente negativos, como é colocado em alguns trabalhos. Isso porque, apesar de terem abandonado o curso, os estudantes não desistiram de procurar outros níveis e modalidades de ensino.

Palavras-chave: Evasão Escolar. Ensino Técnico Profissionalizante. Narrativas (auto) biográficas.

ABSTRACT

School dropout is one of the oldest and most complex problems for which the Brazilian educational system seeks to find answers and solutions. For many authors - such as Patto (1997) and Arroyo (1992) - this complexity is due to the fact that school dropout involves multifactorial issues that are inserted in a broader context, that of school failure involving student, school, family, socioeconomic and cultural issues. However, it is clear that this discussion is still very recent in the context of technical education, with few studies that refer to this theme. Realizing the complexity and relevance of the debate on the phenomenon of dropout, this research brings as object of investigation the dropout in vocational technical education. To this end, we base ourselves on the following question: what is the experience of dropout from the student's perspective? Our overall objective was to understand the meaning of the dropout process of the Computer Technician course of the Instituto Federal Goiano - Campus Avançado Catalão, from the life experiences narrated by the students. And, to achieve this purpose, we set four goals: to locate the phenomenon of dropout in technical education, starting from the historical analysis of the implementation and consolidation of technical schools in Brazil, Goiás and Catalão; describe the implementation process of the Instituto Federal Goiano - Campus Catalão; know the life stories of the research subjects through (self) biographical narratives; finally, to interpret the meanings of the dropout phenomenon from the experiences lived by the student who dropped out of the course. Our time frame is between 2014 and 2015 and, for this study - that is within the line of Educational Policies, Education Stories and (Auto) biographical Research - were used as source of research the (auto) biographical narratives based on the theoretical concepts of Delory-Momberger (2012), Passegi (2011) and Bolívar (2002). We also guided on documentary sources to conduct an analysis of the structures and functionality of technical education in Brazil, as well as the Campus Avançado Catalão and the Computer Technician course. Data were produced through an interview / conversation with a group of 6 students who dropped out of the course. With this, we obtained (self) biographical narratives which made it possible to know their life histories, the reasons and circumstances that made them abandon the course. For the data we use the content analysis based on Bardin (2010). The biographies of these students gave us the opportunity to interpret the facts narrated by them and we have seen that the impacts of dropout cannot be considered totally negative, as it is put in some works. This is because, despite having dropped out of the course, students did not give up looking for other levels and modality of education.

Keywords: School Dropout. Vocational Technical Education. (Self) biographical narratives.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Dissertações da UFG e da PUC-Goiás que trabalham com a temática da evasão escolar.....	19
Quadro 2. Principais produções da professora Rosemary Dore referentes à evasão escolar no Ensino Técnico profissionalizante, realizados em Universidades e programas de pesquisa entre os anos de 2011 a 2017.....	20
Quadro 3. Relação de alunos matriculados em cursos ofertados nos Institutos Federais.	32
Quadro 4. Taxa de evasão escolar nos cursos técnicos do IF Goiano.	35
Quadro 5. Fluxo escolar no Instituto Federal Goiano Campus Avançado Catalão.	36
Quadro 6. Matriz curricular do curso Técnico em Informática: 1º semestre.....	43
Quadro 7. Matriz curricular do curso Técnico em Informática: 2º semestre.....	44
Quadro 8. Matriz curricular do curso Técnico em Informática: 3º semestre.....	45
Quadro 9. Perfil e idade dos alunos entrevistados.....	46
Quadro 10. Quadro-Síntese da história de vida dos sujeitos entrevistados.	54
Quadro 11. Quadro descritivo dos motivos do abandono relatados pelos alunos.	62
Quadro 12. Descrição das categorias encontradas dentro e fora do ambiente escolar.	62

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Quantidade de escolas por Fase de Expansão da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica.....	30
Tabela 2. Número de alunos matriculados por eficiência acadêmica de concluintes (EAC), análise dos menores índices.....	35
Tabela 3. Relação de alunos matriculados por turma e por período do curso Técnico em Informática do Campus Avançado Catalão.	37

LISTA DE SIGLAS

BDTD	Banco Digital de Teses e Dissertações
CEFET	Centro Federal de Educação Tecnológica
FIC	Formação Inicial e Continuada
FUNDEB	Fundo Nacional de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e Valorização dos Profissionais da Educação
FUNDEF	Fundo de Desenvolvimento do Ensino Fundamental
GO	Goiás
IDM	Índice de desenvolvimento Municipal
IES	Instituição de Ensino Superior
IF Goiano	Instituto Federal Goiano
IFG	Instituto Federal de Goiás
IFs	Institutos Federais
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais
ITEGO	Instituto Tecnológico do Estado de Goiás
MEC	Ministério da Educação
PDI	Plano de Desenvolvimento Institucional
PNP	Plataforma Nilo Peçanha
PPGEDUC	Programa de Pós-Graduação em Educação
PRONATEC	Programa nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego
RC	Regional Catalão
SciELO	Scientific Electronic Library Online
SENAC	Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial
SENAI	Serviço Nacional de Aprendizagem Nacional
SETEC	Secretaria de educação profissional e tecnológica
TCU	Tribunal de Contas da União
UFG	Universidade Federal de Goiás

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
A Escolha do Objeto de Pesquisa	15
Referencial Teórico e Percorso Metodológico	17
CAPÍTULO I: O ENSINO TÉCNICO E A EVASÃO ESCOLAR	24
1.1 Estrutura e Funcionalidade do Ensino Técnico Profissional no Brasil	25
1.2 Problematização da Evasão Escolar no Contexto da Política de Expansão da Rede Federal de Ensino.....	29
1.3 Considerações Parciais.....	38
CAPÍTULO II: O CAMPUS AVANÇADO CATALÃO E O CURSO TÉCNICO EM INFORMÁTICA.....	39
2.1 A escolha do Município de Catalão para implantação do campus avançado do Instituto Federal Goiano	39
2.2 O Instituto Federal Goiano Campus Avançado Catalão	40
2.3 O Curso Técnico de Informática	42
2.4 Fatores que Influenciaram os Sujeitos Entrevistados a Fazerem o Curso Técnico em Informática no IF Goiano Campus Avançado Catalão	45
2.4.1 Motivos	47
2.5 Considerações Parciais	49
CAPÍTULO III: OS SUJEITOS DA PESQUISA.....	51
3.1 A Narrativa como fonte de pesquisa	51
3.2 Os Sujeitos da Pesquisa	53
3.2.1 Weber José de Oliveira	54
3.2.2 Jaqueline de Fátima Barbosa	55
3.2.3 Daniel Silva de Souza.....	56
3.2.4 Lincoln Pires da Silva.....	57
3.2.5 Ezequiel Antônio da Silva	58
3.2.6 Juslene Cardoso Marciano	59
3.3 Considerações Parciais	60
CAPÍTULO IV: A EXPERIÊNCIA DA EVASÃO ESCOLAR.....	61
4.1 Evasão Escolar: Uma Análise Bibliográfica.....	61
4.2 Mudança de Turno	63
4.3 Dificuldade de Aprendizagem	64

4.4	Transporte	66
4.5	Incompatibilidade	67
4.6	Família	68
4.7	Doença.....	70
4.8	Considerações Parciais	72
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	74
	REFERÊNCIAS	77
	APÊNDICE A: ROTEIRO DE ENTREVISTA COM OS ALUNOS EVADIDOS DO CURSO TÉCNICO EM INFORMÁTICA DO INSTITUTO FEDERAL GOIANO – CAMPUS AVANÇADO CATALÃO.....	82
	APÊNDICE B: TRANSCRIÇÕES DAS CONVERSAS REALIZADAS COM OS PARTICIPANTES	84
B.1.	Weber José de Oliveira	84
B.2.	Jaqueline de Fátima Barbosa	94
B.3.	Daniel Silva de Souza.....	102
B.4.	Lincoln Pires da Silva	108
B.5.	Ezequiel Monteiro da Silva	114
B.6.	Juslene Cardoso Marciano.....	122

INTRODUÇÃO

“A evasão escolar está dentre os temas que historicamente faz parte dos debates e reflexões no âmbito da educação pública brasileira e que infelizmente, ainda ocupa até os dias atuais, espaço de relevância no cenário das políticas públicas e da educação em particular” (QUEIROZ, 2001, p. 1).

A evasão escolar é um tema que vem atravessando décadas de discussão e continua sendo objeto de investigação de muitos pesquisadores, talvez pela complexidade de fatores que estão envolvidos na sua discussão ou pela ineficiência das ações que foram sendo desenvolvidas para combater este fenômeno.

Ao buscarmos por pesquisas que abordassem a temática da evasão escolar, percebemos que há uma tendência em investigar as causas e consequências desse fenômeno. Embora este fato seja algo muito presente, Rumberger (2011) diz que uma grande variedade de fatores, dentre eles os relacionados à escola, família e trabalho, pode contribuir para o fenômeno da evasão e a interação entre eles torna difícil determinar um critério de causa, uma vez que novos elementos vão surgindo conforme as relações que vão sendo estabelecidas dentro e fora da escola.

Mas não somente a evasão como também a reprovação, a dificuldade de aprendizagem e tantos outros, são elementos que compõem um debate maior, o do fracasso escolar. E na busca por compreender a construção do conceito de fracasso escolar no contexto da educação pública no Brasil, verificamos que esta expressão começa a ser conceituada e problematizada no início do século XX, momento em que ocorreram vários fatos que marcaram as relações econômicas, políticas e sociais no país, causando profunda transformação no sistema educacional. Assim, o debate do fracasso escolar surge inicialmente no campo da sociologia onde a abordagem era as questões de desigualdade social e da psicologia questionando o desenvolvimento cognitivo da criança e somente mais tarde o fracasso escolar passa a ser compreendido também como um objeto de pesquisa no campo da história da educação.

A partir dos anos de 1930 as produções realizadas no Brasil sofreram forte influência das concepções e conceitos do movimento progressista de John Dewey¹, que levantava a discussão do papel social da escola e a democratização do ensino. Dentre os adeptos a esse movimento podemos destacar Lourenço Filho e Fernando de Azevedo, responsáveis por

¹ John Dewey: filósofo, pensador da educação e ativista social. Vislumbrou concepções inovadoras para o campo da educação. Investigou na sociedade as razões que impedem a realização dos ideais da educação. DEWEY, John. Democracia e educação: Capítulos essenciais. Apresentação e comentários: Marcus Vinicius da Cunha; tradução: Roberto Cavallari Filho. São Paulo: Ática, 2007.

organizar um dos documentos mais importantes na história da educação pública no Brasil, o Manifesto dos Pioneiros².

E com a criação do Instituto Nacional de Pesquisas educacionais (1932) e mais tarde do Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais (1955), estes documentos passaram a ser publicados, tornando-se acessíveis como fonte de investigação para os novos pesquisadores. Como podemos ver nos relatos de Ferreira (2008):

Naquele período, a entrada em funcionamento do Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais (CBPE) e dos Centros Regionais de Pesquisas Educacionais (CRPEs), dentro da estrutura já existente do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP), órgão subordinado ao então Ministério da Educação e Cultura, representou um importante estímulo ao desenvolvimento de pesquisas em ciências sociais sobre questões relacionadas à educação brasileira, seja por meio da contratação de pesquisadores formados nessa área do conhecimento para integrar seus quadros permanentes, seja pelo financiamento a projetos em ciências sociais elaborados fora dessas instituições. (FERREIRA, 2008, p. 8).

As pesquisas realizadas por estas instituições (CBPE/INEP), revelaram as fragilidades da escola pública no Brasil e seu fracasso quanto ao seu papel social no combate às desigualdades sociais, culturais e econômica. Dentro deste contexto, podemos citar os trabalhos de Moreira (1954), Boisson (1949) e Werebe (1963), que vão trazer como objeto central de investigação a instituição escolar, com o intuito de compreender a crise do ensino público no Brasil.

A partir de 1980, o conceito de fracasso escolar se amplia e ganha novos elementos para a discussão, dentre eles a problemática da evasão escolar. Estão entre estes intelectuais Romanelli (2013) e Queiroz (2001), que discutem os fatores econômicos que atuam na educação, e Brandão, Baeta e Rocha (1983), que traz uma análise do impacto do movimento escolanovista no Brasil numa discussão mais política; Patto (1988, 1991), que discute o fracasso escolar e as políticas de enfrentamentos; Arroyo, que faz um contraponto entre o sucesso e o fracasso escolar, ressaltando a questão cultural do sujeito e Charlot (2000), que discute o fracasso escolar e suas relações com o ensino e a aprendizagem do aluno.

Percebemos que o fracasso escolar é dentre os problemas do sistema educacional brasileiro, o mais analisado e discutido por professores, pedagogos e profissionais da educação.

² O Manifesto dos pioneiros foi um movimento que propunha a renovação educacional no início da Segunda República e estava alicerçado nas teorias psicológicas de Lourenço Filho, na contribuição sociológica de Fernando de Azevedo e no pensamento filosófico e político de Anísio Teixeira. (SANDER, 2007, p.28)

Assim como o fracasso escolar, o fenômeno da evasão escolar também foi ganhando visibilidade e espaço nas discussões no campo da educação brasileira.

No entanto, falar de evasão escolar não é uma tarefa simples, pois envolve muitos fatores como a escola, aluno, família, questões sociais, econômicas e culturais, e suas interações e desdobramentos o que torna o tema muito complexo.

E ao buscarmos conhecer como vem sendo discutido o fenômeno da evasão escolar no ensino técnico, fomos surpreendidos com as poucas produções que encontramos, mesmo sabendo que existe um campo vasto de possibilidades de investigação nesta modalidade de ensino, pois os Institutos Federais atualmente oferecem o ensino médio integrado ao técnico, técnico concomitante, ensino a distância, ensino superior e pós-graduação. Além dos cursos de curta duração, os FICs e o PRONATEC. Os estudos de Araújo (2013) nos mostram que apesar de haver uma procura maior pelo ensino técnico integrado ao ensino médio, a taxa de evasão nesse nível e modalidade de ensino é baixa, pois o perfil do aluno que procura o ensino técnico integrado ao ensino médio, geralmente são adolescentes que estão sob a responsabilidade financeira dos pais e precisam do ensino médio. Já nas modalidades concomitante e subsequente, a evasão escolar é mais comum, sendo que os alunos do concomitante geralmente são mais velhos, casados e a maioria já trabalham.

Neste sentido, a pesquisa apresenta como objeto de investigação a evasão escolar no ensino técnico na perspectiva de alunos que abandonaram o curso. e para a realização deste estudo, que se encontra dentro da linha das Políticas Educacionais, Histórias da Educação e Pesquisa (Auto) biográfica, utilizamos as narrativas (auto) biográfica dos alunos evadidos, sendo orientada pelo professor Dr. Wolney Honório Filho.

O objetivo geral de nossa investigação é compreender a evasão escolar do curso Técnico em Informática, do Instituto Federal Goiano – Campus Avançado Catalão, a partir das experiências narradas pelos alunos. E para atingirmos este propósito, buscaremos especificar o tema em tópicos onde se pretende:

- 1) Localizar o fenômeno da evasão escolar no ensino técnico, partindo da análise estrutural e funcional das escolas técnicas no Brasil, Goiás e Catalão;
- 2) Descrever o processo de implantação do Instituto Federal Goiano Campus Catalão;
- 3) Conhecer as histórias de vida dos sujeitos da pesquisa através das narrativas (auto) biográficas,
- 4) Interpretar os significados do fenômeno da evasão escolar a partir das experiências vividas pelo aluno que abandonou o curso.

A pesquisa está estruturada em quatro capítulos e cada um busca atender as expectativas traçadas nos objetivos específicos esperando que todos venham a responder à pergunta norteadora da investigação: Qual é a experiência da evasão escolar na perspectiva do aluno?

A nosso recorte temporal se dá entre os anos de 2014 e 2015, momento em que é realizado o primeiro processo seletivo do Instituto, dando início às primeiras turmas do Curso Técnico em Informática do Instituto Federal Goiano, campus Avançado Catalão.

Nossos sujeitos foram alunos que abandonaram o curso Técnico em Informática do Instituto Federal Goiano Campus Avançado Catalão e as narrativas foram colhidas através de entrevistas realizadas com o suporte de multimídias, preferencialmente gravadores de celulares. A análise do conteúdo destas narrativas é o caminho que escolhemos para compreendermos a questão norteadora desta pesquisa

A Escolha do Objeto de Pesquisa

Meu primeiro contato com o Instituto Federal Goiano foi em 2003, quando meu marido, Emerson do Nascimento, resolveu fazer o concurso para professor temporário de Matemática no campus Urutaí. Naquela época, eu era professora efetiva da rede municipal e professora temporária da rede estadual. Foi um período difícil, pois trabalhávamos exaustivamente manhã, tarde e noite e meu marido trabalhava ainda nos sábados, como professor da Universidade Estadual de Goiás de Pires do Rio, cidade onde morávamos desde de 1995. Nesta mesma Universidade fiz meu curso de Licenciatura em História que conclui no ano de 2002.

Em 2004, surgiu o concurso para professor efetivo na Unidade Ensino descentralizada de Morrinhos, era assim a denominação dos campi recém-criados e que dependiam administrativamente e financeiramente de outros, neste caso a UNED Morrinhos dependia de Urutaí. Então meu marido se efetiva como professor de matemática na unidade de Morrinhos e eu permaneci em Pires do Rio, na expectativa do seu retorno ou a minha ida. Para minha sorte, a professora de História da UNED Morrinhos, resolve voltar para sua cidade, o que tornou possível a abertura da vaga para concurso de professor temporário de História, no qual fui abençoada com a aprovação.

Então, estava eu lá, 12 de outubro de 2004, na UNED Morrinhos, como professora de História. Nesta nova fase de minha vida, tivemos muitas conquistas: conseguimos construir nossa casa, tivemos nosso terceiro filho e o Emerson pode fazer o mestrado interinstitucional

com a Universidade Federal do Rio de Janeiro, parceria que existe com os IFs, além de poder ter a experiência de participar da gestão desta unidade.

No final de 2012, o governo Federal começa a discutir a última fase do projeto de expansão das redes federais de ensino tecnológico e isto despertou em mim a vontade de retornar para perto de minha mãe, irmã e sobrinhos, já que nesta ocasião meu pai já tinha falecido. Se cogitava a possibilidade da implantação de um campus avançado em Catalão, cidade vizinha de Goiandira, minha terra Natal. Não me hesitei, logo procurei informações sobre o processo de redistribuição. No início foi difícil convencer meu marido a irmos para Catalão, pois tínhamos acabado de construir nossa casa e morávamos nela havia apenas um ano. Mas eu não abria mão desta oportunidade, e assim protocolei minha redistribuição no Recursos Humanos de Morrinhos em julho de 2013 no final deste mesmo ano estava eu lá em Catalão, pronta para ajudar a implantar o campus Avançado.

Durante o período de implantação do Instituto Federal Goiano Campus Avançado Catalão, final de 2013 e início de 2014, fui convidada a participar da gestão no cargo de gerente de ensino. Naquela ocasião, final de 2013, uma comissão foi criada para elaborar o projeto político pedagógico do curso técnico em Informática que seria implantado no início de 2014. Tivemos que criar o curso, estruturar o quadro de professores, adquirir equipamentos para montar laboratórios e salas de aula, ou seja, um grande esforço financeiro e humano foi necessário.

No início do ano de 2014, foi realizado o primeiro processo seletivo do curso Técnico em Informática na modalidade concomitante para os períodos vespertino e noturno, no qual foram ofertadas 60 vagas, nas quais 58 foram preenchidas.

E no final do primeiro semestre do ano de 2014, quando foi realizado o primeiro conselho de classe do curso, constatamos um número significativo de alunos desistentes, o que nos deixou muito preocupados. A situação foi só se agravando e no último período do curso, primeiro semestre de 2015, o número de alunos que tinham abandonado o curso nos surpreendeu, pois de 58 alunos matriculados, apenas 7 alunos estavam cursando e conseguiram concluir o curso, ou seja, 88,33% dos alunos desistiram no meio do processo por algum motivo.

Não conseguia compreender como aquele fenômeno da evasão tinha se concretizado de uma forma tão impactante naquelas duas salas de aula do curso Técnico em Informática. Muitas perguntas me inquietavam: Quais os motivos que levaram esses alunos a desistir dos estudos no meio de um ciclo de estudos? Por que alunos que conseguiram ser aprovados num processo seletivo para uma instituição pública de ensino gratuito e de qualidade abandonam a

escola? Estas questões foram as responsáveis pela escolha do tema evasão escolar despertando o desejo em compreender o fenômeno no Instituto Federal Goiano Campus Avançado Catalão no curso técnico em informática.

Referencial Teórico e Percurso Metodológico

Encontramos nos autores Romanelli (2013), Queiroz (2005,2011), Brandão (1983), Patto (1988, 1991), Arroyo (1992) e Charlot (2000, 2002), referências para o debate acerca da evasão escolar no contexto do fracasso escolar. Estes autores vão se diferenciar nos seus trabalhos quanto a análise das questões internas (prática pedagógica, gestão educacional) e externas (família, sociedade, cultura) que provocam este fenômeno da evasão escolar, como podemos observar nos trabalhos de Queiroz (2011):

Vários estudos têm apontado aspectos sociais considerados como determinantes da evasão escolar, dentre eles, a desestruturação familiar, as políticas de governo, o desemprego, a desnutrição, a escola e a própria criança, sem que, com isto, eximam a responsabilidade da escola no processo de exclusão das crianças do sistema (QUEIROZ, 2011, p. 2)

Nesta passagem, a autora apresenta algumas questões sociais como a “desestruturação familiar, o desemprego” como responsáveis pelo fenômeno da evasão escolar. Dentro desta perspectiva encontramos também Brandão (1983) que discute o papel da família como fator determinante do rendimento escolar, pois para ele quanto mais elevado o nível da escolaridade dos pais, mais consciência eles terão da importância dos estudos e por isso mais incentivo a criança terá para enfrentar os obstáculos e permanecer estudando.

Existe também a vertente que vai analisar elementos internos à escola como produtores desse fracasso escolar, discutindo o papel do aluno, do professor, da gestão. Charlot (2002) representa este grupo ao afirmar que:

Quando o aluno não entende nada e a professora continua ensinando, ela está construindo o fracasso. O que é terrível é que é quase impossível levar em consideração cada aluno na sua singularidade. Deve-se, então, entender que o fracasso escolar se constrói também no dia-a-dia da sala de aula. Concordo quando se diz que a responsabilidade está na desigualdade social, na globalização, mas não é por essa razão que tenho o direito de deixar meu aluno sem entender nada do que estou ensinando. Temos que considerar que nossas práticas são importantes (CHARLOT, 2002, p. 28).

Aqui, podemos perceber que as práticas pedagógicas adotadas pelo sistema de ensino são as maiores responsáveis pelo fracasso escolar, que por sua vez gera a repetência e, por

fim, a evasão do aluno. Nesta mesma linha de pensamento temos o trabalho de Patto (1991) que também discute os problemas pedagógicos, como podemos perceber nesta passagem:

Neste contexto, sem ignorar as questões extraescolares, não se pode deixar de enfrentar que, os fracassos escolares, bem como a evasão, constituem um problema pedagógico. É no estudo do cotidiano da escola que vários autores têm apontado possibilidades concretas de transformação de suas práticas, como forma de enfrentamento do problema (PATTO, 1991, p. 238).

Para Patto (1991), os problemas pedagógicos são compreendidos como a dificuldade de aprendizagem, as práticas pedagógicas, ao currículo escolar, ou seja, a escola como sendo a maior responsável por esse fracasso.

Podemos partir da hipótese de que existe entre nós uma cultura do fracasso que se alimenta dele e o reproduz. Cultura que legitima práticas, rotula fracassados, trabalha com preconceitos de raça, gênero e classe, e que exclui porque reprovar faz parte da prática de ensinar-aprender avaliar. A cultura do fracasso se alimenta da própria condição dos setores populares, ou dos preconceitos em relação ao papel social previsto para essa infância e adolescência: para ser pedreiro, faxineira, vaqueiro, empregada doméstica... são mais do que suficiente - nem sequer necessário o domínio de habilidades elementaríssimas de leitura, escrita e cálculo; para que ocupá-los na escola e ocupar tempos, espaços, material didático, além das primeiríssimas séries? (ARROYO, 1992, p. 48)

No sentido colocado por Arroyo (1992), existe uma cultura do fracasso que determina a saída do aluno da escola quando ele adquire as habilidades básicas de leitura, escrita e cálculo. Esta cultura está relacionada principalmente à família, que não consegue enxergar na escola uma instituição que ofereça condições de mudar a realidade sócio econômica dos alunos, por isso não se opõem a saída do filho da escola, mas ao contrário, apoia sua inserção precocemente no mercado de trabalho.

Na busca por conhecer como vem sendo trabalhado em Goiás a temática do fracasso escolar e os elementos que compõem esse processo, encontramos importantes produções da professora Dr.^a Elianda Figueiredo Arantes Tiballi (1998, 2010). Suas produções acadêmicas, em síntese trazem uma análise profunda das dificuldades enfrentadas pelo sistema educacional brasileiro, a partir dos anos de 1920, numa discussão sobre as questões político-social e pedagógica que contribuíram para o que ela denomina de fracasso da escola pública ou a crise da educação. Como ela descreve nesta passagem:

A escola descrita é insuficiente, inadequada e seletiva, e neste tripé esteve sustentada a constituição do discurso sobre o fracasso escolar que se fez tendo por ideia central o fracasso da escola pública brasileira. A escola era descrita como insuficiente por não oferecer vagas suficientes para o atendimento da população em idade escolar, inadequada por desenvolver currículos obsoletos e manter uma organização pedagógica distante das necessidades de modernização da sociedade e seletiva porque assim,

inadequada e ineficiente, selecionava os “mais aptos”, deixando fora dela a grande maioria da população em idade escolar (TIBALLI, 1998, p. 9).

Percebe-se que a autora traz uma percepção do fracasso escolar, através de uma análise crítico social do papel das escolas públicas brasileiras, ressaltando a ineficiência do ensino para atender a política de universalização e democratização do saber, proposta pelo governo federal, no início do século XX.

Ainda sobre o fracasso escolar em Goiás, partimos para uma busca na Biblioteca digital da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC) e da Universidade Federal de Goiás (UFG), onde encontramos as seguintes dissertações:

Quadro 1. Dissertações da UFG e da PUC-Goiás que trabalham com a temática da evasão escolar.

TÍTULO DA OBRA	AUTOR	ORIENTADOR	DATA DE PUBLICAÇÃO	INSTITUIÇÃO
Permanência e êxito no ensino médio integrado do IFG Uruaçu: orientações para qualificação e acompanhamento de estudantes	Marcilene Dias Bruno de Almeida	Gene Maria Vieira Lyra-Silva	2019	Universidade Federal de Goiás
Estudo sobre a evasão em cursos de graduação presenciais na Universidade Federal de Goiás – UFG (dissertação)	Thays Santos Souza	Paulo Alexandre de Castro	2017	Universidade Federal de Goiás
Fatores institucionais associados à evasão na educação superior	Alessandro pires de Carvalho	Marcos de Morais Sousa	2017	Universidade Federal de Goiás
Evasão escolar na educação profissional técnica de nível médio: o curso técnico agropecuário no IFGoiano.	Mirian Antônia Soares Filha	Darci Rodão de Carvalho Sousa	2018	Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Fracasso Escolar no Ensino Médio: As explicações dos Professores, Gestores e Alunos	Maria Marlene Miranda Aguiar	Elianda Figueiredo Arantes Tiballi	2015	Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Trajetória de vida e evasão escolar de Jovens de um Bairro da periferia de Aparecida de Goiânia	Vinicius Oliveira Seabra Guimarães	Aldimar Jacinto Duarte	2016	Pontifícia Universidade Católica de Goiás

Fonte: Repositórios de Dissertações e Teses da Universidade Federal de Goiás e da Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Elaboração da autora, 2019.

Através das dissertações referenciadas, podemos observar que as pesquisas desenvolvidas nestes dois centros acadêmicos, têm como sujeitos Jovens e Adultos do ensino médio ou da graduação. Nota-se que novos conceitos estão sendo incorporados nesta

discussão, como por exemplo o acesso, permanência e êxito, trajetória de vida, exclusão, democratização do ensino, conceitos que estão ganhando cada vez mais espaço no discurso do fracasso escolar.

Ao iniciamos a busca por artigos, dissertações e teses que discutissem a evasão escolar no ensino técnico, percebemos que este tema é recente com poucas produções, por isso muito carente de debate. Dore, Sales e Silva (2017) relacionam a ausência desse estudo ao processo de democratização da escola técnica de nível médio no Brasil, marcado pela Política de expansão da rede Federal de Ensino Técnico profissionalizante, iniciada em 2008.

E uma das autoras que produz trabalhos importantes dentro desta temática é a professora Doutora Rosemary Dore, professora Titular da Faculdade de Educação da UFMG. O quadro abaixo refere-se às principais produções de Rosemary Dore Heijmans relacionadas à Evasão escolar no ensino técnico profissionalizante:

Quadro 2. Principais produções da professora Rosemary Dore referentes à evasão escolar no Ensino Técnico profissionalizante, realizados em Universidades e programas de pesquisa entre os anos de 2011 a 2017

ANO	TIPO DE PRODUÇÃO	TÍTULO	INSTITUIÇÃO VINCULADA
2017	Orientação de pesquisa de tese de doutorado	Perspectiva sobre educação profissional, trabalho e evasão estudantil	Programa Geral de Cooperação Internacional (PGCI) pela universidade Federal de Minas Gerais
2017	Orientação de pesquisa de tese de doutorado	Processo de Evasão e permanência estudantil no Instituto Federal de Minas Gerais e suas relações com os cursos técnicos, cursos de licenciatura e o desenvolvimento de pesquisa científica e aplicada	Programa Geral de Cooperação Internacional (PGCI) pela universidade Federal de Minas Gerais
2011-2015	Projeto de pesquisa de doutorado, mestrado e graduação	Educação Técnica de nível médio da rede Federal de Educação e tecnologia de Minas Gerais: organização do IFETs, políticas para o trabalho docente, permanência/evasão dos estudantes e transição para o ensino superior e para o trabalho	Universidade federal de Minas Gerais
2007-2011	Projeto de pesquisa do programa de observatório da CAPES/INEP a nível de mestrado e doutorado	Educação profissional no Brasil, evasão escolar e transição para o trabalho	Universidade Federal de Minas Gerais
2017	Livro Publicado	Educação Profissional e evasão escolar: contextos e perspectivas	Belo Horizonte: RIMEPES

ANO	TIPO DE PRODUÇÃO	TÍTULO	INSTITUIÇÃO VINCULADA
2011	Artigos completos publicados em periódicos	Política educacional no Brasil: educação técnica e abandono escolar	Revista Brasileira de Pós-graduação RBPG
2011	Artigos completos publicados em periódicos	Permanência e evasão na educação Técnica de nível Médio em Minas Gerais	Cadernos de Pesquisa, Fundação Carlos Chagas

Fonte: Currículo Lattes da professora Rosemary Dore Heijmans, 2019.

Observa-se que a professora Rosemary Dore³ tem importantes produções no campo da educação profissional com ênfase na evasão escolar, trazendo várias abordagens relacionadas a transição do trabalho, a transição para o ensino médio, a permanência e o abandono.

Para compreendermos o fenômeno da evasão escolar estruturamos nossa pesquisa em 4 capítulos. O primeiro capítulo tem por objetivo identificar o debate sobre a evasão no ensino Técnico Profissionalizante no Brasil e em Goiás, com ênfase no processo de expansão da rede, criação dos Institutos Federais e seus desdobramentos. Utilizamos como suporte teórico Manfredi (2002), que faz uma análise do contexto histórico da educação Profissional no Brasil, partindo das relações entre trabalho, escola e profissionalização, dentro de uma perspectiva histórico-sociológica, e Kuenzer (2007), que discute as políticas de implantação do ensino profissionalizante no Brasil, descrevendo o caráter assistencialista e dualista que caracterizava esse modelo de ensino.

Para possibilitar a interpretação da dimensão do processo de crescimento dos Institutos Federais presentes no Brasil, bem como a quantidade de alunos matriculados e evadidos nestas escolas, optamos em elaborar quadros demonstrativos que representasse de forma objetiva e clara os dados retirados em documentos fornecidos pelo Ministério da Educação junto a Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica e o Tribunal de Contas da União.

O segundo capítulo faz uma narrativa da implantação do Instituto Federal Goiano Campus Avançado Catalão. O terceiro apresenta os sujeitos da narrativa, analisando as histórias de vida dos alunos que se desligaram entre os anos de 2014 e 2015, período de implantação da primeira turma do curso técnico em Informática no Campus avançado Catalão. O quarto capítulo faz uma análise e interpretação das experiências que cada aluno vivenciou com o fenômeno da evasão escolar

Para conhecermos a história de vida desses sujeitos, usaremos as narrativas (auto) biográficas como fonte de pesquisa, onde buscaremos nos trabalhos das autoras Delory-

³Escolhemos a professora Rosemary Dore como referencial teórico por observarmos a relevância de sua pesquisa, sendo referenciada em grande parte das dissertações que discute a evasão escolar no ensino técnico.

Momberger (2012) e Passeggi (2011), Bolívar (2002), Clandinin e Connelly (2015) o suporte teórico para a compreensão dos conceitos de narrativas, biografização e experiência, que são essenciais para esta discussão.

Sobre as narrativas, Delory-Momberger (2012) diz que

A narrativa transforma os acontecimentos, as ações e as pessoas do vivido em episódios; em enredo e em personagens; ordena os acontecimentos no tempo e constrói entre eles relações de causa, de consequência, de fim, dando assim, um lugar e um sentimento ao ocasional, ao fortuito, ao heterogêneo. Pela narrativa, os homens tornam-se os próprios personagens de suas vidas e dão a elas uma história (DELORY-MOMBERGER, 2012, p. 39).

Neste sentido compreendemos que é através das narrativas que as experiências de cada aluno que abandonou o curso ganharão sentido. Passeggi (2011) diz que “Entre um acontecimento e sua significação, intervém o processo de dar sentido ao que aconteceu ou ao que está acontecendo” (PASSEGGI, 2011, p. 149).

Compreender a experiência vivida por esses alunos evadidos vai além da análise do fenômeno da evasão escolar, pois “[...] fazer uma experiência com algo significa que algo nos acontece, nos alcança; que se apodera de nós, que nos tomba e nos transforma. ” (HEIDEGGER, 1987, p. 143

A experiência da evasão então só terá significado para o aluno evadido se tiver impactado de alguma forma sua vida e isso somente o aluno poderá nos dizer através de sua narrativa.

Para a escolha dos sujeitos entrevistados, foi solicitado ao registro escolar do Instituto Federal Goiano uma lista com nomes e contatos telefônico de todos os alunos matriculados nos três períodos do curso técnico em informática das duas turmas: vespertino e noturno. Fizemos um levantamento dos alunos que abandonaram o curso no primeiro período, segundo período e daqueles que conseguiram chegar até o último, mas que não concluíram. Durante o levantamento dos alunos que seriam convidados a participar das entrevistas, foi possível identificarmos que dos 58 matriculados, 32 são do sexo masculino e que a idade entre eles era muito heterogenia, pois encontramos alunos adultos com 58 anos de idade e adolescentes com 14 anos de idade, ou seja, a turma formada por adolescentes, jovens e adultos que provavelmente tinham pelo curso técnico em informática as mais variáveis perspectivas.

Para a realização das entrevistas foi dado ao aluno a oportunidade de escolher o local e a hora das entrevistas e cinco dos entrevistados optaram em fazer na escola, e Ezequiel escolheu minha residência por ser caminho da sua faculdade. Os temas que foram abordados nas entrevistas individuais foram questões relacionadas a vida pessoal do aluno (onde e

quando nasceu, profissão dos pais...) a escolarização (onde foi alfabetizado, gostava da escola, dos professores, se chegou a fazer o ensino médio, onde) e vida profissional e o primeiro contato com o Instituto Federal goiano (como conheceu a escola, por que foi fazer o curso, gostava dos professores).

Bolívar, Domingo e Fernández (2001) nos descreve que as entrevistas são a base do método de investigação biográfico:

Dentro de los diversos instrumentos interativos a emplear en la investigación biográfica, la entrevista – em sus diversas variantes y posibles formatos – es la base de la metodología biográfica. Se pueden emplear otras técnicas cualitativas para la recogida de datos (cuestionarios, autoinformes, carpeta de aprendizaje, observaciones del aula y del centro, análisis de documentos, etc.), pero normalmente serán complementarios a la propia entrevista. (BOLÍVAR; DOMINGO; FERNÁNDEZ, 2001, p. 157).

Entendemos que o conteúdo de uma narrativa possibilita ao pesquisador uma variedade de interpretações, por isso optamos pela análise de conteúdo, método trabalhado por Bardin (2011), que nos possibilita interpretar tanto os conteúdos linguísticos da narrativa quanto as manifestações e comportamento do sujeito entrevistado.

Desta forma buscaremos através das narrativas (auto) biográficas dos alunos evadidos compreender as experiências da evasão escolar no curso Técnico em Informática do Instituto Federal Goiano campus avançado Catalão na perspectiva do sujeito que abandonou o curso.

CAPÍTULO I

O ENSINO TÉCNICO E A EVASÃO ESCOLAR

O Objetivo deste capítulo é identificar o debate sobre a Evasão escolar na perspectiva do ensino técnico profissionalizante. Para este debate faz-se necessário contextualizar os aspectos políticos, estruturais e funcionais que caracterizaram esse modelo de ensino.

Temos como aporte teórico os estudos de Kuenzer (2007), Manfredi (2002), Dore e Lüscher (2011). Foram analisadas também fontes documentais disponibilizados pela Plataforma Nilo Peçanha, pelo Tribunal de Contas da União, pelo Ministério da educação, pela Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica pelo Instituto Federal Goiano e pelo Campus Avançado Catalão, onde encontramos dados relevantes para esta discussão.

Entendemos que fenômeno é uma manifestação observável que nos impressiona de uma forma física e moral. Neste sentido procuramos o conceito da palavra fenômeno no dicionário Aurélio (2018) buscando esclarecer o contexto que a usaremos:

Tudo o que está sujeito à ação dos nossos sentidos ou nos impressiona de um modo qualquer (física ou moralmente). 2 - Tudo o que na natureza é momentâneo e sucede poucas vezes. 3 - Tudo o que é extraordinário, raro ou novo; coisa surpreendente. 4 - Pessoa de dotes extraordinários. 5 - Fato; manifestação; sinal, sintoma. (AURÉLIO, 2018, p. 368)

Neste sentido o fenômeno da evasão escolar passa a ser um problema no momento em que ele é observado, analisado e discutido por gestores, professores e órgãos políticos dentro da Rede federal de Ensino Técnico.

Em relação à palavra evasão, encontramos vários sentidos associados:

A evasão escolar tem sido associada a situações tão diversas quanto a retenção e repetência do aluno na escola, a saída do aluno da instituição, a saída do aluno do sistema de ensino, a não conclusão de um determinado nível de ensino, o abandono da escola e posterior retorno. Refere-se ainda àqueles indivíduos que nunca ingressaram em um determinado nível de ensino [...] (DORE; LÜSCHER, 2011, p. 4).

As autoras nos mostram que o conceito de evasão é muito amplo e pode ser associado a vários sentidos. Por isso em nossa pesquisa vamos trabalhar com o sentido do abandono, tentando identificar quais os fatores que influenciam no desejo do aluno em abandonar o curso.

O Projeto Pedagógico do Curso Técnico em Informática do IF Goiano (2014) apresenta usa-se o termo desligamento, que também pode ser compreendido como abandono no contexto da evasão escolar:

Art. 46. Será desligado do curso o estudante que: I- faltar aos primeiros 10 dias letivos consecutivos, no 1º período letivo do curso, sem justificativa devidamente documentada; II- for reprovado por falta ou nota em todos os componentes curriculares no período letivo de ingresso no IF Goiano; III não renovar a sua matrícula, conforme data prevista no calendário acadêmico, por dois períodos letivos, consecutivos ou não; IV- for reprovado por falta ou nota em todos os componentes curriculares matriculadas, em dois períodos letivos; V- for reprovado por três vezes, por rendimento ou frequência, em um mesmo componente curricular; VI- ultrapassar o prazo máximo previsto no PPC para cumprir todas as exigências do curso, incluindo Estágio Curricular, TC, Atividades Complementares; e VII- for penalizado com desligamento em razão de processo disciplinar acadêmico, previsto em regulamento próprio. Art. 47. Os casos de desligamento serão formalizados pelo coordenador de curso, por meio de processo autuado no setor de protocolo do campus. §1º O estudante deve ser formalmente comunicado da possibilidade de desligamento, antes da decisão proferida pelo Conselho de Curso, a fim de garantir o direito ao contraditório e ampla defesa, no curso do processo. §2º O estudante tem o prazo de sete dias, após a comunicação oficial, para apresentar defesa à indicação de desligamento do quadro discente. Art. 48. O estudante desligado poderá entrar com um pedido de reconsideração, formalizado por meio de requerimento, protocolado no campus. (IF GOIANO, 2014b, p. 11).

Segundo o PPC existem várias formas do aluno abandonar o curso: quando ele pede a mudança de turno, de curso ou de modalidade (integrado, concomitante ou subsequente), quando ele é aprovado no vestibular ou no Exame Nacional do Ensino Médio. Na pesquisa vamos nos referir ao abandono do curso concomitante/subsequente.

Para compreendermos como a evasão escolar se manifesta no ensino técnico profissionalizante, faz-se necessário discutir alguns aspectos relevantes que caracterizaram esse modelo de ensino.

1.1 Estrutura e Funcionalidade do Ensino Técnico Profissional no Brasil

A trajetória histórica de implantação e consolidação do ensino técnico no Brasil está relacionada a várias políticas educacionais, marcando profundamente as estruturas e a funcionalidade deste modelo de ensino. Nossa proposta para este capítulo é analisar e discutir os argumentos que deram suporte ao caráter dualista e assistencialista da educação profissional.

Kuenzer (2007) diz que o ensino técnico surge no Brasil para atender um público carente e que tinha a função de preparar os alunos para habilidades técnicas e operacionais. Desta forma, a educação profissional vai se estruturando conforme vão se estabelecendo as relações entre governo, ensino e sistema produtivo. É esta relação entre trabalho e ensino que vai caracterizar a dualidade de funções, onde de um lado o ensino de técnicas para as classes

menos favorecidas economicamente e do outro, o ensino propedêutico e acadêmico para a elite, conforme nos relata Kuenzer (2007):

No Brasil, esta diferenciação correspondeu à oferta de escolas de formação profissional e escolas acadêmicas, que atendiam populações com diferentes origens de classe, expressando-se a dualidade de forma mais significativa no nível médio, restrito, na versão propedêutica, por longo período, aos que detinham condições materiais para cursar estudos em nível superior. A delimitação precisa das funções operacionais, técnicas, de gestão e de desenvolvimento de ciência e tecnologia, típicas das formas tayloristas/fordistas de organizar o trabalho, viabilizava a clara definição de trajetórias educativas diferenciadas que atendessem às necessidades de disciplinamento dos trabalhadores e dirigentes. (KUENZER, 2007, p. 156).

Enquanto as escolas privadas preparavam o aluno para ingressar em uma universidade, o ensino técnico preparava o aluno para ingressar no mercado de trabalho, pois segundo Machado (2010), o ensino profissionalizante tinha um currículo restrito focado em habilidades essencialmente técnicas, o que dificultava o acesso dos alunos ao ensino superior. Por isso que Manfredi (2002) diz que “o ensino profissionalizante no Brasil, surge com a intenção de formação de recursos humanos necessários ao processo produtivo” (MANFREDI, 2002, p. 317). Esta é uma das características predominantes do ensino técnico, ter sua estrutura curricular toda voltada para as habilidades técnicas. Frigotto (1996) diz que:

A educação profissional no Brasil, desde sua criação, em 1809, esteve ligada ao desenvolvimento das forças produtivas, fato que estabeleceu uma forte relação entre educação e trabalho. Essa relação pode ser compreendida em razão da necessidade de habilitar técnica, social e ideologicamente os diferentes grupos sociais para o trabalho, visando responder às necessidades de todo bem econômico aplicável à produção, ou seja, do capital (FRIGOTTO, 1996, p. 26)

Assim, criou-se no Brasil, uma cultura onde o ensino técnico é a forma rápida e eficaz de capacitação, mesmo sabendo que ele não cria serviços, nem tão pouco garante a empregabilidade.

Esta dualidade de funções da educação brasileira passou por vários momentos de transformação, que tem como marco inicial o Decreto-lei n.º 4.422, de 30 de junho de 1942, que estabelecia equivalência de currículo do ensino técnico com o ensino propedêuticos e assim passava a habilitar os alunos para prosseguirem os estudos a nível superior.

Porém durante a ditadura militar no Brasil foi promulgada a lei 5692/71 que trouxe mudanças significativas ao ensino público no Brasil, uma vez que modificou a estrutura de ensino do país, sendo que uma das propostas da lei era tornar obrigatório o ensino profissionalizante em todas as escolas públicas. Para Jacomeli (2010)

A educação, no decorrer do período que vai de 1964 a 1985, relacionou-se à repressão, à privatização do ensino, à exclusão de grande parcela das classes populares do ensino público de boa qualidade, à institucionalização do ensino profissionalizante, à desmobilização do magistério pela via de uma legislação educacional complexa e contraditória e ao tecnicismo pedagógico. Assim, a partir de tal contexto vimos nascer uma “nova” reforma educacional que alterava toda a estruturação do ensino brasileiro, bem como a que nos interessa no presente texto: a Lei 5.692/71. (JACOMELI.2010,p.77)

Segundo a autora um dos objetivos da lei era dificultar o acesso de grande parte dos alunos do ensino médio ao ensino de terceiro grau. Além disso, grande parte das escolas públicas não tinham estruturas para ofertar o ensino profissionalizante, o que gerou o funcionamento precário ou até mesmo o fechamento de várias unidades de ensino. Ou seja, essa nova proposta vinha atender aos interesses do governo militar, que seriam, entre outros, atender o programa de crescimento econômico intitulado “tempo do milagre”, qualificando o maior número de mão de obra.

Podemos dizer que a lei marcava o caráter tecnicista deste modelo de ensino. Segundo Saviani, a pedagogia tecnicista tinha como características:

A partir do pressuposto da neutralidade científica e inspirada nos princípios de racionalidade, eficiência e produtividade, a pedagogia tecnicista advogou a reordenação do processo educativo de maneira a torná-lo objetivo e operacional. De modo semelhante ao que ocorreu no trabalho fabril, pretendeu-se a objetivação do trabalho pedagógico. (SAVIANI, 2013. p.381)

Esse modelo tecnicista esteve presente por muito tempo não somente nas escolas técnicas mas em todo sistema educacional brasileiro até que em 1996, com a promulgação da segunda lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996, e o Decreto n.º 2.208, de 17 de abril de 1997, as escolas técnicas passaram a ter o direito de ampliar as modalidades de ensino, ofertando desde o curso técnico de nível médio, aos cursos tecnológicos de nível superior e cursos na modalidade PROEJA (profissionalizante para jovens e adultos), direcionados para alunos que se encontram em defasagem de idade/ciclo de estudos. Conforme Vieira e Souza Júnior (2017),

A partir daí a expressão Educação Profissional, que constava do artigo 39 da LDBEN, passou para Educação Profissional e Tecnológica. Essa alteração teve por objetivo redimensionar, institucionalizar e integrar as ações da educação profissional técnica de nível médio, da educação de jovens e adultos e da educação profissional e tecnológica aos diferentes níveis e modalidades de educação e às dimensões do trabalho, da ciência, da tecnologia e da cultura. (VIEIRA; SOUZA JÚNIOR, 2017, p. 159)

Podemos dizer que a democratização do ensino técnico acarretou mudanças que alteraram as estruturas do ensino técnico profissionalizante, pois ao ampliar as possibilidades de formação, amplia-se também a oportunidade de acesso aos mais variados públicos (de adolescentes a jovens e adultos) e perfis de aluno (de todas as classes sociais e econômicas).

Mas esta ruptura com o modelo tradicional de ensino técnico levantou algumas questões importantes e uma delas foi a nova identidade deste modelo de ensino, já que ele deixou de ser uma escola exclusivamente destinada as habilidades técnicas de formação para o trabalho, verticalizando seu ensino para a graduação, com oferta de cursos tecnólogos, bacharelado e licenciaturas, além de passar a desenvolver projetos de pesquisa e extensão, ou seja passa a ter uma formação acadêmica. Moraes (2016) faz uma reflexão sobre a funcionalidade e a intencionalidade das escolas técnicas, onde de um lado o ensino técnico, desenvolvendo trabalho manual e do outro o ensino propedêutico voltado ao trabalho intelectual deixando confuso a atuação da Rede Federal de ensino tecnológico. Talvez hoje seja um dos grandes desafios do ensino técnico no Brasil, compreender qual o seu papel formativo, pois não se pode mais afirmar que sua formação seja hoje exclusivamente para o trabalho manual.

A segunda característica marcante do ensino técnico é seu papel social, pois para alguns autores “a educação profissional no Brasil nasce revestida de uma perspectiva assistencialista com o objetivo de amparar os pobres e órfãos desprovidos de condições sociais e econômicas satisfatórias” (ESCOTT; MORAES, 2012, p. 1494), ou seja, surge já com funções e objetivos bem definidos recolher crianças carentes e capacitá-las para o trabalho manual.

Kuenzer (2007) traz uma outra interpretação dizendo que estas escolas tinham “a finalidade moral de repressão: educar pelo trabalho, os órfãos, pobres e desvalidos da sorte, retirando-os das ruas” (KUENZER, 2007, p. 27), e Manfredi (2002) pondera “que, ideologicamente e politicamente, as iniciativas relativas ao ensino profissional constituíam mecanismos de disciplinamento dos setores populares que pretendiam conter o desenvolvimento de ideias e manifestações contrárias à ordem política” (MANFREDI, 2002, p. 78). Assim, para estes autores, a política assistencialista das escolas que ofertavam o ensino técnico tinha na verdade um caráter moralizador com o papel de disciplinar e não educar, pois o que se via estavam preocupados em controlar a violência e a criminalidade nas ruas do Rio de Janeiro.

Sendo para recolher as crianças carentes das ruas para capacitá-las para habilidades manuais, ou para discipliná-las, as duas funções não correspondiam o verdadeiro sentido de uma política assistencialista.

Apesar deste modelo de assistencialismo ter resistido a muitas políticas, aos poucos vamos perceber que ele vai ganhando novas estruturas e se institucionalizando, na busca por uma identidade realmente de assistência social.

Atualmente, o Instituto Federal Goiano, tem o Plano Nacional de Assistência Estudantil do Ensino Técnico Profissionalizante de nível médio, uma política assistencialista, criado através do Decreto N°. 7.234, de 19 de julho de 2010, e tem a missão de “não apenas viabilizar auxílio para alunos em situação de vulnerabilidade social, mas propor, implantar e gerenciar ações de permanência de todos os alunos na Instituição, independente de idade e nível de ensino.” (IF GOIANO, 2015).

O plano tem ações que beneficiam vários setores como por exemplo:

§ 1º As ações de assistência estudantil do PNAES deverão ser desenvolvidas nas seguintes áreas: I - moradia estudantil; II - alimentação; III - transporte; IV - atenção à saúde; V - inclusão digital; VI - cultura; VII - esporte; VIII - creche; IX - apoio pedagógico; e X - acesso, participação e aprendizagem de estudantes com de ciência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades e superdotação (BRASIL, 2010).

O projeto traz uma proposta que envolve desde questões econômicas às questões de aprendizagem. Desta forma, o plano garante aos alunos que moram em lugares distantes, alunos que não têm condições de pagar sua alimentação e transporte, o apoio financeiro necessário a seu acesso e a sua permanência, e ainda se compromete em desenvolver mecanismos de redução das taxas de retenção e evasão decorrentes da insuficiência de condições financeiras.

Apesar de existir projetos de acesso e permanência do aluno na instituição, o número de alunos que abandonam o ensino técnico ainda é muito elevado.

1.2 Problematização da Evasão Escolar no Contexto da Política de Expansão da Rede Federal de Ensino

A expansão da Rede Federal, que tem início em 2003, trouxe uma nova proposta política para a educação técnica profissionalizante no Brasil, tendo como principais características a descentralização das unidades e a democratização do ensino técnico profissionalizante, promovidos por duas ações: aumento significativo do número de

matrículas, interiorização do ensino técnico com construção de mais escolas e a oferta de novos cursos nas mais diversas modalidades e níveis de ensino.

Assim, através do Decreto Nº 2.208, de 17 de abril de 1997, o governo Federal inicia o Programa de Expansão da Educação Profissional – PROEP, que tinha como meta a modernização e a expansão da educação profissional. Em 2003, é anunciado o Projeto de Expansão da Rede Federal de Ensino Técnico profissionalizante, que tinha o propósito de expandir a Rede com a construção de novas unidades de ensino e criação de novos cursos.

Em 2005, com a publicação da Lei Nº 11.195, de 18 de novembro de 2005, é concretizada a primeira fase do Plano de Expansão da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica, com a construção de 64 unidades de ensino.

A educação profissional e tecnológica no Brasil, atualmente, nos termos do art. 39, § 2.º, da Lei Nº 11.741/2008, abrange os seguintes cursos: “I – de formação inicial e continuada ou qualificação profissional; II – de educação profissional técnica de nível médio; III – de educação profissional tecnológica de graduação e pós-graduação” (BRASIL, 2008, p. 1)

Esta expansão implicou no aumento significativo do número de alunos matriculados em cursos técnicos profissionalizantes ofertados pelas Instituições de ensino técnico. Paralelamente a esse aumento expressivo de alunos matriculados se vê crescer também o número cada vez maior de alunos desistindo dos cursos.

Segundo o INEP (2018), entre os anos de 2003 a 2016, foram construídas mais de 500 novas unidades escolares, totalizando 644 campi em funcionamento por todo país.

A Tabela 1 nos mostra esse crescimento ocorrido até 2018.

Tabela 1. Quantidade de escolas por Fase de Expansão da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica

Pré existentes	I fase da Extensão	II fase da Extensão	III fase da Extensão	Total previsto	Total até 2018
1909-2004	2005-2007	2007-2010	2011-2014	Final de 2014	Dezembro de 2018
144	64	146	208	562	643

Fonte: Ministério da Educação, 2019.

Observa-se que o número praticamente quadruplicou de 2004 a 2018, sendo que em 2004 existiam 144 escolas e em 2018 elas passam a ser 643 escolas, com 11.264 cursos ofertados e 1.031.798 alunos matriculados. Conforme o modelo proposto pelo Ministério da Educação (MEC) (2010), a proposta era implantar escolas federais de formação profissional e

tecnológica em estados ainda desprovidos dessas instituições, buscando atender as periferias de metrópoles e os municípios interioranos distantes dos centros urbanos, onde os cursos estivessem articulados com as potencialidades locais para a geração de emprego.

E dentre as ações mais significativas deste processo de expansão, podemos destacar a transformação dos CEFETs e demais unidades de ensino técnico profissionalizante em Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia ocorrida em 2008, pois desta forma as unidades de ensino profissionalizante puderam concretizar a ampliação da oferta de novos cursos e criar mais vagas, como descreve a lei 11.741, de 16 de julho de 2008, de criação dos IFs:

Art. 1º Fica instituída, no âmbito do sistema federal de ensino, a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, vinculada ao Ministério da Educação e constituída pelas seguintes instituições: I - Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia - Institutos Federais; II - Universidade Tecnológica Federal do Paraná - UTFPR; III - Centros Federais de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca - CEFET-RJ e de Minas Gerais - CEFET-MG; IV - Escolas Técnicas Vinculadas às Universidades Federais (BRASIL, 2008, p. 1).

Assim, em 29 de dezembro de 2008, 31 centros federais de educação tecnológica (CEFETs), 75 unidades descentralizadas de ensino (UNEDs), 39 escolas agrotécnicas, 7 escolas técnicas federais e 8 escolas vinculadas a universidades deixaram de existir para formar os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia. Esta transformação acarretou na reestruturação do ensino técnico profissionalizante que pode ofertar educação superior, básica e profissional, verticalizando o ensino profissional e tecnológico nas mais diversas modalidades e níveis, inclusive na modalidade à distância. Conforme descreve a lei 11.741:

A educação profissional e tecnológica no Brasil, atualmente, nos termos do art. 39, § 2.º, da Lei N.º 11.741/2008, abrange os seguintes cursos: “I – de formação inicial e continuada ou qualificação profissional; II – de educação profissional técnica de nível médio; III – de educação profissional tecnológica de graduação e pós-graduação”. (BRASIL, 2008, p. 1)

Assim se dá a materialização do projeto de expansão implicando em um novo modelo de ensino técnico, com um projeto articulado entre ensino, pesquisa e extensão, numa proposta de uma formação mais humana. A tabela nos retrata esta dimensão de possibilidades e níveis de escolaridades que os Institutos passaram a oferecer:

Quadro 3. Relação de alunos matriculados em cursos ofertados nos Institutos Federais.

TIPO DE CURSO	CURSO	MATRÍCULAS
ENSINO MÉDIO INTEGRADO	33	7.276
TÉCNICO	6.178	564.095
TECNOLOGICO	735	85.116
BACHARELADO	582	96.442
LICENCIATURA	775	89.753
ESPECIALIZAÇÃO	517	34.530
MESTRADO	34	2.439
MESTRADO PROFISSIONAL	121	4.078
DOCTORADO	7	350

Fonte: Plataforma Nilo Peçanha, 2019.

O quadro nos mostra que os institutos Federais ofertam um número muito expressivo de cursos técnicos. Além disso, é visível a política de verticalização do ensino, pois o aluno que entra no ensino médio integrado ao técnico ou no concomitante e tem a possibilidade de fazer uma graduação, e uma pós-graduação. Apesar desta constatação dos desdobramentos da política de expansão das escolas técnicas e da criação dos Institutos Federais terem sido vistos como positivo, muitas críticas foram levantadas a este processo, pois os Institutos Federais passaram a enfrentar um processo conflituoso na construção de sua identidade (MORAES, 2016). Uma das críticas relevantes se refere a descaracterização do modelo tradicional de ensino técnico é a formação dos professores das áreas técnicas, pois com a verticalização do ensino eles passaram a atuar em todos os níveis.

Para Dore (2014), as políticas recentes de expansão e reorganização da educação profissional no Brasil precisam ser analisadas e questionadas quanto ao desenvolvimento de ações de permanência e minimização da evasão escolar nos cursos ofertados.

Ao buscarmos resposta para esta pergunta, conseguimos pouca informação. Percebemos que a problemática da evasão e retenção na educação profissional e tecnológica é um tema recente e muito carente de produções. Machado (2009) e Veloso e Almeida (2013) dizem que no Brasil, os estudos sobre evasão nos cursos técnicos ainda ocupam pouco espaço, pois as pesquisas só se tornaram mais frequentes a partir de 1995, quando foi constituída a Comissão Especial de Estudos sobre Evasão.

Observamos que o debate da evasão escolar no ensino técnico não surge no campo da educação, mas dentro de um contexto político, pois a preocupação era com os altos

investimentos, destinado ao projeto de expansão da rede como podemos observar neste relatório do MEC (2009):

O MEC investe R\$ 900 milhões na educação profissional de estados e municípios. O programa Brasil Profissionalizado prevê a construção, ampliação e reforma de escolas públicas de ensino médio e profissionalizante. Os recursos são utilizados também na aquisição de mobiliário, equipamentos e laboratórios, além da formação de professores na área de ciências (física, química, matemática e biologia). (MEC, 2009a)

Em 2009, o Brasil terá 100 novas escolas técnicas federais. Só esta semana, serão inaugurados sete novos campi de institutos federais nos estados do Rio de Janeiro e Espírito Santo. Os recursos para a expansão da rede federal são da ordem de R\$ 1,1 bilhão. O Ministério de Educação tem hoje o maior orçamento dos últimos anos para investir na educação profissional (MEC, 2009b).

De um lado, um alto investimento numa política de interiorização, valorização profissional e abertura de oportunidades para adolescentes, jovens e adultos. De outro, um número acentuado de alunos desistentes, cujo motivos ainda eram desconhecidos. Esta situação despertou nos órgãos de fiscalização, no caso o Tribunal de Contas da União, a preocupação em saber como estava sendo aplicado esse dinheiro.

Desta forma, em 2012, o Tribunal de Contas da União (TCU) encaminha à Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica e os Institutos Federais, um documento solicitando que os Institutos Federais se apropriem da situação, criando instrumentos que pudessem observar os índices de alunos que abandonaram o curso. Segue abaixo um trecho do documento encaminhado aos IFs:

A evasão nos cursos técnicos foi uma problemática identificada pelo Tribunal de Contas da União (TCU) e exposta no Relatório de Auditoria da Rede Federal no ano de 2012, que requer o desenvolvimento de políticas pelos Institutos Federais, para a redução desse fenômeno. A partir de então, foi instituído pelo Acórdão nº 506/2013, entre a SETEC (Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica) e os Institutos Federais, para a realização de um levantamento diagnóstico, que identificasse estudantes com maior propensão a evasão na Rede Federal e estabelecesse metas e estratégias de enfrentamento. (BRASIL, 2013, p. 1).

A partir de então, inicia-se dentro da rede de ensino técnico uma força tarefa para responder a solicitação do T. C. U, e um dos instrumentos criados pela Secretaria da Educação Profissional e Tecnológica (SETEC) foi o Acórdão, documento que avaliava as ações de estruturação e expansão do Ensino Técnico Profissionalizante, focadas na atuação dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia (MEC, 2018). Este documento propunha a criação de mecanismos de controle de dados, para que cada um dos campi tivesse o controle dos alunos matriculados e dos alunos evadidos.

Os dados colhidos foram repassados ao Tribunal de Contas da União onde constatava uma taxa de conclusão muito baixa, 31,4% de estudantes dos cursos técnicos subsequentes e 46,8% dos técnicos integrados conseguiram finalizar o curso. Diante desse diagnóstico o TCU convoca o MEC a SETEC e às reitorias para que se apropriassem desses dados. Assim o problema da evasão escolar no ensino técnico ganha espaço e relevância.

Em 2012, é criado o Relatório Anual de Análise dos Indicadores de Gestão das Instituições Federais de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, um documento que abastecia a Plataforma Nilo Peçanha, criada pelo Ministério da Educação, atendendo à solicitação do TCU.

A Plataforma Nilo Peçanha é um ambiente virtual de coleta, validação e disseminação das estatísticas oficiais da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica (Rede Federal). Tem como objetivo reunir dados relativos ao corpo docente, discente, técnico administrativo e de gastos financeiros das unidades da Rede Federal para fins de cálculo dos indicadores de gestão monitorados pela Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica do Ministério da Educação. (BRASIL, 2017)

Desta forma, em 2016, os dados são coletados e monitorados pela Rede Federal de EPCT e em 2017, a plataforma Nilo Peçanha faz sua divulgação, inaugurando uma nova fase no processo de coleta, validação e disseminação das estatísticas da Rede Federal de ensino tecnológico. A plataforma nos fornece 12 categorias de dados que são:

- 1) RELAÇÃO CANDIDATO POR VAGA
- 2) RELAÇÃO INGRESSOS POR ALUNO
- 3) RELAÇÃO CONCLUINTES POR ALUNOS
- 4) EFICIÊNCIA ACADÊMICA DE CONCLUINTES
- 5) RETENÇÃO DO FLUXO ESCOLAR
- 6) RELAÇÃO ALUNO POR PROFESSOR
- 7) ÍNDICE DE TITULAÇÃO DO CORPO DOCENTE
- 8) GASTO CORRENTE POR MATRÍCULA
- 9) GASTOS COM PESSOAL
- 10) GASTOS COM OUTROS CUSTEIOS
- 11) GASTOS COM INVESTIMENTOS
- 12) MATRICULADOS CLASSIFICADOS DE ACORDO COM A RENDA PER CAPITA FAMILIAR (MEC, 2019)

Ao pesquisarmos na PNP os índices de evasão escolar nos Institutos Federais, obtemos os seguintes dados:

Tabela 2. Número de alunos matriculados por eficiência acadêmica de concluintes (EAC), análise dos menores índices.

UR	INSTITUTO	MATRICULADOS	CONCLUINTES	EAC
GO	IFG	4.457	1.690	37,92%
SE	IFS	1.655	518	31,30%
RJ	CEFET – RJ	1.917	548	28,59%
MS	IFMS	3.743	1.059	28,29%

Fonte: Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica (SETEC), 2018.

Observamos que o Instituto Federal com maior índice de alunos evadidos foi do Mato grosso do Sul, sendo que 71,71% dos alunos matriculados, não conseguiram concluir seus estudos. Em relação aos institutos presentes em Goiás, o IF Goiano apresenta 42,1% dos alunos evadidos do curso técnico e o IFG tem seu maior índice no ensino superior com 33,8%.

É importante ressaltar que em Goiás, temos dois Institutos: o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano – IFGoiano e o Instituto Federal de Goiás (IFG), criados pela Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008. O IFG atende mais de 11 mil alunos nos seus 14 campi em funcionamento: Anápolis, Formosa, Goiânia, Inhumas, Itumbiara, Jataí, Luziânia, Uruaçu, Aparecida de Goiânia, Cidade de Goiás, Águas Lindas, Goiânia Oeste, Senador Canedo e Valparaíso. O IFGoiano possui nove (9) campi – Campos Belos, Ceres, Cristalina, Iporá, Morrinhos, Posse, Rio Verde, Trindade, Urutaí – e outros três (3) Campus Avançados que não possuem autonomia administrativa – Catalão, Hidrolândia e Ipameri.

Observe no quadro abaixo a taxa de evasão escolar nos cursos técnicos das unidades que fazem parte do IF Goiano:

Quadro 4. Taxa de evasão escolar nos cursos técnicos do IF Goiano.

CAMPUS	TAXA DE EVASÃO NO CURSO TÉCNICO
CERES	30,7%
URUTAÍ	17,4%
MORRINHOS	82,7
RIO VERDE	19,0%
CAMPOS BELOS	20,6%
IPORÁ	71,7%
POSSE	10,1%
TRINDADE	13,9%

CATALÃO	10,0%
CRISTALINA	2,6
HIDROLÂNDIA	19,3
IPAMERI	33,8

Fonte: Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica (SETEC), 2019.

Podemos observar que no IF Goiano o Campus Morrinhos tem a maior taxa de evasão nos cursos técnicos e Cristalina a menor. O Campus Avançado Catalão apresenta uma taxa pequena em relação a todos os alunos matriculados nos cursos técnicos, esclarecendo que este cálculo envolve também os alunos dos cursos integrados ao ensino médio.

De acordo com a Rede federal de Educação Profissional, Ciência e Tecnologia (2019), hoje temos a seguinte situação em relação ao IF Goiano conta com 15.590 alunos em curso, 6.093 alunos concluintes, 7.035 alunos retidos e 4.116 alunos evadidos. Em relação ao Campus avançado Catalão, temos 355 alunos em curso, 15 alunos concluintes, lembrando que a maioria dos cursos do campus Avançado Catalão é de ciclo anual, 92 alunos retidos e 49 alunos evadidos.

Quadro 5. Fluxo escolar no Instituto Federal Goiano Campus Avançado Catalão.

FLUXO ESCOLAR	EM CURSO	CONCLUINTES	EVADIDOS
Em fluxo	214	92	49
Retido	8		
Total	222	92	49

Fonte: Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica (SETEC), 2017.

Nota-se que o campus avançado Catalão, por ser uma unidade que estava em processo de implantação, tinha poucos alunos matriculados, no entanto um número bem expressivo de alunos evadidos.

Esses dados são referentes ao ano de 2017, ou seja, não temos amostra da evasão escolar no curso técnico em Informática entre os anos de 2014 a 2015, que foi o primeiro curso a ser implantado no Campus Avançado Catalão. Mas, ao aprofundarmos nossa investigação, fomos buscar dados no sistema de registro acadêmico da escola, onde pudemos verificar a seguinte situação em relação ao curso técnico em Informática:

Tabela 3. Relação de alunos matriculados por turma e por período do curso Técnico em Informática do Campus Avançado Catalão.

Turma	1º período	2º período	3º período	Total de concluintes
Vespertino	36	12	_____	7
Noturno	32	9	12	

Fonte: Registro Escolar do Instituto Federal Goiano, Campus Avançado Catalão, 2015.

Ao analisarmos a Tabela 3, podemos observar a distribuição de alunos matriculados por período, e já podemos perceber que no segundo período há um número reduzido de alunos matriculados, sendo mais agravante no período noturno, onde somente 9 alunos de 32 retornaram para os estudos.

Além desses instrumentos de análise e controle dos indicadores do fluxo escolar, outras ações foram desenvolvidas no campo do debate educacional. Os institutos Federais que compõem a rede do Estado de Goiás, o IFG e o IF Goiano, procuraram ampliar o debate sobre o fenômeno da evasão no ensino técnico, organizando o IV Ciclo de Formação, realizado em maio de 2017, que trazia como tema a Evasão e a Permanência do aluno.

O evento reuniu servidores e gestores dos institutos federais de Goiás (IFG), Goiano (IF Goiano), de Brasília (IFB), Mato Grosso (MT) e Mato Grosso do Sul (MS). Um dos objetivos do IV Ciclo de formação era elaborar estratégias de prevenção e combate ao fenômeno da Evasão na Rede Federal de Ensino Técnico Profissionalizante. Para esta ação, foi criado o Plano Estratégico de Permanência do IF Goiano (2014a), que propunha a elaboração de medidas e políticas de intervenções com ações administrativas e pedagógicas na tentativa de buscar superar situações relativas aos fatores mais recorrentes de evasão e retenção dos estudantes do IF Goiano da educação básica e educação.

No campus Avançado Catalão foi criada uma comissão para implementar o Plano Estratégico de Intervenção e Monitoramento para superação da evasão e retenção. Uma das ações que foram solicitadas pela Pró-Reitoria de ensino foi pedir aos alunos que respondessem a um questionário relacionado a questões socioeconômicas e a questões relacionadas ao processo de ensino e aprendizagem.

1.3 Considerações Parciais

O ensino técnico surge no Brasil, com algumas características muito particulares: um modelo tecnicista de ensino destinado aos jovens oriundos das classes trabalhadoras e economicamente desfavorecidos. A outra característica é a política assistencialista adotada, que na verdade tinha uma função de disciplinar e não acolher as crianças e jovens em situação de vulnerabilidade.

E ao buscarmos compreender quando e como o Fenômeno da evasão escolar surge como uma problemática no ensino técnico profissionalizante, percebemos dois aspectos importantes: o primeiro se refere a estreita relação que encontramos entre a evasão escolar e a Política de Expansão do ensino técnico profissionalizante, pois o alto investimento na construção de unidades escolares e a abertura de novos cursos despertou nos órgãos de fiscalização, mais precisamente no Tribunal de Contas da União, a preocupação com os altos índices de alunos evadidos.

O segundo aspecto se refere ao pouco material bibliográfico que discute a evasão escolar nessa modalidade de ensino, o que nos leva a entender que a pesquisa sobre o fenômeno da Evasão Escolar no Ensino Técnico profissionalizante precisa ser mais discutida e aprofundada.

Observou-se também que alguns termos como desligamento e desistência, complementam o discurso da evasão escolar e alguns mais recentes, como permanência, desinteresse, enfrentamento começam a ganhar espaço nesta discussão.

Para complementar a discussão deste primeiro capítulo, trazemos como proposta no segundo capítulo uma narrativa do processo de implantação do campus Avançado bem como uma análise da matriz curricular do curso Catalão, a fim de compreendermos as implicações do Técnico em Informática no mercado de trabalho na cidade de Catalão.

CAPÍTULO II

O CAMPUS AVANÇADO CATALÃO E O CURSO TÉCNICO EM INFORMÁTICA

Neste capítulo, pretende-se compreender a implantação do Instituto Federal Goiano - Campus Avançado Catalão, a partir da organização curricular do curso Técnico em Informática.

2.1 A escolha do Município de Catalão para implantação do campus avançado do Instituto Federal Goiano

Para entendermos os motivos da escolha do município de Catalão para a implantação de um campus avançado do Instituto Federal Goiano, faz-se necessários analisarmos alguns aspectos econômicos, sociais, culturais e geográficos a fim de compreendermos quais os fatores relevantes que influenciaram esta escolha.

Catalão é um município brasileiro do estado de Goiás, localizado no sudeste goiano, cortado pelas rodovias BR-050, GO-330 e GO-210. O município conta com o povoado de Pires Belo e o distrito de Santo Antônio do Rio Verde e faz limites com as cidades de Ouvidor, Três Ranchos, Goiandira, Nova Aurora, Cumari, Campo Alegre, Ipameri, Araguari, Cascalho Rico, Coromandel, Guarda-Mor e Paracatu. Sua população, segundo estimativas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2019) é de 106,618 habitantes, sendo a 12^o cidade na escala populacional e a 5^a economia do Estado.

A descoberta e exploração de minérios, em especial o Nióbio e o fosfato, na década de 1970 fortaleceram a economia de Catalão e impulsionaram a industrialização do município. Conforme apontado por Siqueira (2009), empresas como Mineração Catalão de Goiás Ltda., Copebrás (S.A.), e a Goiás Fertilizantes (Goiásfertil), se instalaram na região transformando a cidade em um polo econômico. A cidade ainda conta com as montadoras John Deere e Mitsubishi e com mais de 150 micro e pequenas indústrias formais e informais, segmento representado em especial pelo setor de moda íntima.

Catalão acontece a Festa de Nossa Senhora do Rosário, uma das mais tradicionais manifestações culturais da cidade, e, conforme Silva (2016), quando toda a população pode assistir nas ruas a apresentação das Congadas, uma manifestação cultural e religiosa de origem africana, presente em várias regiões do país. A cidade também conta com museus, bibliotecas e de um centro cultural.

No âmbito da educação, especificamente do ensino superior, o Plano Estratégico de Permanência do IF Goiano (2014a) menciona que a cidade de Catalão e região possui três instituições: a Universidade Estadual de Goiás (UEG) localizada em Ipameri e Pires do Rio, o Instituto Federal Goiano Campus Urutaí, o Centro de Ensino Superior de Catalão (CESUC), que hoje faz parte da rede Do centro Universitário UNA (União de Negócios e Administração Ltda.), e a Universidade Federal de Goiás - Regional Catalão/ Universidade Federal de Catalão campus em Implantação. Em relação a Educação Profissional, A cidade possui também unidades do SESI/SENAI, SENAC e SEPAC/Sectac e o ITEGO. O IF Goiano, no entanto, é a única Instituição Federal de Ensino Profissional de Nível Médio da região.

Catalão conta com importantes estradas, rodovias e ferrovias que favorecem o escoamento de mercadorias e potencializa o desenvolvimento educacional, principalmente no que se refere ao ensino profissionalizante e ensino superior. Neste sentido o IF Goiano percebendo todas estas características escolheu Catalão para implantar o quarto campus avançado.

2.2 O Instituto Federal Goiano Campus Avançado Catalão

Em 2014, temos a última fase do projeto de expansão da Rede Federal de Ensino Técnico Profissionalizante, em que se estabeleceram as estruturas e funcionalidades dos campi Avançados, conforme previsto na Portaria nº 505 de 10 de junho de 2014 e publicado no Diário Oficial da União em 11 de junho de 2014:

O Ministério da Educação estabelece o conceito de campus avançado como a vinculação administrativa de um novo campus a outro campus ou à Reitoria, destinado ao desenvolvimento da educação profissional por meio de atividades de ensino e extensão circunscritas a áreas temáticas ou especializadas, prioritariamente, mediante oferta de cursos técnicos e de cursos de formação inicial e continuada - FICs (IF GOIANO, 2015).

Os *campi* avançados surgem com a seguinte estrutura:

- 20 docentes
- 13 técnicos administrativos
- Ofertar somente cursos técnico e cursos de formação inicial e continuada (FICs).

Esta era a proposta inicial do governo federal. Mas a procura pelos cursos técnicos integrados ao ensino médio, fez as escolas se adaptarem à nova realidade, com poucos servindo passando a oferecer o ensino integrado ao ensino médio, graduação e pós-graduação, além de desenvolver projetos de pesquisa e extensão

Como podemos observar na portaria do MEC, os *Campi* Avançados só poderiam ser implantados mediante a vinculação administrativa, financeiro e pedagógica de outro campus. Assim, o campus Urutaí, visando ampliar a oferta de cursos técnicos na região a partir de 2014, cria três novos *Campi* Avançados: Catalão, Cristalina e Ipameri. O IF Goiano conta também com o campus avançado de Hidrolândia, que é vinculado ao Campus Morrinhos.

O Instituto Federal Goiano - Campus Avançado Catalão é uma unidade recente, que surge no final do ano de 2013 sem uma cede própria, sendo subsidiado pelo Instituto Federal Goiano - Campus Urutaí, através da Portaria N° 505 de 10 de junho de 2014, do Ministro da Educação, publicada no Diário Oficial da União, em 11 de junho de 2014.

Para a implantação dos *campi* avançados, o governo Federal determinou que tivesse a colaboração dos governos municipais, ou seja, as prefeituras precisavam ceder ou doar um prédio ao IF Goiano para a instalações da escola. No caso do Campus Catalão, o Projeto Pedagógico do Curso de Informática do IF Goiano (2014b) menciona que a prefeitura cedeu um Prédio Escolar, com 1.630 m², localizado na rua 20 de agosto, onde funcionava a antiga Escola Estadual Joaquim de Araújo e Silva e uma área na zona rural, com 9,52 ha, localizada a 7 km do município.

Foi criada uma comissão com o objetivo de pesquisar quais as instituições que ofertavam Educação Profissional em Catalão e região e verificar quais os possíveis cursos que teriam demanda. Foi realizado um levantamento nas escolas e centros comunitários com o intuito de saber qual seria o curso mais almejado pelos jovens e adultos da cidade e verificou-se que os cursos que teriam uma maior procura seriam o técnico em Informática e técnico em mineração.

A partir destes dados, a equipe diretiva do Campus Urutaí elaborou o Projeto Político Pedagógico do Curso técnico em Informática, em 2013. Nesta ocasião já se encontrava na Unidade de Catalão 4 servidores: o professor Emerson, o professor Anicézio, a técnica administrativa Ana Maria e eu, e juntos organizamos o primeiro processo seletivo do Instituto Federal Goiano Campus Avançado Catalão.

No início do ano de 2014, chegaram mais 3 servidoras: professoras Vanessa e Fabíola da área de informática e a servidora Ana Maria Prado, técnica administrativa. As aulas tiveram início em março do referido ano.

Em agosto do mesmo ano, O Instituto Federal campus Catalão passou a ofertar também o Curso Técnico em Mineração concomitante. Atualmente o IF Goiano Campus Avançado Catalão conta com dois cursos Concomitantes (técnico em mineração e um Técnico em Informática na modalidade Educação à distância), dois cursos técnicos integrados ao

Ensino Médio (Mineração e Informática), um curso de graduação (Licenciatura em Ciências Naturais), uma pós graduação (Ensino de Ciências e Matemática), além dos cursos de Formação Inicial e Continuada (FIC) e Programa Nacional de Acesso ao ensino Técnico e emprego (PRONATEC) que são ofertados esporadicamente.

2.3 O Curso Técnico de Informática

Para iniciar as aulas do curso Técnico em Informática, foi preciso organizar o quadro de professores da área de informática montar uma equipe de servidores técnicos administrativos para darem o suporte pedagógico e administrativo necessário ao curso, além do subsídio financeiro necessário para a compra de equipamentos didáticos (livros, lousa, pincéis de quadro branco), equipamentos de multimídia (projetores, televisão), laboratórios (neste caso computadores e uma boa internet).

Com o recurso que o campus Urutaí disponibilizou, foi possível montar 2 laboratórios de informática e uma sala de aula, o que possibilitou a instituição ofertar 60 vagas sendo 30 no período vespertino e 30 no período noturno. Segundo o PPC do curso técnico em Informática do IF Goiano (2014), processo seletivo poderia ser realizado das seguintes formas:

- Na forma de provas;
- Análise de histórico escolar;
- Programas do governo Federal que o IF Goiano tenha aderido, conforme previsto em Edital próprio.

No campus avançado Catalão o processo seletivo melhor atenderia aquele momento foi a análise de Histórico Escolar, pois a carência de servidores, dificultava todo o processo de divulgação e aplicação das provas. Em janeiro de 2014 é realizado o processo seletivo do Curso Técnico em Informática e, em março do mesmo ano, as aulas começam. O curso trazia como proposta pedagógica: desenvolver preferencialmente as habilidades técnicas tendo como foco a inserção do aluno no mercado de trabalho, como está descrito no PPC:

[...]formar profissionais cidadãos de nível técnico, com responsabilidade social, fornecendo aos egressos conhecimentos técnicos gerais que lhes permitam executar atividades relacionadas a hardware e software, identificando componentes de funcionamento e solucionando problemas de computadores, periféricos e comunicação, a fim de possibilitar o ingresso no mundo do trabalho (IFGOIANO, 2014, p. 13)

Podemos perceber que não há uma preocupação com a formação integral do aluno e observando outros Projetos Políticos Pedagógicos de curso Técnico ofertados pelos IFs, quase sempre eles apresentam esta característica. Talvez seja por ser um curso concomitante, voltado para adolescentes, jovens e adultos que já estejam cursando o ensino médio (concomitante) ou que já concluíram o Ensino Médio (subsequente), na modalidade presencial em outra instituição com quem se espera cumprir este papel.

Ao concluir o curso, o aluno tem o título de “Técnico em Informática”, o no diploma vem indicando o eixo tecnológico a que o curso está vinculado. A certificação do curso só pode ser expedida, após a conclusão dos três semestres da matriz curricular do Curso Técnico em Informática sendo necessário apresentar o histórico ou comprovante de conclusão do Ensino Médio, conforme estabelece o Regulamento dos Cursos da Educação Profissional Técnica de Nível Médio do Instituto Federal Goiano.

Conforme consta no PPC, a duração do curso é de um ano e meio, distribuídos em 3 períodos, com 1050 horas/aulas no total, sendo 1020 (mil e vinte) horas para o estudo das disciplinas do curso e 30 (trinta) horas para Atividades Complementares, e a matriz curricular está distribuída da seguinte forma:

Quadro 6. Matriz curricular do curso Técnico em Informática: 1º semestre.

ÁREA DO CONHECIMENTO	DISCIPLINAS	1º SEMESTRE		
		CHS	CHSE	CHSE-HR
Ensino Profissional	Inglês Técnico	2	40	34
	Matemática Aplicada	2	40	34
	Fundamentos de Informática	2	40	34
	Operação de Computadores	4	80	68
	Lógica de Programação	6	120	102
	Manutenção de Computadores	4	80	68
Total de Aulas Semanais / Semestral / Horas		20	400	340

Legenda: CHS: Carga horária semanal; CHSE: Carga horária semestral (aulas); CHSE-HR: Carga horária semestral (horas).

Fonte: Projeto Pedagógico do Curso Técnico em Informática, 2014.

Observa-se que o enfoque do curso são as áreas tecnológicas, pois a organização curricular está toda voltada para dinamizar as áreas técnicas, apresentando desde o primeiro

semestre matérias específicas. As únicas disciplinas que fugiam deste contexto seriam Inglês e Matemática.

Se a matriz curricular é distribuída desta forma, não seriam necessários pré-requisitos para que o aluno tivesse habilidades mínimas para iniciar o curso e ter êxito? Tomemos como exemplo a disciplina de Lógica de programação que nem é contemplada nos PCN's do ensino fundamental, apesar de se falar em pensamento lógico, o que predomina são as noções de aritmética.

Se o aluno não conhece os procedimentos da Lógica na Matemática básica, como pode entender a Lógica de Programação, uma matéria que dada a sua carga horária alta já se pode concluir ser muita importância para o curso. Assim pode-se dizer que diante desta matriz, o primeiro semestre talvez seja o período mais crítico para o aluno do curso técnico.

No segundo semestre o aluno precisa estar preparado para aprofundar nas áreas tecnológicas como podemos observar na matriz curricular:

Quadro 7. Matriz curricular do curso Técnico em Informática: 2º semestre.

ÁREA DE CONHECIMENTO	DISCIPLINAS	2º SEMESTRE		
		CHS	CHSE	CHSE-HR
Ensino Profissional	Português Técnico	2	40	34
	Análise de Sistemas	2	40	34
	Linguagem de Programação I	4	80	68
	Desenvolvimento WEB I	4	80	68
	Banco de Dados	4	80	68
	Redes de Computadores I	2	40	34
	Tópicos Especiais I	2	40	34
Total de Aulas Semanais / Semestral / Horas:		20	400	340

Legenda: CHS: Carga horária semanal; CHSE: Carga horária semestral (aulas); CHSE-HR: Carga horária semestral (horas).

Fonte: Projeto Pedagógico do Curso Técnico em Informática, 2014.

Se o aluno não conseguiu ter um bom rendimento, nesse período certamente ele terá dificuldades, pois as disciplinas de Linguagem de Programação (68h) e Desenvolvimento WEB I (68h), e Banco de Dados (68h), tem carga horária extensa que precisam provavelmente de pré-requisitos do semestre anterior. Esta pode ser uma das explicações do

número de alunos que vão abandonando o curso no meio do caminho, pois dos 21 alunos que conseguiram chegar no segundo período, somente 12 se matricularam no terceiro.

No terceiro período os alunos tinham as seguintes disciplinas:

Quadro 8. Matriz curricular do curso Técnico em Informática: 3º semestre.

ÁREA DE CONHECIMENTO	DISCIPLINAS	3º SEMESTRE		
		CHS	CHSE	CHSE-HR
Ensino Profissional	Empreendedorismo	2	37	34
	Linguagem de Programação II	4	74	68
	Desenvolvimento WEB II	4	74	68
	Desenvolvimento de Projetos de Sistemas	4	74	68
	Redes de Computadores II	4	74	68
	Tópicos Especiais II	2	37	34
Total de Aulas Semanais / Semestral / Horas:		20	370	340
Carga horária anual(horas):		1020		
Atividades complementares (horas):		30		
Carga horária total do curso (horas):		1050		

Legenda: CHS: Carga horária semanal; CHSE: Carga horária semestral (aulas); CHSE-HR: Carga horária semestral (horas).

Fonte: Projeto Pedagógico do Curso Técnico em Informática, 2014.

A disciplina “Empreendedorismo”, com carga horária de 34 horas, foge um pouco das disciplinas específicas do curso técnico em informática. Analisando a sua a ementa no PPC (2104), verificamos que seu objetivo é apresentar ao aluno as formas e possibilidades de abrir a própria empresa, pois é muito comum no Brasil o setor de prestação de serviços técnico. Mas apenas 34 horas seriam o suficiente para uma disciplina tão importante na carreira de um técnico em informática?

Assim, os alunos foram abandonando o curso, uns no início e outros já no final.

2.4 Fatores que Influenciaram os Sujeitos Entrevistados a Fazerem o Curso Técnico em Informática no IF Goiano Campus Avançado Catalão

Para esta análise partimos de dois pontos de discussão: o primeiro se refere a questão das atribuições e habilidades desenvolvidas pelo curso técnico em informática o outro são as expectativas que cada sujeito busca ao escolher o curso. Neste sentido fomos buscar

esclarecimentos no Catálogo Nacional de Cursos Técnicos (CNCT/MEC) e verificamos que o técnico em Informática adquire as seguintes habilidades: “Instalar sistemas operacionais, aplicativos e periféricos para desktop e servidores. Desenvolve e documenta aplicações para desktop com acesso à web e a banco de dados” (MEC, 2016, p. 100).

As possibilidades de trabalho de um técnico em informática são amplas, uma vez que ele pode ser autônomo, empreender seu próprio negócio ou trabalhar em empresas no setor de segurança e manutenção de redes de computadores, na criação de páginas para web, em agências de publicidade e em docente na área, conforme está descrito no Catalogo Nacional de cursos Técnicos (2016):

Manutenção de computadores de uso geral. Instalar e configurar redes de computadores em locais de pequeno porte. Prestação autônoma de serviço e manutenção de informática. Empresas de assistência técnica. Centros públicos de acesso à internet. (MEC, 2016, p. 100).

A partir das observações de Dore e Lüscher (2013) e dos motivos explorados adiante, um dos fatores que mais influencia a decisão pela escolha do curso técnico na rede federal de ensino técnico profissionalizante é a gratuidade e a qualidade do curso, e o segundo fator mais importante se refere às expectativas de um emprego com bom salário. Seriam estas as expectativas dos nossos sujeitos da pesquisa?

O quadro abaixo traz uma amostra da idade destes sujeitos quando foram fazer o curso técnico em Informática. O interesse em organizar este quadro é mostrar que os sujeitos se encontram em três fases diferentes de idade, que iremos chamar de gerações. Para a pesquisa usaremos como conceito de Gerações o “conjunto de pessoas que, por terem nascido no mesmo período histórico, receberam ensinamentos e estímulos culturais e sociais similares e, por conseguinte, têm gostos, comportamentos e interesses em comum” (JORDÃO, 2016, p.1).

Quadro 9. Perfil e idade dos alunos entrevistados.

NOME	DATA DE NASCIMENTO	IDADE QUANDO ENTROU NO IFGOIANO
Lincoln Pires da Silva	12/12/1997	17
Jaqueline de Fátima Babosa	25/01/1994	20
Daniel Silva de Souza	01/01/1994	20
Ezequiel Antônio da Silva	20/08/1982	32
Juslene Cardoso Marciano	12/09/1977	37
Weber José de Oliveira	21/10/1957	57

Fonte: Elaboração da autora, 2019.

Percebe-se pelos dados apresentados no quadro que temos três gerações diferentes de alunos: adolescentes, jovens e adultos. Todos eles trazem em suas histórias de vida um motivo para fazer o curso Técnico em Informática e cada um apresenta expectativas diferentes em relação a escola, ao curso aos professores

2.4.1 Motivos

O primeiro aluno entrevistado foi Weber, um senhor de 58 anos, aposentado, que viveu sua vida profissional toda dedicada a um único trabalho. Parou seus estudos no ensino médio e não quis ou não pode seguir a carreira acadêmica. Weber vem de uma geração que “[...] chegaram ao mercado de trabalho com valores como a preocupação com a qualidade de vida, o inconformismo, a busca de autonomia e a lealdade a si mesmo e com a organização. (JORDÃO, 2016, p. 10).

Interpretando a narrativa de Weber percebemos que tinha dois motivos para fazer o curso técnico em informática: o primeiro para aprofundar seus conhecimentos nesta área, pois durante sua vida profissional não encontrou tempo e oportunidade, como ele mesmo relata:

No meu trabalho de banco sempre... acompanhei... é... essa parte de... técnico, que é a parte que eu mais gostava, apesar de não ter trabalhado diretamente... com a Informática... Cheguei até a passar em um concurso, mas quando foi... quando iam fazer a... chegaram a formar minha turma, que (a gente) tinha formação, né, dentro do próprio banco... Chegaram a formar minha turma, mas aí mudaram a política de (uma) hora pra outra lá e acabei sendo cortado. Era uma... foi uma das grandes frustrações minha no banco foi essa, o meu sonho era ir pra área tecnológica (WEBER, 1ª NARRATIVA, p. 11).

O segundo motivo foi por hobby: “eu comecei a estudar aqui no IFGoiano, curso técnico de Informática, mas (mais?) por *hobby*, né. Só... Porque eu gosto da área, eu gosto de informática, então, quando surgiu pro IF vir pra cá, teve um... uma prova, né, pra...” (WEBER, 1ª NARRATIVA, p. 6). Weber trazia a expectativa de conseguir certificar o que ele já dominava na prática, os conhecimentos com a área de programação adquiridos durante os anos dedicados ao banco.

Já os jovens Ezequiel, Técnico em Eletrotécnica e Juslene, Historiadora, em seus relatos entendiam que a informática estava cada vez mais presente em todas as profissões, por isso sentiam a necessidade de se capacitarem, ampliando suas oportunidades de trabalho,

Juslene na busca por uma aprovação em concurso público e Ezequiel almejava crescer na sua carreira dentro da empresa que trabalhava.

Ezequiel via nos cursos técnicos, uma possibilidade de ser inserido mais rápido no mercado de trabalho. Como podemos observar nos seus relatos:

Aí eu fiquei quieto (por) um tempo, aí eu vi o resultado, né, que a gente, é... porque através do curso técnico eu entrei na usina, né, na Serra do Facão, né, porque... por estar na área dessa parte elétrica, né. Então as empresas vinham de fora – na época o mercado estava legal – para buscar nomes no SENAI. Meu nome foi um dos selecionados. Então, isso aí te motivava mais, de você estudar e você ir, você conseguir um resultado lá na frente (EZEQUIEL, 5ª NARRATIVA, p. 4).

Este seria então o motivo de fazer o curso técnico em Informática, buscar por novos desafios e por entender que todo sacrifício tem uma recompensa, pois como Ezequiel narra “isso aí te motivava mais, de você estudar e você ir, você conseguir um resultado lá na frente” (EZEQUIEL, 5ª NARRATIVA, p. 6).

O caso de Juslene nos faz refletir sobre o que leva um indivíduo querer fazer um curso técnico se ele já possui uma formação acadêmica? Esta situação não era um caso isolado, tinham outros alunos no curso que possuíam formação superior como é o caso do aluno Deniflay que era formado em matemática.

Durante a entrevista, Juslene deixa nas entre linhas que não atuava como professora de História. Esta é uma situação que vem se agravando nos últimos anos no Brasil em que temos um número cada vez maior de indivíduos diplomados, mas que não conseguem emprego. Mas qual a garantia que um diploma pode dar? Canário, Alves e Rolo (2008) diz que:

O efeito conjugado da expansão dos sistemas escolares e das mutações no mundo do trabalho tende a acentuar a discrepância entre o aumento da produção de diplomas pela escola e a rarefação de empregos correspondentes. É esta evolução, da qual decorre um processo de desvalorização dos diplomas escolares, que permite falar da passagem de um “tempo de promessas” para um “tempo de incertezas” (CANÁRIO; ALVES; ROLO, 2008, p. 77)

Talvez seja por isso que Juslene, procurou fazer o curso técnico em informática, buscando uma nova formação que desse a ela novas oportunidades. Mas fomos encontrando motivos que não estavam declarados, mas foram ganhando força na narrativa.

[...] o curso serviu para alguma coisa’, porque como tinha a prova de Informática, e a gente via Informática de uma outra maneira, facilitou, às vezes me ajudou um pouco nas provas, eu tive menos dificuldade na prova de Informática. (JUSLENE, 6ª NARRATIVA, p. 10).

A intenção de se preparar para um concurso público, mais precisamente para o Instituto Federal Goiano era um forte argumento para fazer o curso técnico em informática.

Já Daniel, Jaqueline e Lincoln são de uma geração que conviveram desde pequenos com um computador em casa por isso tinham familiaridade com o equipamento. Jaqueline, por exemplo, chega a dizer que fazia reparos pequenos no computador da casa,

“Ah, porque eu gosto de mexer com computador, essas coisas assim, é porque... meu pai, é, lá em casa mesmo, ele sempre me chama: ‘Jaque, vem aqui’, e tal. É porque ele não entende muito de informática e ele sabe que eu que sou mais ... perito nesses assuntos. (JAQUELINE, 2ª NARRATIVA, p. 4).

Por isso Jaqueline quis fazer o curso técnico em informática para resolver pequenos problemas no computador de seu pai.

Lincoln, apesar de ter afinidade com o computador, não foi motivado e sim pressionado pelo pai a fazer curso Técnico em Informática: “ele pegou, chegou em casa e me obrigou a fazer o curso” (LINCOLN, 4º NARRATIVA, p. 6). Por isso em sua narrativa vamos sempre encontrar momentos que ele tenta justificar sua saída por não ter afinidade com o curso porque foi forçado a fazê-lo

Daniel almejava fazer o curso técnico porque gostava de informática e achava o curso importante para sua carreira, como ele mesmo diz: “da área de Informática eu gosto, sempre gostei de Informática. Porque era um... era... para mim, era um curso importante. E que eu queria fazer o curso de Técnico em Informática sim. [...]” (DANIEL, 3ª NARRATIVA, p. 4).

Assim, pode-se dizer que não existia um fator comum que justificasse a procura pelo curso Técnico em Informática, cada aluno tinha um motivo, uns pelo simples prazer em fazer o curso, outros por querer ampliar suas possibilidades de trabalho e temos Lincoln que não tinha motivo pois foi pelo desejo do pai.

2.5 Considerações Parciais

Entende-se que para compreender como ocorreu o processo de implantação do Instituto federal Goiano em Catalão, foi necessário primeiramente conhecer as principais características da cidade: os principais setores econômicos, quais as áreas que mais necessitavam de mão de obra especializada, as instituições e cursos já existentes.

Percebemos que naquele período, Catalão tinha um grande potencial industrial e empresarial, e isso fazia da cidade um campo promissor na área da tecnologia da informação, uma vez que praticamente todos estes setores necessitavam de profissionais especializados

nesta área. Além disso as possibilidades de trabalho de um técnico em informática são amplas, ele pode empreender seu próprio negócio ou trabalhar em empresas no setor de segurança e manutenção de redes de computadores, na criação de páginas para web, em agências de publicidade e em docência na área

O Instituto Federal Goiano Campus Avançado criou uma comissão que estudou todos estes aspectos antes escolher o curso técnico em informática para ser ofertado em 2104.

O objetivo era trazer para a população uma nova oportunidade de formação profissional na área da tecnologia da informação e comunicação. Mas ao analisarmos as narrativas dos seis alunos, percebemos que a maioria deles não buscavam o curso para trabalharem como técnico em informática, existiam motivos tão controssensuais como o caso de Juslene que queria fazer o curso com o desejo de se prepara para concurso, ou o caso de Weber que fazia o curso por Hobby. Todos estes motivos nos levam a refletir sobre quais são as perspectivas de trabalho do jovem que busca o curso técnico em informática? Uma pergunta que merece ser investigada com mais tempo em outra oportunidade.

A fim de saber quem são esses alunos que buscaram o Instituto federal Goiano campus avançado Catalão para fazerem o curso técnico em informática, e que depois evadiram, é que propomos no capítulo 3 conhecermos suas histórias de vida.

CAPÍTULO III

OS SUJEITOS DA PESQUISA

Este capítulo tem a finalidade de apresentar os sujeitos da pesquisa, ou seja, os alunos que abandonaram o curso Técnico em Informática. Mas antes de apresentar as histórias de vidas destes alunos a fim de conhecê-los, entendemos ser necessário compreender o papel das narrativas como fonte de pesquisa no campo da educação, bem como alguns conceitos importantes que dão suporte ao método narrativo (auto) biográfico.

Para o desenvolvimento desta investigação, buscamos fundamentação em diversos autores que discutem a narrativa no contexto da pesquisa educacional. Destacam-se, dentre outros: Delory-Momberger (2012), Passeggi (2012), Bolivar (2002), Clandinin e Connelly (2015), Larrosa (2002).

Souza e Aliança (2018) mencionam que uma das principais discussões dentro do contexto das narrativas como método de pesquisa é a relação do sujeito com o objeto, uma vez que por um longo período esta relação foi contestada na pesquisa científica, pois acreditava-se que para garantir a credibilidade de uma investigação, esta deveria manter distante o sujeito do objeto investigado. Desta forma, acreditava-se que se chegaria a um conhecimento neutro, rigoroso e pouco ou nada questionável. Mas, sendo a ciência uma construção humana, por mais que o cientista tente embasá-la numa absoluta racionalidade, ela será sempre atravessada por perspectivas ideológicas, políticas, culturais. Por conseguinte, a ciência não pode ser neutra.

Assim, Passeggi (2011) nos aponta que, após trinta anos de distanciamento entre sujeito e objeto (1940-1970), as narrativas reaparecem a partir dos anos 1980, com as mais diversas denominações: Alemanha (Biographieforschung), em países de língua espanhola (investigación biográfico-narrativa), em países de língua francesa (Recherche biographique); em Portugal e no Brasil (Método (auto) biográfico ou Pesquisa (auto) biográfica).

Desta forma, achamos necessário trazer o debate da narrativa como método de pesquisa científica no campo da educação a fim de ressaltarmos as possibilidades que este método de investigação pode nos trazer na compreensão do fenômeno da evasão escolar.

3.1 A Narrativa como fonte de pesquisa

O ser humano vive cada instante da sua vida como o momento de sua história em curso (alguma coisa começa, alguma coisa acontece, alguma

coisa encerra): história de uma hora, de um dia, de uma vida. (DELORY-MOMBERGER, 2012, p. 42).

Clandinin e Connelly (2015) definem pesquisa narrativa como “uma forma de entender a experiência em um processo de colaboração entre pesquisador e pesquisado” (CLANDININ; CONNELLY, 2015, p. 20). Assim, pesquisa narrativa pode ser descrita como uma metodologia que consiste na coleta de histórias sobre determinado tema e que o investigador encontrará informações para entender determinado fenômeno. Para nós, a narrativa proporcionou compreender a experiência que o aluno evadido do curso técnico em Informática teve com o fenômeno da evasão escolar. Para Delory-Momberger (2012),

As fontes autobiográficas constituídas por histórias de vida, relatos orais, fotos, diários, autobiografias, biografias, cartas, memórias, entrevistas, escritas escolares e videográfica, configuram-se como objeto de investigação transversal nas Ciências Sociais e Humanas. Em Educação, a pesquisa (auto) biográfica amplia e produz conhecimentos sobre a pessoa em formação, as suas relações com territórios e tempos de aprendizagem e seus modos de ser, de fazer e de biografar resistências e pertencimentos. (DELORY-MOMBERGER, 2012, p. 11).

Dentro deste contexto, escolhemos as entrevistas semiestruturadas, que foram gravadas e transcritas e se transformaram em fontes (auto) biográficas para nossa investigação. Entendemos que “a narrativa que cada um faz de sua vida, torna o sujeito o autor de sua própria história” (DELORY-MOMBERGER, 2012, p. 55). Nesta perspectiva, o aluno que abandonou o curso técnico em informática tem a possibilidade de narrar sua experiência com o fenômeno da evasão escolar, dando significados aos acontecimentos.

Para Bolívar (2002):

En sentido amplio, podemos decir que los humanos, en su relacion con los demas y consigo mismos, no hacen, mas que contar/imaginar historias, es decir, narrativas. Es, entonces, tanto un modo basico de pensamiento, de organizar el conocimiento y la realidad. Las próprias culturas se han configurado y expresado por medio de narrativas que, al tiempo, han servido para dar una identidad a sus miembros. (BOLÍVAR, 2002, p.19).

A existência humana, nessa perspectiva, está relacionada à narrativa da própria vida, dando um significado à sua experiência, dando a oportunidade que esta história seja interpretada. Neste sentido, o papel de quem faz a entrevista e de quem interpreta as narrativas é muito importante, pois depende desta análise para que as experiências ganhem um sentido.

Bolívar (2002) diz ainda que:

Las historias de vida no preexisten al propio proceso de narracion, se producen en él a medida que la investigacion avanza, que contribuye a

orientar la vida y la acción de quienes las narran. La producción de discursos será una dialéctica entre narrador y entrevistador. (BOLÍVAR, 2002, p. 20).

As narrativas (auto) biográficas dos sujeitos nos dão a oportunidade de perceber como o aluno consegue biografizar sua experiência com o fenômeno da evasão, numa relação com o tempo (o momento em que ele se encontrava na vida pessoal e profissional) e no espaço (a sala de aula, a escola, sua casa).

Para compreendermos a experiência no contexto das narrativas Passeggi (2011, p.149) nos esclarece que “A experiência em nosso sentido, constitui-se nessa relação entre o que nos acontece e a significação que atribuímos ao que nos afetou. Isso se faz mediante o ato de dizer, de narrar, (re) interpretar. ” Neste sentido, podemos dizer que, a partir das análises das falas dos sujeitos, que podemos compreender opiniões, crenças, valores, representações e assim construir o conhecimento do que foi o fenômeno da evasão escolar para esses alunos.

Larrosa (2002, p.25) diz que “É incapaz de experimentar aquele a quem nada lhe passa, a quem nada lhe acontece, a quem nada lhe sucede, a quem nada o toca, nada lhe chega, nada o afeta, a quem nada o ameaça, a quem nada ocorre. ”, ou seja a experiência passa a ser algo que nos acontece e o modo como lhe atribuímos ou não um sentido. Para nossa pesquisa, a experiência é o que o sujeito vivenciou com o fenômeno da evasão, é o sentido que ele atribui ao desejo de abandonar o curso.

3.2 Os Sujeitos da Pesquisa

[...] o sujeito é compreendido como território de passagem, seja como lugar de chegada ou como espaço do acontecer, o sujeito da experiência se define não por sua atividade, mas por sua passividade, por sua receptividade, por sua disponibilidade, por sua abertura. (LARROSA, 2002, p. 24).

Quem são estes sujeitos que abandonaram o curso técnico em informática do IF Goiano do Instituto Federal Goiano? O que sabemos sobre eles? Como eles constroem, através das narrativas, sua identidade?

É através das Histórias de vida de Weber, Jaqueline, Daniel, Lincon, Ezequiel e Juslene, biografadas pelas narrativas, que compreenderemos como cada sujeito constrói e descreve suas experiências vividas com o fenômeno da evasão escolar.

Quadro 10. Quadro-Síntese da história de vida dos sujeitos entrevistados.

NOME	DATA DE NASCIMENTO	HISTÓRIA DE VIDA
Weber José de Oliveira	21 de outubro de 1957	Ainda adolescente foi para Brasília com a família, e começou sua carreira profissional no Banco do Brasil, onde ficou até aposentar. Cursou até o Ensino Médio e não quis prosseguir por achar que não influenciaria na carreira profissional. Ao aposentar mudou-se para Catalão/ Goiás e resolveu, por Hobby, fazer o curso técnico em informática.
Juslene Cardoso Marciano	12 de setembro de 1977	De origem simples, porém todos os irmãos conseguiram formação acadêmica, a irmã formada em pedagogia, o irmão em matemática e ela em história. E todos eles de alguma forma estavam ligados ao Instituto Federal. Por isso ela é incentivada por eles a fazer o curso com intenção de concorrer a uma vaga e se efetivar também como uma servidora pública do IF Goiano.
Ezequiel Antônio da Silva	20 de agosto de 1982	De família de 7 irmãos, muito carente economicamente, a mãe sempre incentivou os filhos a estudar na esperança de uma vida melhor. Ainda pequeno, o pai veio a falecer então precisou ajudar a mãe nas despesas domésticas. Desde pequeno conciliava os estudos com trabalho, e acreditava que o curso técnico profissionalizante era a forma mais rápida de ingressar no Mercado de trabalho. Casado e pai de 2 filhos resolve fazer o curso técnico em informática por achar que seria mais uma oportunidade de emprego.
Lincoln Pires da Silva	12 de dezembro de 1997	Um menino estudioso, frequentou boas escolas públicas e gostava de fazer pequenos reparos no computador de casa, por isso o pai achou que ele iria gostar de fazer o curso técnico em informática, matriculando – sem sua autorização, no processo seletivo.
Daniel Silva de Souza	1 de janeiro de 1994	De origem humilde, buscava nos estudos mudar a realidade que vivenciava. Muito esforçado, estudava de manhã, trabalhava a tarde, e ainda encontrava forças para estudar à noite, pois no seu entendimento, o curso técnico em Informática era muito importante para sua carreira profissional.
Jaqueline de Fátima Barbosa	25 de janeiro de 1994	Uma jovem vivenciando as angústias de escolher uma carreira profissional, cursava o Ensino médio de manhã. Gostava de fazer pequenos reparos no computador, por isso o pai resolveu inscrevê-la no processo seletivo do técnico em informática.

Fonte: Elaboração da autora, 2019.

3.2.1 Weber José de Oliveira

Weber, nasceu em Luziânia (Goiás) cidade localizada perto de Brasília (Goiás), no dia 21 de outubro de 1957, onde morou até os dez anos de idade. Depois mudou-se com a família

(pai, mãe e duas irmãs) para Goianésia (Goiás) e em 1976, os pais e as irmãs mudaram-se para Catalão e ele para Brasília.

Tinha apenas o oitavo ano, o que hoje corresponde ao 9º ano da segunda fase do ensino fundamental, quando ingressou na carreira bancária, sendo aprovado no concurso do Banco do Brasil em Brasília, onde trabalhou por 31 anos. Durante o tempo que viveu em Brasília Weber casou-se e teve duas filhas, voltou a estudar e concluiu o ensino médio.

Mas durante sua vida profissional foram surgindo situações que impossibilitaram de realizar seu sonho de fazer um curso superior de Engenharia Elétrica:

[...] fui para Brasília, fiz o segundo grau em Brasília... A intenção, quando eu fui para Brasília, era fazer Engenharia Elétrica. Mas terminei o segundo grau e desisti até do vestibular, porque eu via todo mundo fazer curso e continuar no banco, a mesma coisa. Eu via o pessoal terminando Engenharia, Medicina, e depois continuava bancário, a mesma coisa. (WEBER, 1ª NARRATIVA, p. 3).

Nesta passagem, percebemos que suas expectativas de fazer um curso superior foram se desfazendo à medida que ele percebia que seus colegas concluíam uma graduação, mas não atuavam nas suas áreas, pois preferiam continuar como bancários, termo muito usado na época para descrever as pessoas que trabalhavam nos bancos. Talvez porque o plano de carreira era muito promissor e possibilitava aos seus empregados a progressão salarial através de concursos internos. Weber então investiu na carreira interna, chegando quase a última letra do plano de carreira dos bancários como ele mesmo coloca "... cheguei quase ao final de carreira, caso que... da última letra da época era letra... parece..." (WEBER, 1ª NARRATIVA, p. 4)

O sonho de se tornar um engenheiro eletricitista foi ficando para trás, ora por incompatibilidade de horário, ora por achar que não ajudaria no seu plano de carreira.

Weber dedicou 31 anos da sua vida a uma única instituição e veio a aposentar-se em 2008 e decidiu morar em Catalão (Goiás). Depois de 5 anos aposentado, se vendo ainda muito novo e com muita disposição veio o desejo de retornar aos estudos.

Apesar de não ter sido questionado se era um desejo dele ter um documento que formalizasse todos os conhecimentos que ele adquiriu durante sua vida profissional, nos seus relatos encontramos passagens que nos leva a esta interpretação.

3.2.2 Jaqueline de Fátima Barbosa

Jaqueline de Fátima Barbosa foi nossa segunda entrevistada. Nasceu em Araguari, no dia 25 de janeiro de 1994. Morou nesta cidade até os 3 anos de idade, quando seu pai, ferroviário, resolveu mudar-se para Catalão

Seu primeiro contato com a vida escolar foi na escola Primeiros Passos (Catalão/GO) onde fez a primeira fase do ensino fundamental. Na escola Joaquim de Araújo, que por coincidência se localizava onde hoje é o Instituto Federal Goiano campus Avançado Catalão, concluiu a segunda fase do ensino fundamental.

No final de 2013, Jaqueline fazia um curso de Inglês na Universidade Aberta do Brasil (UAB/ Catalão - GO) local onde soube pela primeira vez da existência do IF Goiano em Catalão. Através de uma divulgação nesta mesma instituição, soube do processo seletivo do curso técnico em Informática do Instituto Federal Goiano. Levou o panfleto para casa e mostrou a seu pai, que logo procurou o local de inscrição para realizá-la. Naquela época, Jaqueline cursava o Ensino médio no colégio Abrahão André.

Em casa, Jaqueline gostava de “mexer” no computador, fazia pequenos reparos no computador do pai:

Ah, porque eu gosto de mexer com computador, essas coisas assim, é porque... meu pai, é, lá em casa mesmo, ele sempre me chama: ‘Jaque, vem aqui’, e tal. É porque ele não entende muito de Informática e ele sabe que eu que sou mais... perito nesses assuntos. (JAQUELINE, 2ª NARRATIVA, p. 4).

Jaqueline é uma moça de pouca conversa, na sua entrevista respondia de forma muito resumida e objetiva as questões levantadas. Por isso nossa dificuldade de conhecer com mais intimidade sua história de vida.

3.2.3 Daniel Silva de Souza

Daniel nasceu em 1 de janeiro de 1994 na cidade de Goiandira (GO), onde viveu e estudou toda sua infância e adolescência. De família simples, desde pequeno foi muito incentivado a estudar pelos pais.

Daniel estudava no SENAI de manhã, onde fazia curso técnico em Assistência Administrativa e trabalhava como menor aprendiz à tarde. E para completar, Daniel resolveu ocupar as suas noites também, fazendo o Técnico em Informática no Campus Avançado Catalão.

Conheceu o Instituto Federal Goiano através de seu primo, Eduardo Castilho, que na época era professor no Instituto Federal do Triângulo Mineiro, Campus Ituiutaba e que mais tarde veio a ser seu professor no curso.

Por morar na cidade vizinha, Goiandira, precisava do transporte escolar público para estudar e o único que tinha disponível naquele ano era o que conduzia os alunos a UFG/Catalão, o que gerava muitos transtornos a Daniel, os horários não coincidiam e a rota não era a mesma.

Daniel além de gostar da área da informática, entendia que o curso era importante para sua carreira “[...] aí eu tentei fazer, porque, da área de Informática eu gosto, sempre gostei de Informática” (DANIEL, 3ª NARRATIVA, p. 2). Por isso, mesmo com as limitações do cansaço e da dependência do transporte escolar ele desejou fazer o curso técnico em informática.

3.2.4 Lincoln Pires da Silva

Lincoln nasceu em 1997, na cidade de Catalão-GO e aos 5 anos de idade mudou-se para Cristalina-GO, acompanhando o pai que trabalhava no exército. Em 2002, o pai foi despedido e a família retorna a Catalão, onde passou a trabalhar como motorista nas empresas da cidade: Danone, Anglo América, Mitsubishi e por último Fagundes. Enquanto isso a mãe se dedicava aos filhos e a casa.

Lincoln estudou até o terceiro ano da primeira fase do ensino fundamental na Escola Paroquial São Bernardino de Siena. Depois foi para a Escola Souza Araújo e em seguida na Escola Estadual João Netto de Campos, onde fez o Ensino Médio.

Lincoln gostava de fazer pequenos reparos no seu computador pessoal, talvez por isso o pai entendia que esta seria uma área que ele deveria buscar capacitação. Assim, inscreveu o filho no processo seletivo do curso técnico em informática no Instituto Federal Goiano campus Avançado Catalão.

Eu soube dele através do, dos meus pais, porque estavam passando um dia pela... pela José Marcelino aqui e vocês estavam... hm... em frente... em frente não, estavam junto à farmácia Nossa Senhora de Fátima, né, distribuindo panfletos, né, aí pegaram, (e) descobriram que vocês iriam oferecer curso técnico em Informática...[...] Ele pegou, chegou em casa e me obrigou a fazer o curso. (LINCOLN, 4ª NARRATIVA, p. 4)

Fazer o curso técnico em informática não era o desejo de Lincoln, mas sim o do pai, que via a possibilidade de se realizar através do filho. Esta constatação vem do próprio aluno:

“*Sempre tem muitos pais que querem que os filhos sigam ou façam alguma coisa que eles gostam.*” (LINCOLN, 4ª NARRATIVA, p. 4, grifo nosso). Então, mesmo contra sua própria vontade, para satisfazer o desejo do pai, Lincoln faz o processo seletivo e consegue ser aprovado.

3.2.5 Ezequiel Antônio da Silva

Ezequiel nasceu em 1982, na cidade de Catalão, mas morou até seus 8 anos em fazenda, local de trabalho de seu pai Sebastião Antônio das Graças Silva e de sua mãe Diolina Rosa Silva. De família grande, 7 irmãos de sangue e 1 adotivo. Aos 8 anos de idade, os pais resolveram mudar para a cidade de Goiandira-GO, mudando os rumos desta família:

Com oito anos, a gente veio para cidade (em definitivo). É, como meu pai, ele... fazia algumas travessuras, né, devido ao vício, ali, do álcool, e a minha mãe, um dado momento, teve que assumir a casa, a parte financeira e cuidar dos filhos. [...] família de sete irmãos, com... e oito com um de criação. Minha mãe pegou (este) para criar... meu pai faleceu com quarenta e cinco anos, em consequência de quedas e... é... Lesões por beber demais, tudo, (e) teve uma lesão no cérebro. Aí, de lá para cá, minha mãe assumiu a casa sozinha, trabalhando no... trabalhando aí em sete, dez casas por semana, né, até ela se aposentar. (EZEQUIEL, 5ª NARRATIVA, p. 2).

Ezequiel teve uma infância e adolescência difícil, com o pai doente a mãe precisou assumir as despesas da casa, indo trabalhar de empregada doméstica em várias casas. No entanto, sua mãe procurava mostrar aos filhos que os estudos era a única possibilidade de mudar a realidade financeira deles:

[...] no NUMEG (Núcleo do Menor Goiandirense), que era o núcleo lá de menor, né, de Goiandira, e... aquela época a gente tinha uma visão diferente das outras crianças, já, a gente via que... se não buscasse uma maneira de se estudar, a gente estaria numa dificuldade igual os pais da gente, né, sem estudo, sem nada. (EZEQUIEL, 5ª NARRATIVA, p. 9).

Ezequiel descreve em sua narrativa que desde pequeno experimentou a necessidade de conciliar os estudos com o trabalho. Talvez por isso que aos quinze anos já estava matriculado no curso técnico de serralheria no SENAI (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial), e trabalhando numa das maiores empresas da cidade, a Mitsubishi.

Em 2006, ele é aprovado no curso de Licenciatura em Letras na Universidade Federal de Goiás, onde cursou por 1 ano e abandonou, preferiu investir no curso Técnico em Eletromecânica, no SENAI.

Apesar de Ezequiel ter duas formações técnicas, ainda encontrava disposição e desejo em se capacitar em outras áreas. Por isso, decidiu fazer o curso técnico em informática no IF Goiano Campus avançado Catalão em 2014.

3.2.6 Juslene Cardoso Marciano

Juslene nasceu em 12 de setembro de 1977, na cidade de Catalão, e morou por 6 meses na cidade de Amanhece, Minas Gerais e retorna para Catalão com seu pai e sua mãe e mais dois irmãos, duas mulheres e um homem. O Pai gerenciava uma fazenda produtora de café e maracujá e assim que vieram para Catalão, conseguiu se estabelecer como servidor público municipal. A mãe sempre cuidou dos filhos e da casa.

De origem simples e apesar do pai ser analfabeto sempre incentivou os filhos a estudar, como ela relata:

[...] eu vim de família simples, né, de pais trabalhadores, mas que sempre pensaram que o estudo, o pouquinho que eles tinham para oferecer, e que, se a gente estudasse, a gente ia ser alguma coisa. Ia mudar o nosso... o nosso destino, não ia ser como o deles. (JUSLENE, 6ª NARRATIVA, p. 3).

Juslene iniciou sua trajetória escolar na Escola Estadual Joaquim de Araújo e Silva e a segunda fase do ensino fundamental no Colégio Estadual Rita Paranhos Bretas onde também fez o ensino médio.

Na família, todos os três irmãos possuem uma formação acadêmica: a irmã em psicologia, o irmão em matemática e ela em história. Porém, Juslene não atua como professora de história. Hoje ela trabalha em um salão de beleza, mas seu grande desejo é ser servidora do Instituto Federal como o irmão que atua como professor de matemática no IF Goiano campus Urutai e a cunhada como professora do curso técnico em informática também no mesmo campus.

Foi através dos irmãos e da cunhada que ela conheceu a instituição e decidiu fazer o processo seletivo. Seu desejo não era se transformar em uma técnica em informática, mas se preparar para os concursos no cargo de técnico administrativos do Instituto Federal. Este era seu grande desejo, ser servidora desta instituição assim como o irmão e a cunhada.

3.3 Considerações Parciais

As histórias de vida dos alunos entrevistados nos possibilitaram compreender os motivos que cada um tinha para fazer o curso técnico em informática, bem como as expectativas que eles traziam e seus anseios com um futuro profissional.

Foi possível perceber que a chegada do Instituto federal em Catalão, trazia consigo a sedução por uma formação técnico capaz de atender as mais diversas expectativas que foram construídas ao longo das trajetórias pessoais e profissionais de cada sujeito: como aquele diploma que nunca foi conquistado, a possibilidade de um trabalho ou a progressão tão desejada, como também o deslumbramento de uma aprovação em concurso público.

No quarto capítulo, faremos a análise e interpretações das narrativas buscando compreender as experiências que cada sujeito trás nos seus relatos que justifica a sua decisão de abandonar o curso.

CAPÍTULO IV

A EXPERIÊNCIA DA EVASÃO ESCOLAR

O objetivo deste capítulo é compreender o fenômeno da evasão escolar a partir das experiências vivenciadas e relatadas nas narrativas (auto) biográficas. Para a produção deste capítulo usaremos os critérios de análise de conteúdo de Bardin (2011), na busca de identificar nas falas destes sujeitos os elementos que dão significados às experiências com o fenômeno da evasão escolar.

4.1 Evasão Escolar: Uma Análise Bibliográfica

As pesquisas sobre evasão escolar realizadas no Brasil apresentam algumas características muito comuns: a primeira diz respeito ao método investigativo, que se concentram entre os estudos estatísticos, como por exemplo o trabalho de Thays Santos Souza, realizado em 2017, pelo programa de mestrado da Universidade Federal de Goiás, intitulado “Estudos sobre evasão em cursos de graduação presenciais na Universidade Federal de Goiás/ Catalão”, que faz uma análise quantitativa dos alunos evadidos do curso de Graduação. O outro método também muito presente nas pesquisas é o de estudos de casos, como podemos observar na dissertação de Mirian Antônia Soares Filha Rodrigues, realizada em 2019, pelo programa de mestrado da Pontifícia Universidade Católica de Goiás/ Goiânia intitulada “A evasão escolar na educação profissional técnica de nível médio: o curso técnico agropecuária do IF Goiano”, que discute as causas sociais da evasão escolar nos cursos técnicos de agropecuária em Urutai, Morrinhos e Ceres.

As pesquisas se concentram em três categorias de investigação, que Dore e Lüscher (2011) classificam em: nível de escolaridade; tipo de evasão; e a motivação.

No contexto desta pesquisa, investigamos a evasão escolar de curso, no ensino de nível médio e escolhemos as narrativas (auto) biográficas como método investigativo.

A presente pesquisa nos mostrou que não existe um único motivo que determina a evasão escolar, e sim elementos que vão se interagindo e criando situações que levam o aluno a abandonar o estudo. As causas da evasão escolar são muito diversas e na maioria das vezes, é uma somatória de situações que fazem o aluno desistir dos estudos e evadir da sala de aula.

Intitulamos o capítulo como “experiência da evasão”. Passeggi (2011) nos diz que “A experiência se constitui nessa relação entre o que nos acontece e a significação que atribuímos ao que nos afetou. Isso se faz mediante o ato de dizer, de narrar, (re) interpretar” (PASSEGGI,

2011, p. 159). Desta forma, as experiências de vida dos alunos que foram relatadas nos permitiram interpretar opiniões, crenças, valores, representações e a partir deste contexto compreender o que foi o fenômeno da evasão escolar para esses alunos.

Na perspectiva da narrativa, “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia, se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece”. Ou seja, só narramos (e lembramos) o que nos passa se aquilo que nos passa deixa huellas, ou seja, se nos marca (LARROSA, 2002, p. 21).

Para melhor compreensão das experiências relatadas, organizamos um quadro descritivo onde apresentamos o que cada um dos sujeitos nos relatou como motivo do abandono do curso.

Quadro 11. Quadro descritivo dos motivos do abandono relatados pelos alunos.

SUJEITO	MOTIVOS
Weber	Porque a instituição precisou unir as turmas do vespertino com o noturno e ele não queria estudar a noite
Jaqueline	Dificuldade de aprendizagem, principalmente na disciplina de Lógica de programação e redes e manutenção de computadores.
Lincoln	Não tinha afinidade com o curso
Daniel	Pelos transtornos causados pelo transporte escolar
Ezequiel	Para ajudar a esposa com os filhos
Juslene	Por motivos de doença

Fonte: Elaboração da autora, 2019.

Estes foram os motivos enfatizados pelos alunos entrevistados e, apesar de serem argumentos diferentes, percebemos que existe dois grupos de categorias que podem ser descritos da seguinte forma:

Quadro 12. Descrição das categorias encontradas dentro e fora do ambiente escolar.

ESCOLA	FATORES INTERNOS	FATORES EXTERNOS
	Mudança de turno	Transporte
	Dificuldade de aprendizagem	Família
	Incompatibilidade com o curso	Doença

Fonte: Elaboração da autora, 2019.

Nota-se que existem fatores relacionados a questões internas e fatores relacionados a questões externas à escola e a interação de todos os fatores que direta ou indiretamente influenciaram a evasão escolar deste curso é nossa proposta de análise, pois entendemos que:

Causas da evasão são extremamente difíceis de serem identificadas porque, de forma análoga a outros processos vinculados ao desempenho escolar, a evasão é influenciada por um conjunto de fatores que se relacionam tanto ao estudante e à sua família quanto à escola e à comunidade em que vive. (DORE & LUSCHER, 2011, p.776).

4.2 Mudança de Turno

Ao analisarmos o quadro 10 onde temos a data de nascimento de cada aluno entrevistado, percebemos que grande parte dos alunos da turma vespertina eram jovens que conciliavam o curso técnico com o ensino médio. Mas este não era o perfil do aluno Weber, pois ele já era um senhor aposentado, que tinha os períodos matutino e noturno disponíveis para descanso ou lazer, mas decidiu dedicar a uma capacitação.

A união das duas turmas, vespertino e noturno foi uma ação institucional pensando em dinamização das turmas que já se encontravam com um número elevado de alunos evadidos. Mas, esta ação trouxe impactos negativos, como podemos observar no relato de Weber: “abandonei mais por causa do horário. Porque, quando eu comecei a estudar, é... é...era vespertino...o curso. Depois a turma foi reduzindo, e eles tiveram que unificar duas turmas em uma” (WEBER, 1ª NARRATIVA, p.7). Podemos perceber então que o período da noite ele desejava ter outros compromissos, que não fosse estudar.

Além disso, identificamos também na narrativa do aluno, situações relacionadas ao curso, que demonstra a possibilidade de outros fatores terem interferidos e potencializado a sua decisão de abandonar o curso:

[...] foi a primeira turma [pigarra] que... é... que teve aqui no IFGoiano, foi... acho que eles tiveram muita dificuldade, né... Professores, faltavam professores, tudo, (então foi um) ... não foi, acho que não foi uma época fácil para... para o IFGoiano aqui. É início, né, foi quando estava se instalando, né... (WEBER, 1ª NARRATIVA, p. 7).

A falta de professores foi uma situação que causou desconforto em Weber, pois encontramos muitas passagens em sua narrativa onde ele ressalta esta situação: “ O curso teve que ir se adaptando, porque não tinha professores, o quadro completo, né, então... Eu mesmo dificuldade não. ” ... (WEBER, 1ª NARRATIVA, p.7).

Enquanto a maioria dos entrevistados relataram que esperava que o curso fosse de manutenção de computadores, Weber quando questionado sobre esse assunto, coloca que uma das grandes expectativas dele com o curso era se aperfeiçoar em programação: “Sim, eu tinha mais...é...eu, eu tinha dois focos que, que eu gostaria, eu queria me aperfeiçoar, que era em Redes e... e Programação, porque eu gosto de programação. ” (WEBER, 1ª NARRATIVA, p.12). No entanto, apesar do curso ser voltado para programação, Weber diz que as disciplinas voltadas para estas áreas específicas eram “bem básicas”. Nesta fala, podemos entender que existia uma certa decepção com o curso, pois ele esperava aprofundar seus conhecimentos na área de programação, e isso não veio a acontecer.

Outro relato que nos chama a atenção é a forma como ele se refere aos colegas de sala: “maioria era mais pirralhada, era mais...” (WEBER, 1ª NARRATIVA, p.9). Será que ele se sentia incomodado de estar no meio dos adolescentes, com comportamentos bem diferentes do seu? Será que a escola, os professores estavam preparados para receber uma sala tão heterogênea, tanto no sentido de faixa etária quanto no sentido do grau das dificuldades de aprendizagem? Patto (1991) diz que:

Somente um ensino de boa qualidade – no qual um professor interessado e bem formado maneje o conteúdo do ensino levando em conta as especificidades do alunado, tanto no que se refere às características de sua faixa etária quanto às suas experiências culturais pode garantir a eficiência da escola. (PATTO, 1991, p. 118)

Dentro deste contexto podemos dizer que Weber trazia especificidades pessoais e culturais que a escola pode não ter levado em conta e isso pode ter contribuído no desejo dele, de abandonar o curso.

Desta forma, compreende-se que a falta de professores, a precária estrutura do prédio, as expectativas frustradas com o curso e, por fim, a convivência com os adolescentes, foram experiências que Weber vivenciou e que, de alguma forma, colaboraram na sua decisão de abandonar o curso.

4.3 Dificuldade de Aprendizagem

A dificuldade de aprender às disciplinas Lógica de Programação e Redes e Manutenção de computadores esteve presente em muitas narrativas. No entanto, Jaqueline foi a entrevistada que se refere a este motivo como responsável pelo abandono: “Porque houve umas aulas aí, umas matérias, por exemplo, do... X e da Y, que eu achava muito difícil. Aí eu

não consegui compreender essas matérias. Aí eu acabei parando” (JAQUELINE, 2ª NARRATIVA, p. 6).

Há uma discussão antiga dentro dos Institutos Federais a respeito da formação pedagógica dos professores das áreas técnicas. Conforme Oliveira (2006) “O professor do ensino técnico não é concebido como um profissional da educação, mas um profissional de outra área e que nela também leciona” (OLIVEIRA, 2006, p. 5). Seria então necessário naquele momento oferecer aos professores do curso técnico em informática uma complementação didática que os orientassem nas suas práticas pedagógicas?

No caso da Jaqueline, quando ela relata que procurou ajuda: “Na verdade, eu sempre pedia ajuda para as, para os professores mesmo. Só que daí eu não consegui mesmo aprender as matérias” (JAQUELINE, 2ª NARRATIVA, p. 7). A fala da aluna pode ser um caso isolado. Porém, isso nos leva a pensar sobre a relação entre a compreensão pedagógica do professor, especialmente escolher as ferramentas e os métodos mais adequados para facilitar a aprendizagem do aluno e a realidade do Instituto naquele momento, de inicialização de suas atividades em Catalão.

Nos relatos de Jaqueline, encontramos outra situação que nos chama a atenção: “[...] porque, eu já vi minhas colegas. Antes de mim mesma, desistir desse curso. Aí eu fui conversar com meus pais primeiro, porque daí eles que me deram a orientação. Aí eu peguei e parei” (JAQUELINE, 2ª NARRATIVA, p. 7). Nesta passagem percebemos duas situações: o impacto que ela sofreu quando as amigas vão abandonando o curso e o apoio dos pais na sua decisão de abandonar o curso. A primeira situação nos mostra que a saída das colegas foi um fato que marcou muito Jaqueline, o que nos leva a dizer que talvez ela tenha passado a se sentir isolada ou até mesmo excluída. Dore e Lüscher (2011, p.6) dizem que “a comunidade e os grupos de amigos também têm grande influência sobre os processos de evasão”.

Diferente de alguns colegas que relataram a forte presença dos pais no incentivo aos estudos, os pais de Jaqueline autorizam sua saída. Para Schargel e Smink (2002), os pais que já vivenciaram alguma experiência negativa na escola, muitas vezes deixa de incentivar os filhos ao estudo, com medo que eles venham a vivenciar as mesmas frustrações vividas por eles. Dore e Lüscher (2011) complementam esta teoria dizendo que:

Na perspectiva do indivíduo, o background familiar (nível educacional dos pais, renda familiar e estrutura da família) é, reconhecidamente, o mais importante fator isolado para o sucesso ou para o fracasso do estudante em algum ponto de seu percurso escolar. Outro fator que contribui para a evasão, relacionado à família e que tem sido muito enfatizado nas pesquisas, refere-se ao capital social, ou seja, à qualidade das relações que os pais

mantêm com os filhos, com outras famílias e com a própria escola. (DORE; LÜSCHER, 2011, p. 5).

Apesar da narrativa de Jaqueline relatar a dificuldade de entender as disciplinas de Lógica de Programação e Redes e manutenção de computadores serem os motivos principais no desejo de abandonar o curso, a saída de suas amigas e o apoio dos pais na decisão de abandonar o curso também influenciaram na sua decisão.

4.4 Transporte

A grande maioria dos alunos que optaram em fazer o curso técnico em informática no período noturno eram jovens e adultos trabalhadores que enfrentavam dificuldades em conciliar escola e trabalho. Os estudos realizados por Meksenas (1992) mostraram que os alunos que estudam no período noturno precisavam trabalhar para sustento próprio ou da família, chegando às aulas exaustos da jornada de trabalho e desmotivados pelo baixo rendimento.

Daniel estudava no período matutino, trabalhava no período vespertino e retornava para os estudos no período noturno. Era uma rotina exaustiva: “Por eu trabalhar pelo... como Menor Aprendiz pelo outro curso, com esse vai e vem, e não dormir direito, aí, isso daí não me deixou me focar no curso” (DANIEL, 3ª NARRATIVA, p.4). Todas estas atribuições só poderiam levar Daniel a exaustão física e mental, acarretando na dificuldade de concentração nas aulas. O que a escola poderia fazer para ajudar esse aluno? Aulas mais atrativas, recursos didáticos mais modernos. Dore e Lucher diz que:

Na perspectiva da escola, dentre os fatores que podem ser relacionados à saída/evasão ou à permanência do estudante na escola, distinguem-se: a composição do corpo discente, os recursos escolares, as características estruturais da escola, e os processos e as práticas escolares e pedagógicas. Cada um desses fatores desdobra-se em muitos outros e, no conjunto, compõem o quadro escolar que pode favorecer a evasão ou a permanência do estudante. (DORE; LÜSCHER, 2011, p. 6)

Além desta situação, Daniel dependia do transporte escolar público para estudar no Instituto Federal Goiano Campus Avançado Catalão, mas o único que correspondia às suas necessidades era o que levava os estudantes a UFG, o que acarretava em várias situações que Daniel nos relata: “Então, prazo (era curto), às vezes tinha que sair mais cedo, bem mais cedo, para ver se eu tentava pegar o ônibus. Às vezes o ônibus mudava de rota e eu perdia o ônibus várias vezes” (DANIEL, 3ª NARRATIVA, p. 3). Ou seja, essa dependência de transporte acarretava na necessidade de ter que sair antes do término da aula e ainda corria o risco de

perder a única condução que ele tinha para retornar para casa e a perda de conteúdo, uma vez que as aulas acabavam às 23 horas e ele precisava sair por volta das 22 horas para alcançar o ônibus.

Apesar de Daniel trazer a questão do transporte como o fator principal de sua decisão em abandonar o curso, a sua narrativa traz também relatos da difícil tarefa de conciliar trabalho e escola, o cansaço mental e físico pela difícil jornada diária, assim podemos dizer que o transporte foi um fator determinante, mas não o causador do abandono.

O conflito entre o desejo de permanecer estudando e os obstáculos que Daniel enfrentava com o cansaço e o transporte, faz de Daniel um dos entrevistados que vivenciou a experiência da evasão escolar intensamente, num curto espaço de tempo, pois ele abandona o curso com apenas três meses de aula.

4.5 Incompatibilidade

Lincoln foi o único entrevistado que relatou não ter motivos, seja ele pessoal ou profissional, para fazer o curso técnico em informática, pois foi o pai quem o “*obrigou*”, termo que ele usa para explicar sua chegada ao curso:

Para começar, eu nunca queria ter feito o curso. Meu pai me obrigou, porque a Informática é algo que ele acha interessante. Então, foi aquele negócio, sempre tem muitos pais que querem que os filhos sigam ou façam alguma coisa que eles gostam. [...]. (LINCOLN, 4ª NARRATIVA, p. 8).

Esta é a realidade de muitos alunos, principalmente dos cursos técnicos integrados ao ensino médio, onde muitos pais inscrevem os seus filhos no processo seletivo sem consultá-los. Esta é uma percepção minha como servidora do IF Goiano, Campus Avançado Catalão, e desconheço a existência de alguma discussão dentro desta temática.

Lincoln, durante a entrevista, utiliza-se de termos como por exemplo os descritos acima “*eu nunca queria ter feito o curso*” que demonstra sua rejeição pelo curso. Por isso, podemos dizer que não existia um motivo que o levou a abandonar o curso, mas o fato dos pais o terem obrigado a fazer algo que ele não queria o levou a ter um comportamento de total rejeição pelo curso. Neste sentido, mesmo que todas as condições internas e externas à escola estivessem favoráveis à sua continuidade, ele estava decidido a abandonar o curso. Na sua narrativa, ele descreve bem esta situação, quando ele ressalta a incompatibilidade com o curso:

Aí houve, talvez, uma das coisas (que) mais me fez querer sair do curso foi justamente essa... é... foi a facilidade... qual é a palavra que eu tinha usado

antes... essa incompatibilidade que eu tinha com a área da Computação, de entender a fundo como funcionavam as coisas[...]. (LINCOLN, 4ª NARRATIVA, p. 8).

Mas, dizer ao pai que o curso era incompatível com o que ele queria, não seria suficiente para convencer o pai de aprovar sua decisão de abandonar o curso, então ele a justifica para se preparar para os exames nacionais do ensino médio:

[...] mais... e depois, é... acho que eu saí (quando) faltava pouco mais de um mês para o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio). Aí eu estudava de manhã e fazia o curso de tarde, né, aí eu aproveitei, depois que eu saí, e fiquei estudando, só um turno estudando, aí eu fiquei os outros dois estudando para o ENEM [...]. (LINCOLN, 4ª NARRATIVA, p. 8).

Aqui podemos perceber, diante do relato de Lincoln, que, desde o início do curso, ele estava já determinado a abandonar, e dentro deste contexto podemos interpretar que a sua incompatibilidade seria o seu desejo de não se envolver com os amigos, com os professores estando sempre muito mais afastado da escola do que inserido nela, pois não existia outro desejo que não fosse o de abandonar. Para Charlot (2000) esses alunos não estão abandonando porque nunca entraram de fato na escola.

Os relatos de Lincoln nos levam a compreender que existem várias formas de se vivenciar o fenômeno da evasão escolar, pois apesar de não percebermos na sua narrativa momentos de sofrimento por estar abandonando o curso, sua experiência talvez seja a mais objetiva de todos os entrevistados, uma vez que a decisão de abandonar o curso já estava tomada desde o primeiro momento de sua chegada à escola.

4.6 Família

Os pais de Ezequiel apesar de terem pouco estudo, eram seus maiores incentivadores, principalmente a mãe, conforme ele nos relata:

Então, naquela época a gente era incentivado a estudar, pela própria mãe, né, qualquer coisa que a gente vir... [...]naquela época a gente tinha uma visão diferente das outras crianças, já, a gente via que... se não buscasse uma maneira de se estudar, a gente estaria numa dificuldade igual os pais da gente, né, sem estudo, sem nada (EZEQUIEL, 5ª NARRATIVA, p.1).

Sua mãe acreditava que os estudos seriam a única oportunidade que ele teria de mudar a realidade financeira, ou seja, de se tornar “alguém” na vida. Para Charlot (2000, p.72), existem muitas maneiras de “tornar-se alguém”, através das diferentes figuras do aprender; mas a sociedade moderna tende a impor a figura do saber objeto (do sucesso escolar) como sendo a passagem obrigatória para se ter o direito de ser “alguém”.

No caso de Ezequiel, os estudos realmente mudaram sua realidade. Ainda adolescente ele buscou na formação técnica uma oportunidade de ingressar rápido no mercado de trabalho:

Não. Aí eu fiquei quieto (por) um tempo, aí eu vi o resultado, né, que a gente, é... porque através do curso técnico eu entrei na usina, né, na Serra do Facão, né, porque... por estar na área dessa parte elétrica, né. Então as empresas vinham de fora – na época o mercado estava legal – para buscar nomes no SENAI. Meu nome foi um dos selecionados. Então, isso aí te motivava mais, de você estudar e você ir, você conseguir um resultado lá na frente (EZEQUIEL, 5ª NARRATIVA, p. 3).

Mas, Ezequiel naquele ano, estava vivenciando a experiência de ser pai, tinha dois bebês em casa que necessitam de muito cuidados e atenção.

Não, não. Justamente porque eu estava, eu ia te (falar). O Artur era uma criança, era muito pequeno o Artur. Eu já tinha o Mateus. A diferença de (idade) deles é de um ano e sete meses. E o Artur era muito chato, era uma criança (que) queria colo vinte e quatro horas, e o Mateus também criança, então aquilo foi sobrecarregando, né... Sobrecarregando a Elisângela, minha esposa, e... e aquilo me deixava, querendo ou não, chegava em casa bem chateado, de ver... Aí foi uma das coisas que me fez abdicar (do curso). (EZEQUIEL, 5ª NARRATIVA, p. 4).

Nos relatos de Ezequiel percebemos que foi um momento muito tumultuado de sua vida, a esposa precisava de um suporte em casa com os bebês, então não restava outra alternativa senão abandonar o curso.

Ezequiel, naquele momento, vivenciava o conflito da necessidade de trabalhar, a vida familiar e projetos pessoais. Segundo Dore e Lüscher (2011),

A modalidade subsequente permite conjugar a um só tempo emprego e trabalho, situação que está mais associada a fatores de evasão, tais como horários incompatíveis com estudos, vida social, familiar e ou projetos pessoais conflitantes. (DORE; LÜSCHER, 2001, p. 329)

Nesta passagem podemos perceber o conflito de fazer um curso em outra área da sua formação técnica.

Uma outra coisa é que eu já tinha curso técnico. Por mais que ele, ah, ele era voltado para outra área, né, eu... meu pensamento era assim... Melhor eu (me) focar no que eu já fiz e na área que eu já estou, dentro da usina, do que eu, é... como se diz, é, ficar sobrecarregado que, que nem outros... Claro, que (se) você tiver uma nova área de estudo é legal também, né. Mas aí, foi o Artur, e por eu já ter curso técnico também... (EZEQUIEL, 5ª NARRATIVA, p. 4).

No início da entrevista Ezequiel relata que queria fazer o curso técnico em informática para ampliar suas possibilidades de emprego. Aqui notamos que ele muda seu discurso,

dizendo que ele precisava capacitar na mesma área da sua formação, no caso como técnico em eletrônica.

Analisando os relatos de Ezequiel, chego a pensar que ele poderia estar usando esse argumento mais para se conformar de ter abandonado um curso que ele diz ser importante para sua carreira.

Neste sentido podemos dizer que talvez ele tenha sido o sujeito que experimentou de forma mais intensa e dolorosa a decisão de abandonar o curso, pois de todos os entrevistados, Ezequiel foi o que mais tinha consciência dos requisitos do curso técnico em informática e das atribuições que um profissional dessa área exerce.

4.7 Doença

Juslene foi a única entrevistada que conseguiu chegar até o último período, superando a falta de professores e a dificuldades de compreender a disciplina de Lógica de programação, no primeiro período, e enfrentando redes de computadores no segundo período. Assim, como os motivos relatados por Ezequiel, os fatores que vieram a motivá-la a abandonar o curso estavam fora do contexto escolar. A doença que ela narra ter enfrentado no início, logo no período das avaliações, fez com que ela tivesse receio de retornar e não conseguir ser aprovada:

E aí, na verdade, por que eu desisti, mais: porque eu fiquei muito doente, e bem, foi bem no final do ano, que foi, acho, que outubro, quando começaram as provas, e, eu tive um... problema de saúde, e ficou muito difícil para eu voltar, e aí eu já fiquei muito atrasada” (JUSLENE, 6ª NARRATIVA, p. 7–8).

Dore e Lucher (2011) procuram compreender os determinantes da evasão escolar dentro de um contexto mais amplo fazendo uma análise de fatores ligados à escola e ao aluno:

Na perspectiva da escola, dentre os fatores que podem ser relacionados à saída/evasão ou à permanência do estudante na escola, distinguem-se: a composição do corpo discente, os recursos escolares, as características estruturais da escola, e os processos e as práticas escolares e pedagógicas. Cada um desses fatores desdobra-se em muitos outros e, no conjunto, compõem o quadro escolar que pode favorecer a evasão ou a permanência do estudante. (DORE; LÜSCHER, 2011, p. 6)

Percebemos até o momento que todos as experiências relatadas pelos entrevistados não tiveram apenas um fator exclusivo que justificasse a evasão, mas uma somatória de elementos que foram sendo encontrados nos relatos. Assim se dá com Juslene, que, apesar de

ter a doença como principal fator, temos também o receio de voltar ao curso e não conseguir ser aprovada:

A disciplina do Eduardo, também, muito difícil. Acho que não, nem tanto a disciplina, mas (com) o método que o Eduardo trabalhava a gente não conseguiu (se) adaptar. A gente não deu conta de falar a língua dele. E ele também não conseguiu entender a gente, e a gente tomou foi raiva dele. E uma grande evasão foi (causada por) Fabíola e Eduardo, infelizmente” (JUSLENE, 6ª NARRATIVA, p. 7–8).

Aparece um elemento novo, que até então não tinha sido narrado pelos outros entrevistados, a questão do método didático dos professores. Paulo Freire é um dos pensadores que faz grandes reflexões sobre a prática pedagógica. Para ele:

Toda prática educativa demanda a existência de sujeitos, um que, ensinando, aprende, outro que, aprendendo, ensina, daí seu cunho gnosiológico; a existência de objetos, conteúdos a serem ensinados e apreendidos envolve o uso de métodos, de técnicas, de materiais, implica, em função de seu caráter diretivo, objetivo, sonhos, utopias, ideais. Daí a sua politicidade, qualidade que tem a prática educativa de ser política, de não ser neutra. (FREIRE, 2002, p. 77–79)

Aqui eu retomo a questão que já foi lançada anteriormente, será que os professores dos cursos técnicos, que não tiveram uma formação didática pedagógica, compreendem a complexa tarefa de ensinar? Pois, conforme Paulo Freire defende, ensinar não é transmitir o conhecimento, mas a interação de todos os sujeitos e elementos envolvidos.

Temos também um fator que, apesar de ser relatado de uma forma muito discreta, não poderíamos deixar de observá-lo, que é o sentimento de frustração relatado por Juslene, quando ela percebe que o curso não era de “*consertar computadores*”:

Não. Na verdade, acho que a maioria tinha isso na cabeça, que a gente ia mexer era com conserto... não com a parte de programação, de entender como funciona e como que se chega a um computador, né, como que se faz toda essa linguagem. Então foi uma dificuldade grande para todos. Porque estavam falando numa linguagem que a gente nunca tinha visto, né, e a gente ficou muito assustado. (Não é à toa que) todo mundo descabelava na hora que passava aqueles exercícios – misericórdia –, que ninguém entendia nada, ninguém entendia nada de nada, e... a gente foi indo, mas a gente tinha uma coisa bacana nessa turma, que a gente era muito unido (JUSLENE, 6ª NARRATIVA, p. 7).

Esta é uma situação muito presente entre alunos que buscam fazer um curso técnico, muitas vezes eles chegam com uma expectativa de uma determinada formação e acabam se frustrando por não encontrarem. Juslene buscava se capacitar para um curso de manutenção de computadores, mas se depara com um curso de programação.

De todos os entrevistados, Juslene foi a que mais experimentou o fenômeno da evasão escolar, pois ela foi vivenciando a frustração de não encontrar o curso que procurava, as dificuldades de aprender as disciplinas básicas do curso e, por fim, a doença, que foi o elemento determinante do abandono.

4.8 Considerações Parciais

A proposta deste capítulo foi analisar o fenômeno da evasão na perspectiva do aluno, por isso procuramos ir além da categorização dos fatores, pois poderíamos deixar de conhecer as experiências que somente as narrativas autobiográficas poderiam oportunizar, pois cada sujeito entrevistado vivenciou experiências muito subjetivas com o fenômeno da evasão escolar.

Compreender o fenômeno da evasão escolar através das narrativas dos alunos que abandonaram o curso, não é uma tarefa fácil, pois é preciso encontrar nas palavras, nos gestos e até mesmo na ausência deles os elementos que dão significados ao processo de evadir.

Cada aluno apresentou um argumento diferente para o seu desejo de abandonar o curso. Temos a mudança de turno de Weber, a dificuldade de aprendizagem de Jaqueline, o transporte escolar de Daniel, a incompatibilidade com o curso de Lincoln, a família/filhos de Ezequiel e a doença de Juslene. Apesar de serem argumentos diferentes, percebemos que existiam dois grupos de categorias que podem ser relacionados a fatores internos e externos à escola, e mesmo nos argumentos de Daniel, Juslene e Ezequiel que relatam questões que não estão diretamente relacionados a escola, encontramos nas suas narrativas, a dificuldade que tiveram com as disciplinas de Lógica de programação e redes de Computadores, temos até uma passagem de Juslene onde ela questiona o método dos professores. Também encontramos relatos da falta de professores, da estrutura física, do relacionamento com os colegas, da faixa etária dos alunos, da frustração com o curso, do receio da reprovação, dos relacionamentos com os colegas e com os professores, ou seja, situações que vão acontecendo dentro do ambiente escolar que provavelmente potencializaram o desejo de abandonarem o curso. Neste sentido fomos levantando alguns questionamentos referentes à escola, ao curso e aos professores com o intuito de refletirmos sobre o papel de cada um desses elementos no desejo do aluno em abandonar o curso, pois acreditamos que, de alguma forma, eles podem ter colaborado para esta decisão.

Outro fator importante observado foi a intensidade que cada aluno vivenciou as experiências de abandonar o curso, temos por exemplo Weber, que nos seus relatos não trazia

nenhum desconforto em relatar o seu desejo de preferir ficar em casa do que estudar a noite por isso abandona o curso. Isso é um fato relevante na pesquisa, uma vez que grande parte dos pesquisadores que investigam a evasão apontam consequências negativas geradas pela evasão. Mas, aqui foi possível observar, como por exemplo com os alunos Ezequiel e Daniel que, ao abandonarem o curso, partiram para outras formações a nível técnico e a graduação, procurando investir no futuro profissional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Presenciei o fenômeno da evasão se materializando durante os anos de 2014 a 2015 nas turmas do curso técnico em informática. A vontade ou talvez a necessidade de saber o que estava acontecendo com aqueles alunos, com a turma, com os professores, qual era o papel da escola naquele contexto forma questões que me deram o norte para a elaboração de meu projeto de pesquisa. Precisava compreender o que levava um sujeito que é aprovado num processo seletivo para um curso técnico gratuito de uma rede federal de ensino abandonar um curso de informática, cujo mercado de trabalho se mostrava promissor?

Neste sentido fomos buscar compreender como o tema evasão escolar estava sendo discutido entre os intelectuais da educação e percebemos que este debate estava inserido em contextos mais amplo, a do fracasso escolar. Além disso verificamos nos trabalhos de dissertação uma tendência em categorizar os fatores causadores do fenômeno considerados determinantes como escola, família, questões culturais, econômicas e sociais com pouca ênfase no aluno. Partimos então na busca de uma nova perspectiva de pesquisa, queríamos dar voz aos alunos que abandonaram o curso, queríamos saber o que ele tinha para dizer sobre a sua experiência com o fenômeno da evasão escolar. Neste sentido o método narrativo (auto) biográfico foi de extrema importância para a produção das fontes de nossa pesquisa, pois nos possibilitou discutir o tema com múltiplas interpretações, sem que fosse preciso concentrarmos somente nas causas e efeitos do fenômeno a evasão, pois isto já vem sendo discutido.

Nossa pesquisa foi estruturada em quatro capítulos, sendo que no primeiro procuramos analisar o debate sobre a Evasão escolar na perspectiva do ensino técnico profissionalizante caracterizando seus aspectos políticos, estrutural e funcional. Percebemos que, apesar dessa modalidade de ensino ser uma das mais antigas no Brasil, a discussão é muito recente com pouco material bibliográfico, o que nos leva a entender que a pesquisa sobre o fenômeno da Evasão Escolar no Ensino Técnico profissionalizante precisa ser mais discutida e aprofundada.

Na busca por entender as razões desse atraso, fomos buscar na Política de Expansão do ensino técnico profissionalizante as explicações, pois é a partir desse momento que a discussão sobre o fenômeno da evasão é provocada por órgãos de controle e fiscalização do governo federal, que preocupados com o dinheiro aplicado no projeto de expansão da rede federal de ensino técnico, começam a questionar os altos índices de alunos evadidos. Utilizamos quadros para demonstrarmos a quantidade de escolas e cursos que existiam antes

de depois da implantação do projeto, a fim de discutirmos questões relacionadas ao número de matrículas, número de alunos evadidos a nível nacional, estadual e regional.

No segundo capítulo a proposta foi analisar o campus Avançado Catalão e o curso técnico em informática. Para esta discussão buscamos conhecer como se deu o processo de implantação do Instituto Federal Goiano nesta cidade com ênfase nas principais características econômicas, sociais, culturais e geográficas desta cidade. Esta análise nos mostrou que existe um vasto campo de trabalho para o Técnico em Informática em Catalão, pois a cidade conta com um setor comercial e empresarial bem desenvolvido além de hospitais e escolas que necessitam de profissionais capacitados na área de programação.

Fizemos também uma análise da estrutura curricular do curso a fim de entendermos as habilidades que seriam trabalhadas e as atribuições de um técnico em informática. Para complementar este debate, buscamos nas narrativas dos alunos que abandonaram o curso, relatos das razões que levaram o sujeito a buscar um curso técnico em informática e percebemos que existia muitos fatores relacionados além da busca de uma formação profissional.

No terceiro capítulo o objetivo foi conhecer a história de vida de cada sujeito e para isso buscamos nos aprofundar nos conceitos de narrativa, experiência e biografização que fundamentaram nossa pesquisa. Assim foi possível identificar em que momento profissional, escolar e pessoal os sujeitos se encontravam quando buscaram fazer o curso técnico em informática.

E no quarto capítulo buscamos interpretar o fenômeno da evasão na perspectiva do aluno, buscando compreender como cada sujeito construía sua narrativa de abandonar o curso técnico em informática. Encontramos diferentes experiências e cada experiência relatada nos possibilitou levantar as categorias de análise onde percebemos situações que ocorreram dentro e outras fora ambiente escola. Assim, temos questões de saúde (Juslene), social (Daniel), familiar (Ezequiel) que não foram vivenciadas dentro da escola e as questões como mudança de turno (Weber), incompatibilidade com o curso (Lincoln) e dificuldade de aprendizagem (Jaqueline) que ocorreram dentro da escola.

No transcorrer da pesquisa levantamos questões importantes como os impactos da transformação das escolas Agrotécnicas e CEFETs na identidade dos Institutos Federais, a formação didática e pedagógica dos professores das áreas técnicas, as relações entre emprego, mercado de trabalho e ensino técnico profissionalizante e outras que merecem espaço de discussão mais amplo, pois nosso tempo não nos permitiu aprofundar nesta discussão.

Espero que nossos estudos possam colaborar no debate da evasão escolar na perspectiva do sujeito, pois é dando voz aos alunos que poderemos compreender o que de fato, contribuiu para que ele abandonasse o curso ou a escola.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Sílvia M. **Sociologia: um olhar crítico**. São Paulo – SP: Contexto, 2013.
- ARROYO, Miguel G. Fracasso-sucesso: o peso da cultura escolar e do ordenamento da educação básica. **Em aberto**, Brasília – DF, v. 11, n. 53, p. 46 – 53, 1992.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo – SP: Edições 70, 2011.
- BOLÍVAR, Antônio; DOMINGO, Jesús; FERNÁNDEZ, Manuel. **La investigación biográfico-narrativa en educación – Enfoque y metodología**. Madrid – Espanha: Editorial La Muralla, 2001.
- BOLÍVAR, Antônio. “¿De nobis ipsis silemus? ”: Epistemologia de la investigación biográfico-narrativa en educación. **Revista Electrónica de Investigación Educativa**, v. 4, n. 1, p. 1 – 26, 2002.
- BOLÍVAR, Antônio. Narrar la organización educativa: memoria institucional y constitución de la identidad. In: ABRAHÃO, Maria H. M. B.; BOLÍVAR, Antônio (Org.). **La Investigación (Auto) Biográfica Em Educação: Miradas Cruzadas Entre o Brasil Y España**. Granada – Espanha: EUG; Porto Alegre – RS: EDIPUCRS, 2014.
- BRANDÃO, Zaia; BAETA, Anna M. B.; ROCHA, Any D. C. O estado da arte da pesquisa sobre evasão e repetência no ensino de 1º grau no Brasil (1971-1981). **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília – DF, v. 64, n. 147, p. 38 – 69, 1983.
- BRASIL. **Decreto-Lei nº 4.422, de 30 de junho de 1942**. Cria o Serviço de Documentação no Departamento de Administração, da Secretaria de Estado do Ministério das Relações Exteriores e dá outras providências.
- BRASIL. **Lei nº 8948, de 8 de dezembro de 1994**. Dispõe sobre a instituição do Sistema Nacional de Educação Tecnológica e dá outras providências.
- BRASIL. **Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.
- BRASIL. **Decreto nº 2208, de 17 de abril de 1997**. Regulamenta o § 2º do art. 36 e os arts. 39 a 42 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.
- BRASIL. **Lei nº 11195, de 18 de novembro de 2005**. Dá nova redação ao § 5º do art. 3º da Lei nº 8.948, de 8 de dezembro de 1994.
- BRASIL. **Lei nº 11741, de 16 de julho de 2008**. Altera dispositivos da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para redimensionar, institucionalizar e integrar as ações da educação profissional técnica de nível médio, da educação de jovens e adultos e da educação profissional e tecnológica.

BRASIL. **Lei nº 11892, de 29 de dezembro de 2008.** Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências.

BRASIL. **Decreto nº 7234, de 19 de julho de 2010.** Dispõe sobre o Programa Nacional de Assistência Estudantil - PNAES.

BRASIL. Ministério da Educação. Educação Profissional e Tecnológica. **Mais escolas técnicas em todo o país.** 2 de janeiro de 2009. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/ultimas-noticias/209-564834057/11908-sp-889255710>. Acesso em 21. out. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. Educação Profissional e Tecnológica. **Cem novas escolas técnicas em 2009.** Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=12179&Itemid=86. Acesso em 21. out. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. **Um novo modelo em educação profissional e tecnológica:** concepção e diretrizes. Brasília: Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica, 2010.

BRASIL. Tribunal de Contas da União. **Acórdão 506/2013.** Relatório de Auditoria Operacional em Ações da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica. Processo TC 026.062/2011–9. Auditoria operacional. Fiscalização de orientação Centralizada. Rede federal de Educação Profissional [...]. Plenário. 2013.

BRASIL. Ministério da Educação. **Portal de Dados Abertos do Ministério da Educação.** 2017. Disponível em: <http://dadosabertos.mec.gov.br/pnp?start=10>. Acesso em 20 out 2019.

CANÁRIO, Rui. A escola: das “promessas” às “incertezas”. **Educação Unisinos**, n. 12, v. 2, p. 73 – 81, 2008.

CHARLOT, Bernard. **Da Relação com o Saber:** elementos para uma teoria. Porto Alegre – RS: Artes Médicas Sul, 2000.

CHARLOT, Bernard. Relação com a escola e o saber nos bairros populares. **Perspectiva**, Florianópolis – SC, v.20, n. esp. p. 17 – 34, 2002.

CLANDININ, D. J.; CONNELLY, F. M. **Pesquisa narrativa:** experiência e história em pesquisa qualitativa. 2. ed. Uberlândia – MG: EDUFU, 2015.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica. **Revista Brasileira de Educação**, v. 17, n. 51, p. 523 – 536, 2012.

DORE, Rosemary.; LUSCHER, Ana Z. Permanência e evasão na educação técnica de nível médio em Minas Gerais. **Cadernos de pesquisa**, v. 41, n. 144, p. 772 – 789, 2011.

DORE, Rosemary; SALES, Paula E. N.; SILVA, Carlos E. G. **Educação profissional e evasão escolar:** contextos e perspectivas. Belo Horizonte – MG: RIMEPES, 2017.

DORE, Rosemary; ARAÚJO, Adilson C.; MENDES, José S. **Evasão na educação: estudos, políticas e propostas de enfrentamento**. Brasília – DF: IFB/CEPROTEC/RIMENES, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia – Saberes Necessários à Prática Educativa**. São Paulo – SP: Paz e Terra, 2002.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **Educação e a crise do capitalismo real**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1996.

FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria. Educação básica no Brasil na década de 1990: subordinação ativa e consentida à lógica do mercado. **Educação & Sociedade**, v. 24, n. 82, p. 93 – 130, 2003.

HEIDEGGER, Martin. La esencia del habla. In: HEIDEGGER, Martin. **De Camino al habla**. Barcelona – Espanha: El Serbal, 1987, p. 141 – 194.

INEP, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Censo escolar: educação Básica. Brasília: INEP, 2018. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/web/guest/censo-escolar>. Acesso em: 13 mar. 2019.

INSTITUTO FEDERAL GOIANO. **Plano Estratégico de Permanência e Êxito**. Goiânia – GO: IF Goiano, 2014.

INSTITUTO FEDERAL GOIANO. **Projeto Pedagógico do Curso Técnico em Informática**. Urutaí – GO: IF Goiano, 2014.

INSTITUTO FEDERAL GOIANO. **Campus avançados: unidades estarão vinculadas à Reitoria em 2016**. 15 de dezembro de 2015. Disponível em: <https://www.ifgoiano.edu.br/home/index.php/component/content/article?id=1582>. Acesso em 21 de outubro de 2019.

JORDÃO, Matheus H. **A mudança de comportamento das gerações X,Y,Z e alfa e suas implicações**. São Carlos – SP: USP, 2016. Disponível em: www.gradadm.ifsc.usp.br/dados/20162/SLC0631-1/geracoes%20xyz.pdf. Acesso em 22 de outubro de 2019.

KUENZER, Acacia Z. (Org.). **Ensino médio: construindo uma proposta para os que vivem do trabalho**. 5. ed. São Paulo – SP: Cortez, 2007.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, p. 20 – 28, 2002.

LÜSCHER, Ana Z.; DORE, Rosemary. Política educacional no Brasil: educação técnica e abandono escolar. **RBPG – Revista Brasileira de Pós-Graduação**, v. 8, n. 1, p. 147 – 176, 2011.

MACHADO, Márcia R. **A evasão nos cursos de Agropecuária e Informática/nível técnico da Escola Agrotécnica Federal de Inconfidentes-MG (2002 a 2006)**. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília – DF, 2009.

MACHADO, Maria .H. S.O. C. **Estado da Arte a Lei 5692/71**. Tese de Doutorado- Pontífice Universidade Católica de São Paulo - Psicologia da Educação, São Paulo 1984.

MACHADO, Marcela R. L.; MOREIRA, Priscila R. Educação Profissional no Brasil, Evasão Escolar e transição para o Mundo do Trabalho. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA, 1, Minas Gerais. **Anais...** Belo Horizonte – MG: CEFET-MG, 2010.

MANFREDI, Sílvia M. **Educação profissional no Brasil**. São Paulo – MG: Cortez, 2002.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Catálogo Nacional de Cursos Técnicos**. Brasília – DF: Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica, 2016.

OLIVEIRA, Maria R. N. S. Formação e profissionalização dos professores do ensino técnico. **Educação e Tecnologia**, Belo Horizonte – MG, v. 11, n. 2, p. 3 – 9, 2006.

PASSEGGI, Maria C. A formação do formador na abordagem autobiográfica: a experiência dos memoriais de formação. In: SOUZA, Elizeu C.; ABRAHÃO, Maria H. M. B. (Orgs.). **Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si**. Porto Alegre – RS: EDIPUCRS; Salvador – BA: EDUNEB, 2006.

PASSEGGI, Maria C. Narrar é humano! Autobiografar-se é um processo civilizatório. In: PASSEGGI, Maria C. **Invenções de vidas, compreensão de itinerários e alternativas de formação**. São Paulo – SP: Cultura Acadêmica, 2010.

PASSEGGI, Maria C. A experiência em formação. **Educação**, v. 34, n. 2, p. 147 – 156, 2011.

PASSEGGI, Maria C.; SOUZA, Elizeu C.; VICENTINI, Paula P. **Pesquisa (auto) biográfica: narrativas de si e de formação**. Curitiba – PR: CRV, 2013.

PATTO, Maria H. S. O fracasso escolar como objeto de estudo: anotações sobre as características de um discurso. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo – SP, n. 65, p. 72 – 77, 1988

PATTO, Maria H. S. **A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia**. São Paulo – SP: T. A. Queiroz, 1991.

PEREIRA, Luiz F. S. Violência e evasão escolar. In: XI CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. **Anais...** Curitiba – PR: PUC-PR, 2003.

QUEIROZ, Lucileide D. **Um estudo sobre a evasão escolar: para se pensar nas questões para a educação hoje**. Porto Alegre – RS: Artmed, 2005.

ROMANELLI, Otaíza O. **A História da Educação no Brasil (1930/1973)**. Petrópolis – RJ: Vozes, 1980.

SCHARGEL, Franklin P.; SMINK, Jay. **Estratégias para Auxiliar o Problema de Evasão Escolar**. Rio de Janeiro – RJ: Dunya, 2002.

SILVA, Sandra I. **A congada em Pires do Rio e Catalão: uma manifestação cultural.** 2016. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em História, Goiânia, 2016.

SIQUEIRA, Alexander D. Instalação da Mitsubishi em Catalão: elementos que definem a escolha como uma decisão estratégica. **Revista CEPPG**, n. 20, v. 1, p. 70 – 88, 2009.

SOUZA, Francisco C. S.; ALIANÇA, Priscila T. S. S. M. Da ilusão à sedução: a crise do paradigma dominante e a emergência da pesquisa (auto) biográfica. **Conjectura: filosofia e educação**, Caxias do Sul – RS, v. 23, n. 3, p. 561 – 578, 2018.

TIBALLI, Elianda F. A. O fracasso da escola pública no discurso educacional brasileiro: INEP 1944 – 1964. In: V CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO. **Anais...** São Cristóvão – SE, Universidade Federal de Sergipe, 2008.

TIBALLI, Elianda F. A. **O fracasso escolar: a constituição sociológica de um discurso.** 1998. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Departamento de Educação, São Paulo – SP, 1998.

TIBALLI, Elianda F. A.; NEPOMUCENO, Maria A. **Pensamento Educacional Brasileiro.** v. 1. 2. ed. Goiânia: Editora da UCG, 2010.

VELOSO, Tereza C. M. A.; ALMEIDA, Edson P. Evasão nos cursos de graduação da Universidade Federal de Mato Grosso, Campus Universitário de Cuiabá – um processo de exclusão. **Série Estudos** – Periódico do Programa de Pós-Graduação em Educação da UCDB, n. 13, p. 133 – 148, 2002.

VIEIRA, Alboni M. D. P.; SOUZA JÚNIOR, Antônio. A Educação Profissional no Brasil. **Interacções**, v. 12, n. 40, p. 152 – 169, 2016.

WEREBE, Maria J. G. **Grandezas e misérias do ensino no Brasil.** 4 ed. São Paulo: Difusão européia, 1963.

APÊNDICE A
ROTEIRO DE ENTREVISTA COM OS ALUNOS EVADIDOS DO CURSO TÉCNICO
EM INFORMÁTICA DO INSTITUTO FEDERAL GOIANO – CAMPUS AVANÇADO
CATALÃO

Mestranda: Nádia Gisele Marques de Souza Nascimento

Mestrado Acadêmico em Educação

Orientador: Wolney Honório Filho

Nome do entrevistado:

Prezado (a) participante.

Gostaria inicialmente de agradecer pela disposição em participar desta pesquisa de mestrado, com o título “A EXPERIÊNCIA DA EVASÃO ESCOLAR NO INSTITUTO FEDERAL GOIANO - CAMPUS AVANÇADO CATALÃO (2014 -2015), sob a orientação do Professor Doutor Wolney Honório Filho que trabalha na linha de pesquisa Políticas Educacionais, Histórias da Educação e Pesquisa (Auto) Biográfica.

O Objetivo principal desta pesquisa é compreender a experiência do fenômeno da evasão escolar no curso Técnico em Informática do ano de 2014 a 2015, através das narrativas dos alunos evadidos. Por isso, a importância de sua participação uma vez que você vivenciou todo esse processo.

As eventuais dúvidas sobre a pesquisa poderão ser esclarecidas por mim, via e-mail: nadia.nascimento@ifgoiano.edu.br

Esta narrativa descritiva (autobiográfica) tem o propósito de aproximar sujeito (entrevistado) e o pesquisador (Nádia), para que possamos criar nosso vínculo de confiança e assim podermos desenvolver as demais etapas desta pesquisa. O que pretendemos neste momento é conhecer um pouco sua história de vida, sendo de extrema relevância suas lembranças, o que vir em sua memória escreva!

Segue uma sugestão de roteiro para sua escrita, mas caso queira modificar a ordem cronológica, fique à vontade, pois a história é sua.

Parte I

A primeira parte da entrevista tem o objetivo de traçar a identidade do entrevistado. Por isso serão abordadas perguntas pessoais.

Identidade

1. Conte-nos um pouco sobre você.
2. Conte-nos sobre sua família (pai, mãe, irmãos, namorada (o), esposa (o)).

Escolarização/ formação/ trabalho

1. Fale sobre sua vida escolar (e caso já tenha graduação, conte também sua vida acadêmica).
2. Se você já está no mercado de trabalho, conte-nos um pouco sobre seu serviço.

Parte II

O objetivo é descrever a experiência que os alunos evadidos tiveram com fenômeno da evasão, partindo do significado das narrativas (auto) biográficas

1. Conte-nos como você conheceu o IF Goiano- Campus Avançado Catalão.
2. O que te fez escolher o curso Técnico em Informática?
3. Você gostava do curso?

Você permite que seu nome seja divulgado na transcrição de sua narrativa: Caso não permita usaremos um codinome.

() aceito a divulgação de meu nome na transcrição de minha narrativa na dissertação.

() não aceito a divulgação de meu nome na transcrição de minha narrativa

APÊNDICE B
TRANSCRIÇÕES DAS CONVERSAS REALIZADAS COM OS
PARTICIPANTES

B.1. Weber José de Oliveira

Catalão, 30 de abril de 2019.

Entrevistado: Weber José de Oliveira.

Local da Entrevista: Campus Avançado Catalão.

Presentes: Nádia (Pesquisadora), Weber José de Oliveira (Entrevistado), Wolney (Orientador).

Horário da Entrevista: 15:20 h

Duração do Áudio: 25min 16s 588ms.

Duração Transcrita: 0min 00s 000ms a 14min 41s 500ms

Entrevistado: [...] esse telefone funcionando...

Orientador: Fiquei surpreso com o jovem estudante.

[risos]

Entrevistado: Eu passei aperto com esse rapaz aí, viu?

Orientador: Passou aperto por quê? [risos]

Entrevistado: É, né. Muito aplicado, eu, eu fui professor deles... de Matemática aplicada...

[interrupção da gravação]

Orientador: Bom. Nádia já... O nome do senhor é Weber (/veber/)?

Entrevistado: É, Weber (/ueber/).

Orientador: Weber. A Nádia já explicou o que vai acontecer... Nós vamos fazer algumas perguntas, aí nós vamos conversar sobre a sua experiência...

Entrevistado: Ok.

Orientador: ... de vida e a experiência de ter vindo aqui para o Instituto. Pode ser?

Entrevistado: Pode ser.

Orientador: Então vou dar início, aqui, no meu (gravador).

Orientador: Weber, fale para nós [...] onde você nasceu, quando o senhor nasceu,

Entrevistado: [...] Nasci em Luziânia, Goiás, 21 de outubro de 1957.

Orientador: Ok. E o senhor morou em Luziânia até quando?

Entrevistado: Entre idas e vindas, acho que já tem uns oito, dez anos, por aí.

Orientador: É?

Entrevistado: É.

Orientador: E tem irmãos...

Entrevistado: Duas irmãs.

Orientador: Duas irmãs... E todos vieram para Catalão na mesma época ou...

Entrevistado: [intervenção] Não. É... Vieram meus pais e minhas duas irmãs, inicialmente, em... em 1976... Nessa época a gente morava em Goianésia, eu fui para Brasília e eles vieram para cá. Aí eu fiquei uns trinta e poucos anos em Brasília...

Orientador: Sim.

Entrevistado: ... e depois que eu me aposentei, eu vim para cá.

Orientador: Você trabalhou com o que em Brasília?

Entrevistado: (Como) bancário.

Orientador: Bancário? (Em) qual banco?

Entrevistado: Banco do Brasil.

Orientador: Hm... Meu pai também foi bancário.

Entrevistado: É?

Orientador: (Na) Mercantil de São Paulo. Aliás, a minha... o fato de eu conhecer Catalão foi devido a meu pai. (Ele) morou aqui na década de 1960, final dos anos 1960, início dos anos 1970. Ele trabalhou aqui. Joia. E quanto... no período em que o senhor foi bancário, o senhor chegou a estudar?

Entrevistado: Estudei... Quando eu entrei para o banco, eu... tinha terminado o primeiro grau.

Orientador: Antigo, né, oitavo ano...

Entrevistado: Oitava série.

Orientador: Oitava série...

Entrevistado: É, aí eu passei no concurso, fui para Brasília, fiz o segundo grau em Brasília... A intenção, quando eu fui para Brasília, era fazer Engenharia Elétrica... Mas terminei o segundo grau e desisti até do vestibular, porque eu via todo mundo fazer curso e continuar no banco, a mesma coisa [risos].

Orientador: Aí você não quis mais?

Entrevistado: É porque eu teria que fazer o curso em universidade pública, né, e o curso é só durante o dia, e (seria) muito sacrificado, porque eu trabalhava o dia todo.

Orientador: Entendi.

Entrevistado: Então era complicado fazer o curso. Eu via o pessoal terminando Engenharia, Medicina, e depois continuava bancário, a mesma coisa, e eu falei 'ah...', aí eu fiquei...

Orientador: (Aí) vagueia.

Entrevistado: ... desestimulado. Aí eu nem cheguei a fazer o vestibular.

Orientador: Mas no banco tinha carreira na época, não tinha?

Entrevistado: Tinha... e ainda tem, né. Deve ter, ainda, acho que ainda tem [risos].

Orientador: E há concurso interno?

Entrevistado: Na época tinha concurso interno. Hoje, eu não... acho que não tem mais não.

Orientador: E você chegou a fazer, o senhor chegou a fazer lá o...

Entrevistado: (Se eu queria isso?) Ah... Cheguei quase ao final de carreira, caso que... da última letra da época era letra... parece...

Orientador: Como é que era a carreira do banco na época?

Entrevistado: Tinha nível, é... básico, médio e superior... e acesso era... por concurso interno. (Para o nível) básico era externo, né.

Orientador: Sim.

Entrevistado: E, daí para frente, tinha um ou dois concursos internos mas... se não me engano, esse quadro de carreira foi modificado depois, ficou só... (níveis) básico e superior só.

Orientador: Entendi. E (no nível) básico, quando o senhor entra, então, você entra com o primeiro grau, e vai fazer o segundo grau trabalhando no banco.

Entrevistado: Não, hoje é segundo grau. Na época permitiram o primeiro grau, né.

Orientador: Sim, mas quando o senhor entrou, você entrou só com o primeiro grau.

Entrevistado: Só com o primeiro grau. Tinha terminado, tinha nem pego o diploma ainda, certificado.

Orientador: [intervenção] Mas aí fez o segundo grau em Brasília.

Entrevistado: Fiz segundo grau em Brasília, no Objetivo.

Orientador: Quando o senhor terminou o segundo grau, o senhor fez concurso interno?

Entrevistado: Eu não sei se foi antes ou depois de terminar. Eu não (me) lembro.

Orientador: Mas não precisava ter o segundo grau para fazer...

Entrevistado: Mas eu fiz.

Orientador: ... ou não?

Entrevistado: Não, porque aí já estava no quadro, acho que houve algumas exceções, ah, na época... Eu não tenho certeza, não me lembro bem, tem muito tempo [risos].

Orientador: O senhor fez... constituiu família em Brasília?

Entrevistado: Sim. Tenho duas filhas.

Orientador: Casou(-se) lá, tem duas filhas...

Entrevistado: Tenho duas filhas.

Orientador: É. E quando o senhor veio para Catalão?

Entrevistado: Depois que eu (me) aposentei.

Orientador: Quando?

Entrevistado: Foi... 2008. 2007, 2008.

Orientador: (Com) quantos anos de trabalho?

Entrevistado: Trinta e um, acho.

Orientador: Trinta e um... E quando o senhor vem para Catalão, como é que fica a vida?

Entrevistado: Estou aposentado, só [risos].

Orientador: Está aposentado [risos]. Deu vontade de estudar?

Entrevistado: É, eu comecei a estudar aqui no IFGoiano, no curso técnico de Informática, mais por *hobby*, né. Só... Porque eu gosto da área, eu gosto de Informática, então, quando o IF veio para cá, teve um... uma prova, né, pra...

Pesquisadora: Processo seletivo?

Entrevistado: ... para selecionar os alunos...

Orientador: 2013, né?

Entrevistado: Não sei.

Pesquisadora: Finalzinho de 2013, é.

Orientador: Final de 2013. Quer dizer que o senhor já estava em Catalão havia cinco anos.

Entrevistado: Já.

Orientador: Já.

Entrevistado: Cinco anos.

Orientador: Aí o senhor resolveu fazer o curso e veio... foi aprovado.

Entrevistado: Hm [concordando].

Orientador: O que o senhor achou, quando o senhor veio fazer o curso? Que que o senhor pensa...

Entrevistado: [intervenção] Foi a primeira turma [pigarra] que... é... que teve aqui no IFGoiano, foi... acho que eles tiveram muita dificuldade, né... Professores, faltavam professores, tudo, (então foi um)... Não foi, acho que não foi uma época fácil para... para o IFGoiano aqui. É início, né, foi quando estava se instalando, né...

Orientador: E o senhor achou dificuldade? Encontrou dificuldade aqui?

Entrevistado: Não. Teve... O curso teve que (ir) se adaptando, porque não tinha os professores, o quadro completo, né, então... Eu mesmo, dificuldade não.

Orientador: Mas abandonou.

Entrevistado: Hm?

Orientador: Mas abandonou.

Entrevistado: Abandonei mais por causa do horário. Porque, quando eu comecei a estudar, é... é... era vespertino... o curso. Depois a turma foi reduzindo, e eles tiveram que unificar duas turmas em uma.

Orientador: Certo.

Entrevistado: E como tinha muita gente que trabalhava, acabou que passou para o noturno.

Orientador: Ah...

Entrevistado: Aí, não... Eu não gostei muito de estudar à noite não [risos].

Orientador: [intervenção cruzada] [risos] Está aposentado. Tem que ir para a universidade, para o Instituto, à noite não, né.

Entrevistado: [risos] À noite eu gosto de fazer outras coisas. [fim da intervenção]

Orientador: O que o senhor faz da vida enquanto aposentado?

Entrevistado: Ah, eu fico muito... Vejo muito Internet, vejo muito... tem... fico mais em casa.

Orientador: É?

Entrevistado: Tem muita atividade não.

Orientador: Mas tem algum *hobby* que o senhor faz periodicamente?

Entrevistado: Cerveja [risos].

Orientador: Periodicamente.

Entrevistado: É. De vez em quando a gente fabrica uma cervejinha.

Orientador: Ah, o senhor fabrica.

Entrevistado: É.

Orientador: Ah, que bom! E o senhor considera isso como uma atividade de trabalho ou como atividade de *hobby*?

Entrevistado: *Hobby* também. *Hobby* e consumo próprio [risos].

Orientador: Claro [risos]. Isso é bom, né.

Pesquisadora: É.

Entrevistado: Tem pouco tempo que eu mexo com esse... mexendo. Então, estou engatinhando ainda na área.

Orientador: Na turma de vocês, da época, é... o senhor era o mais velho, mais novo, como é que é?

Entrevistado: Acho que sim, o mais velho, né. Acho que não tinha ninguém mais velho que eu não.

Orientador: [intervenção] Tinha muita gente adulta na turma?

Entrevistado: Maioria era mais pirralhada, era mais..

Pesquisadora: [intervenção cruzada] Vespertino, né...

Entrevistado: É, tinha alguns adultos [fim da intervenção]. Tinha alguns adultos e... e o pessoal mais novo.

Orientador: E os pirralhos.

Entrevistado: É.

Orientador: O senhor conversou com eles na época? Porque parece que não foi só o senhor que abandonou. Vários abandonaram, né.

Entrevistado: Não sei.

Orientador: É.

Entrevistado: Não sei. Já tinha... Antes de mim, alguns já tinham abandonado.

Orientador: É?

Entrevistado: Antes de mim, alguns já tinham abandonado.

Orientador: É. E o senhor chegou a conversar com eles sobre isso?

Entrevistado: Não. Não.

Orientador: Não? Ninguém nunca trocou ideia, por quê está saindo, e tal?

Entrevistado: Não. Eu acho que... alguns mais por dificuldade de acompanhar o curso, é... a impressão que eu tenho.

Orientador: Hm. O senhor não teve dificuldade nenhuma...

Entrevistado: Não.

Orientador: ... em acompanhar. O problema foi o horário.

Entrevistado: É. Eu acho o horário... Eu já tinha uma certa experiência com Informática, então...

Orientador: Hm [concordando].

Entrevistado: No meu trabalho no banco sempre... acompanhei... é... essa parte de... técnico, que é a parte que eu mais gostava, apesar de não ter trabalhado diretamente... com a Informática... Cheguei até a passar em um concurso, mas quando foi... quando iam fazer a... chegaram a formar minha turma, porque (a gente) tinha formação, né, dentro do próprio banco... Chegaram a formar minha turma, mas aí mudaram a política de (uma) hora para outra lá e acabei sendo cortado. Era uma... foi uma das grandes minhas frustrações no banco, foi essa, o meu sonho era ir para a área tecnológica.

Orientador: Hm [concordando]. O senhor, porque começou a trabalhar... O senhor começou em que ano?

Entrevistado: 1976.

Orientador: 1976. Então o senhor (passou por) toda a transformação que o banco teve de operações manuais para operações digitalizadas.

Entrevistado: (Com o) início do sistema lá, trabalhei (muito) em... na implantação do sistema lá no banco.

Orientador: E fez curso na época para isso?

Entrevistado: Não. Mais por curiosidade e... ir atrás, correr atrás das coisas, né, das necessidades que tinha durante a implantação.

Orientador: O que foi mais difícil nessa mudança do banco?

Entrevistado: Ah... Tudo muito novo, né? Não é que tinha (algo muito) difícil. Porque as dificuldades maiores eram... a implantação em si, né, porque você passar de um sistema que era totalmente *off-line* e começar a trabalhar *on-line*, então as dificuldades foram imensas. A experiência nossa do banco veio, acho, que pegou um pouco a... tecnologia do Itaú, né. Mas o Itaú dentro do Brasil era muito pequeno. Então, lá funcionava muito bem. Mas no Banco do Brasil... tivemos muita dificuldade no início.

Orientador: O Itaú não era a magnitude de hoje, né. [intervenção cruzada] Era bem pequeno. (Hoje) já comprou bancos estaduais, né, essas coisas.

Entrevistado: Não. Era menor. Já comprou muitos outros bancos. [fim da intervenção].

Orientador: Então...

Entrevistado: [intervenção] A Itaotec, né, eles tinham a Itaotec, que é a empresa de tecnologia deles, né...

Orientador: Sim, sim. É... Então, quando, quando o senhor resolve estudar aqui no Instituto, por *hobby*, o senhor acreditava que o senhor poderia melhorar esses conhecimentos, assim, em tecnologia?

Entrevistado: Sim, eu tinha mais... é... eu, eu tinha dois focos que, que eu gostaria, eu queria me aperfeiçoar, que era em Redes e... e Programação, porque eu gosto de Programação.

Orientador: Sim.

Entrevistado: Era esses, era só... era o...

Orientador: Era a expectativa?

Entrevistado: A expectativa era essa, mas não com a intenção de trabalhar de forma ordenada não, era só para... satisfação pessoal mesmo.

Orientador: E o senhor estudou... Quanto tempo o senhor ficou aqui no Instituto?

Entrevistado: Acho que eu saí no último semestre, né, parece...

Pesquisadora: [intervenção cruzada] Que ele chegou até o último semestre

Entrevistado: ... ou faltavam dois... Só um semestre [fim da intervenção] que faltou, acho.

Orientador: São quantos semestres?

Pesquisadora: São três... Três semestres, né...

Entrevistado: Três anos.

Orientador: Três anos...

Pesquisadora: Não, são um ano e meio.

Entrevistado: Era um ano e meio?

Pesquisadora: Um ano e meio. 2014, (primeiro e segundo semestres), e 2015 (primeiro semestre). Você saiu em 2015.

Entrevistado: É, foi no último que eu saí.

Orientador: [intervenção] E nesse período que o senhor ficou, o senhor chegou a estudar Redes e Programação?

Entrevistado: Estudamos... Redes...

Orientador: E atendeu...

Entrevistado: E um pouco de Programação, bem básico, né.

Orientador: Sim. Foi básico... Então não atendeu (à expectativa), porque o senhor já sabia.

Entrevistado: É. Praticamente, essa parte aí, essa parte, mais a parte de Lógica, que nós não tínhamos para fazer Programação, mais aqueles, daqueles... C... acho que chegamos a estudar Java, né. Pouquinho. Mas já esqueci tudo também [risos].

Orientador: [risos] Perdeu a prática.

Entrevistado: Perdi a prática, a vontade de fazer.

Orientador: Joia. Como é que o senhor vê hoje, é... o Instituto hoje em Catalão? Depois que o senhor já saiu do curso, e abandonou...

Entrevistado: Eu não tenho acompanhado.

Orientador: Não?

Entrevistado: Não.

Orientador: Nem notícia por fora, pessoas que falam?

Entrevistado: Vez por outra a gente encontra alguma coisa, vem um curso isso, mais aquilo, mas como não... (a gente) não está interessado, né, a gente acaba não...

Orientador: Hoje o senhor não (se) interessa mais em estudar?

Entrevistado: Não... Não.

Orientador: Assim, mais comercialmente...

Entrevistado: Ah, sala de aula eu... acho que não. Só se fosse um curso rápido, assim, alguma coisa.

Orientador: Entendi.

Entrevistado: Bem rápido, assim, específico.

Orientador: Entendi. Joia. Muito obrigado. O senhor quer complementar alguma coisa que talvez a gente não tenha perguntado...

Entrevistado: Não. Eu só desejo sorte, o sucesso para o IFGoiano aqui, que eu acho muito importante [risos].

Orientador: É. Que... nós estamos querendo entender o porquê dessas desistências nessa turma, né. Por que tanta gente, é... abandonou o curso nas primeiras... na primeira turma.

Entrevistado: Hm [concordando].

Orientador: E entender um pouco isso até para aprender um pouco e melhorar o serviço do Instituto, porque a pesquisa da Nádia é um pouco sobre isso.

Entrevistado: É, isso é importante, né. Acho que a maioria, mais, mesmo, que abandonou, uns talvez por causa do trabalho, né, alguns trabalhavam, né, outros porque não... talvez sentiram dificuldade de acompanhar, a dificuldade de, de professores também, na época, né. Um quadro... teve disciplinas que hoje, por exemplo, deveriam ter começado no início e só foram dadas lá no final, né, porque não tinha professor...

Pesquisadora: Não tinha professor da disciplina, né...

Entrevistado: Isso. Agora, especificamente de cada caso, eu não me lembro.

Orientador: Joia.

[agradecimentos ao participante]

B.2. Jaqueline de Fátima Barbosa

Catalão, 30 de abril de 2019.

Entrevistada: Jaqueline de Fátima Barbosa.

Local da Entrevista: Campus Avançado Catalão.

Presentes: Nádia (Pesquisadora), Jaqueline (Entrevistada), Wolney (Orientador).

Horário da Entrevista: 16:10 h

Duração do Áudio: 25min 16s 588ms.

Duração Transcrita: 14min 41s 500ms a 25min 16s 588ms.

Orientador: Apertar esse botão aqui... Tudo bem?

Entrevistada: Tudo bem.

Orientador: Então, joia. Eu vou ligar aqui o meu gravador. Então, vamos lá. [...] Jaqueline, eu quero que você me fale [...] onde e quando nasceu.

Entrevistada: Bom. [...] Nasci em Araguari, Minas Gerais, dia 25 de janeiro de 1994.

Orientador: 1994. Joia. Onde você começou a estudar, Jaqueline?

Entrevistada: Bom. Na verdade, fazer curso, foi aqui mesmo. Mas os meus primeiros anos de vida foram... passando... é... (na escola) Primeiros Passos, depois eu fui para... vim aqui para, é... (a escola) Joaquim de Araújo, quando era Joaquim de Araújo, e por último foi lá no Abrahão André.

Orientador: Você foi alfabetizada em Catalão?

Entrevistada: Isso.

Orientador: Você nasce mineira e vem morar em Goiás.

Entrevistada: Exatamente.

Orientador: Está como eu [risos]. (Durante) quantos anos você morou em Araguari depois que você nasceu?

Entrevistada: Eu acho que eu morei uns... dois anos, três anos, mais ou menos.

Orientador: E o que que motivou a família a vir para Catalão?

Entrevistada: É porque meu pai estava trabalhando lá como... é, como que fala... é, que mexe com trem de ferro, essas coisas. Ele...

Orientador: [intervenção] Com a estrada.

Entrevistada: Isso. Ele era de lá. Aí depois que ele acabou se aposentando, ele pensou: 'ah, eu vou lá para Goiás'. E viemos [intervenção cruzada] para cá e estamos aqui até hoje.

Orientador: Para Catalão... [fim da intervenção]

Entrevistada: Não. A gente foi para Goiandira primeiro [algo é colocado sobre uma mesa?] e depois a gente veio para cá.

Orientador: Ah, (certo), veio para Catalão. Joia. Então, aqui, você foi estudar no Primeiros Passos...

Entrevistada: Isso. Depois no Joaquim de Araújo quando aqui [aponta para algum lugar?] [serve-se um líquido, possivelmente água?] era o Joaquim de Araújo ainda, depois eu passei lá para o Abrahão André.

Orientador: Abrahão André.

Entrevistada: Isso.

Orientador: E como é que foi esse período de escolarização?

Entrevistada: Ah... Foi bom.

Orientador: Foi bom?

Entrevistada: Foi muito bom.

Orientador: O que foi ruim?

Entrevistada: Acho que... Na verdade, foi tudo bom lá.

Orientador: É?

Entrevistada: Eu não achei tão ruim não.

Orientador: Você teve dificuldade lá na escola?

Entrevistada: Na escola, sim, principalmente em Geografia.

Orientador: É?

Entrevistada: Geografia era meu ponto fraco de lá.

Orientador: Mas chegou a tomar bomba?

Entrevistada: Não, não.

Orientador: Não?

Entrevistada: Nunca... Nunca tive isso não. Eu sempre passei de ano.

Orientador: (Certo).

Entrevistada: Passava de ano direto.

Orientador: Lá no Abrahão André, você fez até o Ensino Médio?

Entrevistada: Exatamente. Eu concluí o Ensino Médio lá.

Orientador: Joia. Concluiu quando?

Entrevistada: Eu concluí em 2015.

Orientador: 2015.

Entrevistada: Isso.

Orientador: Quando você conclui, o que você resolve fazer da vida?

Entrevistada: Ah, na verdade, como, agora, eu não estou (nem) pensando assim, mas eu estou pensando em fazer Informática, fazer essas coisas assim, ou talvez ser professora, porque eu gosto muito de Letras, coisa assim.

Orientador: Certo. Mas naquela época, em 2015, você queria... estava pensando nisso? Em fazer um curso de Informática...

Entrevistada: Isso. Hm [concordando].

Orientador: Por quê?

Entrevistada: Ah, porque eu gosto de mexer com computador, essas coisas assim, é porque... meu pai, é, lá em casa mesmo, ele sempre me chama: 'Jaque, vem aqui', e tal. É porque ele não entende muito de Informática e ele sabe que eu que sou mais... perito nesses assuntos.

Orientador: Entendi. E... Quer dizer que quando você vem fazer, é... 2016 a turma que começa?

Pesquisadora: 2014.

Orientador: 2014?

Pesquisadora: É.

Orientador: A sua... Você começou aqui quando, no Instituto?

Entrevistada: Ai, eu acho que foi nesse de 2016.

Orientador: 2016. Quando você começa o curso em 2016, você, é... buscou informação sobre o curso?

Entrevistada: Sim, porque antigamente eu fazia curso lá no UAB (Universidade Aberta do Brasil). Aí o... até o seu (Serelho, Serênio?) foi lá e falou sobre esses cursos, daí eu... fiquei interessada em fazer.

Orientador: OAB?

Entrevistada: UAB.

Orientador: UAB?

Entrevistada: Isso.

Orientador: Que é UAB?

Pesquisadora: É a Universidade Aberta do Brasil, aquela lá em cima [aponta para algum lugar?]

Orientador: Ah, sim. UAB. Ok. Então você resolve vir fazer o curso aqui do Instituto.

Entrevistada: Exatamente.

Orientador: Foi aprovada.

Entrevistada: Fui.

Orientador: Começou em 2016.

Entrevistada: Hm [concordando].

Orientador: Como é que foi o primeiro encontro com o Instituto? Como é que foram os primeiros... as primeiras aulas, enfim?

Entrevistada: Ah... É porque, assim, foi graças ao professor... até o Emerson mesmo. Antigamente, eu odiava Matemática. Foi com ele... Foi graças a ele que eu comecei a gostar dessa matéria.

Orientador: Da Matemática?

Entrevistada: E foram muito boas essas aulas.

Orientador: Hm [concordando]. Mas você não terminou. Não.

Entrevistada: Não.

Orientador: Por quê?

Entrevistada: Porque houve umas aulas aí, umas matérias, por exemplo, do... Eduardo e da Fabíola, que eu achava muito difíceis. Aí eu não conseguia compreender essas matérias. Aí eu acabei parando.

Orientador: Que disciplinas eram essas?

Pesquisadora: Redes e Lógica (de Programação?).

Entrevistada: Isso, exatamente.

Orientador: Redes e Lógica.

Entrevistada: Isso.

Orientador: Na época em que você começou a perceber essa dificuldade, você procurou ajuda?

Entrevistada: Na verdade, eu sempre pedia ajuda para as, para os professores mesmo. Só que, daí, eu não consegui mesmo aprender as matérias.

Orientador: Mas eles te ajudavam?

Entrevistada: Ajudavam, hm [concordando].

Orientador: E por quê você acha que você não conseguia aprender?

Entrevistada: Ah, eu acho que é porque eu tenho essa dificuldade de... aprender as matérias.

Orientador: Ah, (certo). É uma questão mais de aprendizagem sua.

Entrevistada: Exatamente.

Orientador: Depois que você, então, abandonou, o que você foi fazer?

Entrevistada: Não. Só... parei mesmo. Só fiquei parada.

Orientador: Você parou quando? 2016 ou 2017?

Entrevistada: Foi em 2017, hm [concordando].

Orientador: Você fez um ano aqui.

Entrevistada: Isso. Ah. Na verdade, esse curso que eu... não era na UAB mesmo, era no... Labib Fayad.

Orientador: Labib Fayad.

Entrevistada: Fiquei sabendo sobre esse curso.

Orientador: Hm [concordando]. Depois que você abandonou o curso, aí você foi fazer o quê? Ficou em casa?

Entrevistada: Não. Eu fui lá na UAB mesmo, porque, lá, eu fui fazer um curso de Inglês lá.

Orientador: E fez?

Entrevistada: Fiz.

Orientador: Todo?

Entrevistada: Fiz tudo.

Orientador: Ou continua fazendo?

Entrevistada: Não. Eu fiz todo. Mas é porque... parece que, antigamente, a presidente Dilma tinha cancelado esse curso.

Orientador: Hm...

Entrevistada: Não deu prosseguimento.

Orientador: E agora?

Entrevistada: Agora eu estou quieta em casa.

Orientador: O que você está pretendendo... Plano B?

Entrevistada: Bom. Eu estou pensando, eu estou vendo se... se tiver continuidade ainda no curso de Inglês, eu estou pretendendo continuar esse curso, porque eu gosto muito dessa área, dessa matéria, assim.

Orientador: E fazer outro curso superior, você não...

Entrevistada: Não...

Orientador: Não pensou.

Entrevistada: Não. Por enquanto eu não penso ainda não.

Orientador: Nem Letras na universidade.

Entrevistada: Hm... Não. Por enquanto não. Mas se eu tiver interesse, eu procuro.

Orientador: Você vê relação entre a dificuldade com a Geografia e a dificuldade com a Matemática, desculpa, com a Lógica e a Redes na, no Instituto?

Entrevistada: Não, não. Porque essas outras aulas aqui do Instituto eram mais difíceis para mim.

Orientador: Hm [concordando]. Quando você resolve, é, abandonar, você chegou a conversar com os seus colegas?

Entrevistada: Não. Meus colegas, assim, não. Porque, eu já vi minhas colegas, antes de mim mesma, desistindo desse curso. Aí, eu fui conversar com meus pais primeiro, porque daí eles que me deram a orientação. Aí eu peguei e parei.

Orientador: Mas você não conversou com ninguém, perguntar por que saíram, quais eram as dificuldades deles, também...

Entrevistada: Não.

Orientador: [sussurro] Esconder? [risos]

Entrevistada: Não [risos].

Orientador: Nem... Você não se lembra de nada que...

Entrevistada: Não. Na verdade esses assuntos aí, eu não conversava com meus colegas.

Orientador: Hm. Mas você tinha amigos aqui.

Entrevistada: Tinha. Hm [concordando].

Orientador: E vocês falavam sempre de outras coisas, nada de, do Instituto.

Entrevistada: É...

Orientador: Desse jeito.

Entrevistada: Principalmente o Lincoln. O Lincoln, a Linda Alessa, eram minhas melhores amigas aqui.

Orientador: Hm [concordando].

Entrevistada: A Miriam, a Elisvânia...

Orientador: E eles continuam amigos (seus) ou desapareceram?

Entrevistada: Simplesmente desapareceram.

Orientador: Mesmo!? Coisa ruim... E amigos lá da escola, do Ensino Médio, Ensino Fundamental? Permanecem?

Entrevistada: Na verdade, eles são mais, assim... eu não... é... do Ensino Médio mesmo eu não tenho mais amigos de lá.

Orientador: Hm [concordando]. Desapareceram.

Entrevistada: Desapareceram todos.

Orientador: É... E você fez muita amizade no Ensino Médio?

Entrevistada: No Ensino Médio eu fiz poucas, principalmente a Larissa Aparecida, que era minha melhor amiga de lá. Eu contava tudo para ela... A Natália Cristina também...

Orientador: Seus pais são de onde?

Entrevistada: Minha mãe é de Xambrê, Paraná, e meu pai, de Cumari, Goiás, daqui mesmo.

Orientador: Hm... Então mistura de goiano com paranaense.

Entrevistada: Isso. Hm [concordando].

Orientador: É que você tem um sotaque [intervenção cruzada] diferente, né.

Pesquisadora: Diferente, né [fim da intervenção].

Orientador: Sotaque diferenciado. Com relação ainda ao Instituto, é, na sua turma, é uma turma grande.

Entrevistada: Hm [concordando].

Orientador: Você acha que a turma grande, é... tinha algum problema, ser grande, o fato de ser grande?

Entrevistada: Hm, bom... Desculpe-me, mas... isso aí eu não sei responder. [intervenção cruzada] Acho que sim.

Orientador: É? [fim da intervenção] O que mais você gostaria de falar?

Entrevistada: Não. Porque é assim. Até... A Nádia mesmo me mandou um... um relatório, assim, para eu responder. Eu até trouxe aqui.

Pesquisadora: Trouxe?

Entrevistada: Trouxe.

Pesquisadora: Se quiser me entregar... Ô, Jaqueline, só um, só um detalhe, eu acho que... você foi da primeira turma, né?

Entrevistada: Sim.

Pesquisadora: Você entrou em 2014.

Entrevistada: Ah....

Pesquisadora: É que você colocou 2016, 2017, e você foi da primeira turma de vespertino, né.

Entrevistada: Foi. Hm [concordando].

Pesquisadora: Então você entrou na de 2014.

Orientador: [intervenção] Essa turma vespertino é aquela que depois foi para noturno?

Pesquisadora: É, que...

Orientador: Ah, (certo). E você se lembra [volta-se a Jaqueline] de se você chegou a estudar à noite?

Entrevistada: Não.

Orientador: Não?

Entrevistada: Não.

Orientador: Então você saiu antes de, de a turma ter migrado para (o período) noturno.

Entrevistada: Exatamente.

Orientador: Joia. Ok. Obrigado.

[agradecimentos à participante]

B.3. Daniel Silva de Souza

Entrevistado: Daniel Silva de Souza.

Local da Entrevista: Campus Avançado Catalão.

Presentes: Nádia (Pesquisadora), Daniel (Entrevistado).

Horário da Entrevista: 17:40 h

Duração do Áudio: 9min 21s 506ms.

Pesquisadora: Bom... A gente... esse é o nosso primeiro contato... Eu fiz a entrevista com meu orientador, ele me ajudou, a gente fez a entrevista com dois alunos, já, o Weber e a Jaqueline, e... Eu faço uma pesquisa, na... eu faço mestrado na UFG, é... minha linha de pesquisa é Políticas Educacionais, História da Educação e Narrativas (Auto)Biográficas. E eu pesquiso justamente a evasão escolar no Ensino Técnico-Profissionalizante. E meu objeto é a turma de vocês, a evasão que aconteceu na turma de vocês. E... Queria, então, para iniciar nossa entrevista, eu queria que você falasse, então, [...] é... a data de nascimento, onde você nasceu.

Entrevistado: Certo. [...] Nasci em 1º. de janeiro de 1994, é... moro em Goiandira, nascido e criado lá...

Pesquisadora: Nunca saiu de Goiandira?

Entrevistado: Sim, sempre fiquei entre Goiandira e Catalão.

Pesquisadora: [intervenção cruzada] Mas, assim, morar, você sempre morou em Goiandira? Nunca... morou em outra cidade não.

Entrevistado: Morar, sempre em Goiandira. Isso. Nunca morei em outra cidade não [fim da intervenção].

Pesquisadora: Então você estudou grande parte da sua vida...

Entrevistado: [intervenção] Ensino Médio em Goiandira, e curso técnico, profissionalizante, aqui em Catalão.

Pesquisadora: Em Catalão. Alfabetização foi lá (em Goiandira) também?

Entrevistado: Foi lá em Goiandira.

Pesquisadora: E o Ensino Fundamental e Médio...

Entrevistado: Isso.

Pesquisadora: Foi lá.

Entrevistado: Foi lá.

Pesquisadora: É... Hoje você tem algum curso superior, que você fez?

Entrevistado: Não. Só Técnico.

Pesquisadora: É casado?

Entrevistado: Não. Solteiro.

Pesquisadora: Mas namora?

Entrevistado: Hm... Algumas vezes, mas não deu certo não. [risos]

Pesquisadora: [risos] Bom. É... Como você conheceu o IF naquela época? Como você soube da existência do IF, do curso?

Entrevistado: Primeiramente, meu primo, ele é professor no IF. [intervenção cruzada] O Eduardo. Não. É meu primo.

Pesquisadora: Ah, o Eduardo é seu professor? É seu primo? Ah... [fim da intervenção]

Entrevistado: Aí, conversando com ele, ele me falou que o Instituto viria para cá, porque ele já dava aula em Minas Gerais, aí falou que ia ter a primeira turma de Técnico em Informática, aí eu tentei fazer, porque, da área de Informática eu gosto, sempre gostei de Informática.

Pesquisadora: Você sempre teve facilidade com a área...

Entrevistado: [intervenção] Só que na época, na época, eu estava fazendo outros cursos, trabalhando também, e não deu. No ir e voltar para Goiandira, atrapalhou muito.

Pesquisadora: Você fazia outro curso? Qual?

Entrevistado: Fazia. Assistente Administrativo, no SENAI.

Pesquisadora: No SENAI.

Entrevistado: Isso.

Pesquisadora: Aí, em qual período você estudava nessa época?

Entrevistado: É... Eu fazia o curso de manhã, aí eu tinha um estágio à tarde, porque, à época, eu era Menor Aprendiz, e vinha para cá à noite. Aí...

Pesquisadora: Nossa, você ficava os três períodos fora de casa.

Entrevistado: É uma coisa que atrapalhava bastante também era o acesso ao ônibus escolar. Porque eu tinha que sair mais cedo, as aulas acabavam dez para onze (22:50), e o ônibus saía da UFG no horário de dez e meia (22:30). Então, prazo (era curto), às vezes tinha que sair mais cedo, bem mais cedo, para ver se eu tentava pegar o ônibus. Às vezes o ônibus mudava de rota e eu perdia o ônibus várias vezes.

Pesquisadora: Nossa!

Entrevistado: Aí, foi... uma causa atrapalhando a outra.

Pesquisadora: Quem é sua família lá em Goiandira? Castilho?

Entrevistado: O Ezequiel, que também fez o curso comigo também, que desistiu também.

Pesquisadora: Ele é o que, seu?

Entrevistado: Ele é meu tio.

Pesquisadora: Ah, seu tio. Então você é neto da dona...

Entrevistado: [Diolina?]

Pesquisadora: ... [Diolina?] Nossa. Interessante. Conheci demais.

Entrevistado: Você também é de Goiandira?

Pesquisadora: Sou de Goiandira. Bom, é, quando você entrou aqui no curso, o que você achou? Qual foi sua primeira impressão do curso? Expectativas... Se você trouxe alguma expectativa e o curso não a atendeu... Como foi sua experiência?

Entrevistado: Não. A expectativa sim. Só não estava conseguindo me focar no curso. Por eu trabalhar pelo... como Menor Aprendiz pelo outro curso, com esse vai e vem, e não dormir direito, aí, isso daí não me deixou me focar no curso. Porque era um... era... para mim, era um curso importante. E que eu queria fazer o curso de Técnico em Informática sim. Só que, como eu estava focado em outras coisas também, aí atrapalhou bastante.

Pesquisadora: Você achava importante, mas, mesmo assim, você dos, das três opções que você tinha, você optou em...

Entrevistado: Não, não, não que eu optei. Eu não consegui ter um foco completo da forma que deveria, porque é um curso difícil, não é um curso fácil.

Pesquisadora: Então você achou o curso difícil. Você achou...

Entrevistado: Naquele momento meu, sim. Mas (era um) momento (em) que eu não consegui estudar, minha mente não abriu na hora, mas...

Pesquisadora: [intervenção] Você tinha alguma disciplina que tinha mais dificuldade...

Entrevistado: [intervenção] Tinha, que era Lógica de Programação.

Pesquisadora: Lógica de Programação.

Entrevistado: Aí, eu fui bem, fui bem fraco naquela...

Pesquisadora: [intervenção] Quem era o professor?

Entrevistado: Era a Fabíola.

Pesquisadora: Redes era tranquilo para você?

Entrevistado: Não, não cheguei a ver Redes.

Pesquisadora: Você não viu Redes.

Entrevistado: Não, cheguei a ver Redes não.

Pesquisadora: Você saiu em qual período? Você...

Entrevistado: Foi no primeiro mesmo.

Pesquisadora: Foi no primeiro período, você.

Entrevistado: Fiquei acho que dois meses, três meses.

Pesquisadora: Só? Só dois meses, três meses...

Entrevistado: Aí, uma vez eu saí da aula mais cedo, a aula ia até dez para onze (22:50) e eu saía dez horas (22:00) para ver se conseguia pegar o ônibus...

Pesquisadora: Aí você perdia...

Entrevistado: Aí eu tinha, eu tinha alguns amigos que também iam no ônibus, quando o ônibus saía mais cedo, eles me ligavam [a sentença falada é ininteligível]...

Pesquisadora: Ia ter que sair...

Entrevistado: Muitas vezes eu perdia e tinha que falar para alguém de Goiandira vir me buscar...

Pesquisadora: Nossa!

Entrevistado: Então foram vários fatores que me atrapalharam bastante.

Pesquisadora: Aí, quando você decidiu mesmo sair, você chegou a comentar com seus colegas [intervenção cruzada] que você estava querendo sair? (Ou) não?

Entrevistado: Não. Acho que eu não tinha nem comentado não. [fim da intervenção] Acho que eu nem voltei aqui para falar.

Pesquisadora: Mas você fez amizades, aqui, ou não? Você era...

Entrevistado: Não, eu não fiz amizades não. Eu só (me) lembro de alguns, que era o (Demiflai), o... o... aquele Rodrigo, que tinha um nome... [ininteligível], que sofreu um acidente...

Pesquisadora: [intervenção] Mas ele era do noturno, [intervenção cruzada] não? Ah, você era do noturno.

Entrevistado: Era do noturno que eu era. Eu era do noturno. [fim da intervenção]

Pesquisadora: Certo. É. O Demiflai e o Rodrigo... Certo. Bom, é, hoje como você vê a instituição depois, de 2014 para cá, o que, hoje, qual é a sua visão da instituição?

Entrevistado: É, ela evoluiu bastante, evoluiu bastante, e... é uma instituição federal, e tudo, de nome, tem um... tem uma qualidade muito (alta), e... a cada dia está crescendo.

Pesquisadora: Eu te perguntei mas eu não me lembro. Você fez uma graduação na [sigla ininteligível] no momento? ou só curso técnico?

Entrevistado: Não. Só curso técnico.

Pesquisadora: Você pretende fazer uma graduação?

Entrevistado: Pretendo. Pretendo sim.

Pesquisadora: E, assim, se a instituição, o Instituto Federal tiver o curso que você almeja, você gostaria de fazer no Instituto Federal?

Entrevistado: Gostaria sim.

Pesquisadora: Você acha que hoje você conseguiria trabalhar bem os seus horários e...

Entrevistado: Conseguiria.

Pesquisadora: E, assim, você acha que... porque, na sua turma, grande parte dos seus colegas também abandonou o curso.

Entrevistado: É.

Pesquisadora: Você acha que existe algum motivo... além do que você colocou aqui, teve algum motivo... é... forte, também, que fez esses alunos também desistirem?

Entrevistado: Eu acredito, assim, que a nossa turma, ela foi, de novo, realmente, assim, de vinte... na época eu acho que eu tinha vinte e dois ou vinte e um, eu não sei, vinte e um (anos), é... era uma turma muito além da idade. Acho que a maioria era mais velho de trinta anos. Éramos só eu e o (Demiflái), acho, da idade de vinte. O resto era tudo mais velho. Então, acredito que foi isso que atrapalhou bastante.

Pesquisadora: Aí, a... por serem mais velhos...

Entrevistado: Por serem mais velhos. Assim, na minha visão. Não que eu esteja desmerecendo ninguém, mas na minha visão é.

Pesquisadora: [intervenção] Mas, assim, o que estaria relacionado à idade? É...

Entrevistado: Tempo. Tempo, dificuldade, tudo.

Pesquisadora: Não ter tempo...

Entrevistado: Maioria era casado... Até tinha outro rapaz de Goiandira também que desistiu pela questão do ônibus...

Pesquisadora: Hm [concordando].

Entrevistado: Que era o Ideal Júnior, acho, que é o nome dele.

Pesquisadora: Ah... eu me lembro dele também. Não, muito bom. Ótimo. Gostei da nossa entrevista. É isso mesmo o que eu queria ouvir. É... Obrigada pela participação.

[agradecimentos ao participante e esclarecimentos sobre a divulgação do conteúdo da entrevista]

B.4. Lincoln Pires da Silva

Catalão, 24 de junho de 2019.

Entrevistado: Lincoln Pires da Silva.

Local da Entrevista: Campus Avançado Catalão

Presentes: Nádia (Pesquisadora), Lincoln (Entrevistado).

Horário da Entrevista: 17:35 h

Duração do Áudio: 14min 42s 707ms.

Pesquisadora: Bom. Eu vou te explicar o que é o meu projeto de pesquisa... para você entender um pouquinho... É, meu nome é Nádia [...], estou fazendo mestrado na UFG, mestrado em Educação, é... e o meu objeto de pesquisa é a evasão escolar naquele, no curso técnico de Informática, naquela turma de vocês. Só que eu trabalho... o meu método de investigação são as narrativas autobiográficas. O que é a narrativa: eu pego, entrevisto o aluno que evadiu, que saiu antes de concluir, e quero saber, na verdade, um pouco da vida dele, das experiências que ele viveu, eu quero saber a história de vida dele. Então, eu já fiz a entrevista com o Weber, com a Jaqueline, e com o... se eu não me engano, Bruno, e, aí, eu vou fazer com você, com a Beatriz e com o Ezequiel. São seis alunos nesse primeiro momento. Então eu queria que você, inicialmente, falasse para mim o seu nome completo... Hoje são vinte e...?

Entrevistado: Não sei...

Pesquisadora: Deixa eu ver aqui direitinho... Hoje são [...], e a gente começa então a nossa entrevista. Eu quero que você, é... se puder, né, se você concorda com essa entrevista...

Entrevistado: [intervenção cruzada] Concordo. [fim da intervenção]

Pesquisadora: Desde o início você me falou... Então você concorda com a entrevista. A gente, é, vai começar então falando um pouquinho da sua... da sua história de vida, eu quero saber onde você nasceu, quem são seus pais, e a gente vai deslançando (daí) a nossa conversa.

Entrevistado: Meu nome é [...], tenho... vinte e um anos [risos]... Tenho que fazer as contas. Eu nasci em Catalão, mas até os quatro anos eu morei em Cristalina, porque meu pai trabalhava no Exército, na época. Aí ele foi despedido numa mudança de governo que houve, e a gente voltou para cá. É... voltei para cá (e) tinha uns quatro anos, (e,) voltando eu já comecei a estudar... na Escola Paroquial São Bernardino de

Siena, fiquei até o... o que (seria)... eu fiz o pré (a pré-escola), a primeira e a segunda série.

Pesquisadora: E a sua... sua família, ela é de...

Entrevistado: [intervenção] Eles são daqui também.

Pesquisadora: Daqui de Catalão.

Entrevistado: Hm [concordando].

Pesquisadora: [intervenção cruzada] Então seu pai foi lá para trabalhar.

Entrevistado: Meus avós, bisavós... Hm [concordando]. [fim da intervenção]

Pesquisadora: E aí ele veio, né, nessa época, e você... aí você... começou a sua escolaridade onde? Onde foi sua primeira escola?

Entrevistado: Foi na Escola Paroquial São Bernardino de Siena, que hoje é o Aprov, é onde fica o Aprov.

Pesquisadora: Ah. Como que era o nome?

Entrevistado: Escola Paroquial São Bernardino de Siena.

Pesquisadora: Ah.

Entrevistado: Ela é uma escola bem antiga da cidade.

Pesquisadora: Acho que é uma das mais tradicionais.

Entrevistado: É.

Pesquisadora: E você gostava de estudar lá?

Entrevistado: Eu gostava. Eu gostava de estudar (lá).

Pesquisadora: Você ficou um longo período lá?

Entrevistado: Foram três anos. Eu fiz o pré, a primeira série e a segunda série.

Pesquisadora: (E) depois você foi para onde?

Entrevistado: Colégio Sousa Araújo.

Pesquisadora: Sousa Araújo...

Entrevistado: Fica perto do Restaurante Labaredas. Sabe onde fica o Restaurante Labaredas?

Pesquisadora: Sei.

Entrevistado: Aí, lá, eu fiquei quatro anos. Fiz a terceira, a quarta, a quinta e a sexta série. Aí depois eu fui para Escola Estadual João Netto de Campos. Aí eu terminei os últimos dois anos do Ensino Fundamental e fiz o Ensino Médio.

Pesquisadora: Quando seu pai... vocês vieram para cá, aí seu pai foi... trabalhar, o que ele foi fazer?

Entrevistado: Ele (foi) trabalhar (como) motorista em empresas. Eu (me) lembro (de) que foi na Danone, depois foi na... como chama... Anglo-American, uma coisa assim, depois ele foi despedido, (e) acabou arranjando emprego na Mitsubishi. Aí, depois de alguns, acho que uns dois ou três anos, ele conseguiu emprego de motorista, de novo, na Fagundes.

Pesquisadora: E sua mãe...?

Entrevistado: Ela sempre foi dona do lar.

Pesquisadora: E depois que você saiu da... da escola, do Paroquial, você foi para...

Entrevistado: Sousa Araújo.

Pesquisadora: Sousa Araújo, e lá você fez o Ensino...

Entrevistado: Fiz quatro, é... a terceira, a quarta, a quinta e a sexta série do Ensino Fundamental.

Pesquisadora: E depois...

Entrevistado: Aí eu fui para uma Escola Estadual.

Pesquisadora: Qual?

Entrevistado: São... Não, (deixa eu ver), (Colégio Estadual) João Netto de Campos.

Pesquisadora: João Netto de Campos, onde você terminou...

Entrevistado: [intervenção] o Ensino Médio.

Pesquisadora: Aí, como você soube da, do Instituto? Como você conheceu o Instituto...

Entrevistado: Eu soube dele através do, dos meus pais, porque estavam passando um dia pela... pela José Marcelino aqui e vocês estavam... hm... em frente... em frente não, estavam junto à farmácia Nossa Senhora de Fátima, né, distribuindo panfletos, né, aí pegaram, (e) descobriram que vocês iriam oferecer curso técnico em Informática...

Pesquisadora: Aí ele que te levou à informação do curso.

Entrevistado: Hm [concordando].

Pesquisadora: E, e naquele momento, como foi? Ele pegou informação, levou, como foi o interesse...

Entrevistado: [intervenção] Ele pegou, chegou em casa e me obrigou a fazer o curso.

Pesquisadora: E aí ele chegou conversando com você... E aí, como, como foi o processo para você fazer a matrícula, a inscrição no, no curso?

Entrevistado: Eu não (me) lembro (de) se fazia ali na hora, naquele dia.

Pesquisadora: Você estava junto com seu pai, nesse dia?

Entrevistado: Não. Estava em casa.

Pesquisadora: E quem fez a matrícula?

Entrevistado: Eu acho que foi ele.

Pesquisadora: Foi ele? A inscrição, na verdade. Foi ele?

Entrevistado: Hm [concordando].

Pesquisadora: Ele fez a inscrição. Chegou e já...

Entrevistado: Já.

Pesquisadora: Conversou, te, te, é, dando só a notícia [risos]?

Entrevistado: Hm [concordando].

Pesquisadora: E quando você... quando ele te falou do curso, você tinha alguma noção de o que era o curso?

Entrevistado: Acho que eu tinha, mais ou menos... Das coisas que eu já tinha visto na televisão, ou visto outras pessoas falarem, eu pensei que com certeza, ia ter uma parte que ia mexer nos... é, nos *softwares*, nos programas, e ia ter a parte que ia para o *hardware*, ia programar. Então eu já tinha uma lógica mais ou menos (de o) que seria isso. E foi, mais ou menos, o que foi mesmo.

Pesquisadora: É? Quando você chegou, foi mais ou menos... essa noção aí ou você... teve uma outra ideia do que era o curso?

Entrevistado: Não. Foi mais ou menos nessa noção mesmo.

Pesquisadora: E... Pode ir contando aí o que você acha interessante do curso...

Entrevistado: Ah, acho melhor você me perguntar. [risos] Porque eu não sou muito de conversar...

Pesquisadora: Então, olha só. E aí quando você entrou aqui, no curso, você já tinha uma noção da estrutura da escola? Você já conhecia a antiga escola, é... Joaquim de Araújo, que era instalada aqui?

Entrevistado: Não.

Pesquisadora: Foi a primeira vez que você entrou nessa estrutura aqui.

Entrevistado: Sim.

Pesquisadora: E o que você achou quando você entrou... da estrutura...

Entrevistado: Acho que foi a primeira vez que eu entrei numa escola que estava começando. Aí, acho que foi mais ou menos isso. Porque todas as escolas que eu entrei antes, elas já estavam há um bom tempo, né, então já tinham uma estrutura maior, acho... foi mais ou menos isso.

Pesquisadora: Sei. E... E... O que você achou do curso em si, das aulas, dos professores... Pode ficar à vontade.

Entrevistado: Acho que... é um curso legal, principalmente para quem tem interesse, facilidade no curso, que era algo que eu, mais ou menos, não tinha... Acho que foi até para confirmar também... Que eu já sabia que o curso de Computação tinha um viés mais focado para (a área de Ciências) Exatas, que é justamente o que eu não tenho facilidade. (Não) tenho facilidade nem de compreender nem de... entender a lógica, né, das (Ciências) Exatas, das áreas de (Ciências) Exatas. Mas eu acho que o curso estava indo, estava bem, eu gostei dos professores, achei que as aulas estavam boas, apesar de eu não estar, não estava dando muito, não estava me dando muito bem com o conteúdo, é, com o conteúdo...

Pesquisadora: Você tinha dificuldade com o... com o conteúdo?

Entrevistado: Eu tive aquela dificuldade básica, é, de entender uma área que não tinha muito a ver. Mas, se eu, é... que nem na disciplina de Lógica de Programação, foi mais para o final da disciplina que eu entendi a lógica da programação, quando chegou naqueles comandos de *para* (para [condição] faça [comandos]), (de) que eu (me) lembro. Ah, antes eu tinha dificuldade na disciplina, mas depois que eu entendi a lógica, aí eu entendi a disciplina. Mas no segundo semestre, até onde estava indo, ainda não tinha entendido a lógica das disciplinas. Até onde eu tinha parado.

Pesquisadora: Sei. E... a... a... a sua dificuldade era em... o quê? Era (com o) professor ou era (com a) disciplina?

Entrevistado: Eram os conteúdos mesmo.

Pesquisadora: Os conteúdos mesmo. (Quanto a) professor, o que você achava dos professores?

Entrevistado: Que eles explicavam muito bem.

Pesquisadora: É?

Entrevistado: Que eles sabiam o conteúdo...

Pesquisadora: A, a estrutura física, você achava que era adequada? [intervenção cruzada] Os laboratórios? Atendiam...

Entrevistado: Sim. Sim. Hm [concordando] [fim da intervenção]

Pesquisadora: É... Qual foi o período em que... você...

Entrevistado: [intervenção] Eu parei no segundo.

Pesquisadora: No segundo período.

Entrevistado: Hm [concordando].

Pesquisadora: Faltava só mais um... para a conclusão. E o que... o que... conte-me um pouquinho, é... (como se dava) o processo que você foi vivenciando, que te fez ter vontade de sair? O que aconteceu?

Entrevistado: Para começar, eu nunca queria ter feito o curso. Meu pai me obrigou, porque a Informática é algo que ele acha interessante. Então, foi aquele negócio... Sempre tem muitos pais que querem que os filhos sigam ou façam alguma coisa que eles gostam. Aí houve, talvez, uma das coisas (que) mais me fez querer sair do curso foi justamente essa... é... foi a facilidade... qual é a palavra que eu tinha usado antes... essa incompatibilidade que eu tinha com a área da Computação, de entender a fundo como funcionavam as coisas, tudo (o) mais... e depois, é... acho que eu saí (quando) faltava pouco mais de um mês para o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio). Aí eu estudava de manhã e fazia o curso de tarde, né, aí eu aproveitei, depois que eu saí, e fiquei estudando, só um turno estudando, aí eu fiquei os outros dois estudando para o ENEM.

Pesquisadora: Entendi. E aí foi esse processo que... que te fez sair. Hoje, o que você me fala a respeito do Instituto Federal Goiano? O que você acha a respeito da escola?

Entrevistado: Eu acho que é muito importante, é... é mais uma escola que traz... não sei se a expressão é correta, mas... um peso universitário para a cidade, é... vai fazer... com que a cidade cresça, amplie as vagas, é... é mais conhecimento sendo gerado, profissionais também, seria mais ou menos nesse campo.

Pesquisadora: Hm. Você, por exemplo, hoje você indicaria, ou você... você indicaria a escola para alguém?

Entrevistado: Indico.

Pesquisadora: (E) você? E você, voltaria a estudar aqui? Se tivesse [intervenção cruzada] algum (dentro) das suas expectativas, é...

Entrevistado: Nos meus planos... [fim da intervenção] Acho que não.

Pesquisadora: Não?

Entrevistado: Não. Acho que os meus planos são conseguir um trabalho, depois que eu terminar a faculdade, né, e seguir a pós-graduação, se tudo der certo.

Pesquisadora: Ah, tá. Na, na... na própria área que você faz a graduação.

Entrevistado: Sim.

Pesquisadora: Lá é licenciatura ou bacharelado?

Entrevistado: Tem os dois. Eu entrei na licenciatura, por alguns motivos, pensando (no) que, depois que eu acabasse a graduação, em que eu iria trabalhar. Porque se eu não conseguir arranjar um bom emprego, pelo menos eu poderia tentar nas escolas, né, mas eu fui vendo que... não era a minha área. Aí eu transferei para o bacharelado.

Pesquisadora: É? E, e você gosta de mexer com pesquisa, com...

Entrevistado: Gosto.

Pesquisadora: Seus pais te apoiam nessa área que você tá fazendo agora?

Entrevistado: Sim.

Pesquisadora: Estão te apoiando nesse momento agora.

Entrevistado: Sim.

Pesquisadora: Não, tranquilo. É isso... Então, para a gente focar um pouquinho aqui na nossa discussão, você, então, saiu porque não estava tendo compatibilidade com o curso, que você falou, não foi?

Entrevistado: Sim.

Pesquisadora: E... e... é... no início você viu, também, que não tinha essa, é... habilidade, né, com, com... a Informática, mas... é isso aí. Ótimo. Nossa entrevista foi... foi tranquila, gostei muito. Vou desligar aqui agora

B.5. Ezequiel Monteiro da Silva

Catalão, 24 de junho de 2019.

Entrevistado: Ezequiel Monteiro da Silva.

Local da Entrevista: casa da pesquisadora.

Presentes: Nádia (Pesquisadora), Ezequiel (Entrevistado).

Horário da Entrevista: 19:05 h

Duração do Áudio: 16min 59s 403ms.

Pesquisadora: Bom, Ezequiel, como eu comentei com você, meu nome é Nádia, hoje são... vinte e quatro?

Entrevistado: Vinte e quatro.

Pesquisadora: [...], e a gente está aqui na minha casa para poder fazer essa entrevista com você... É... o meu objeto de pesquisa é a evasão escolar no Ensino Técnico... Técnico, né, (mais) precisamente na turma (do curso) técnico em Informática, de 2014, e... eu queria que você me falasse um pouquinho do... seu nome, onde você nasceu, um pouquinho da sua história de vida, para (eu) te conhecer melhor.

Entrevistado: É... Meu nome é [...], eu... nasci em 1982, aqui em Catalão mesmo, é, a minha família é... tanto meu pai quanto minha mãe são de Cumari, Goiás, é... a gente, é... minha mãe e meu pai são de origem de zona rural, foram criados em fazenda, e também eram empregados em fazenda. Trabalhavam... meu pai, minha mãe era do lar, meu pai era (de) serviços gerais, né.

Pesquisadora: [intervenção] Qual é o nome dos seus pais?

Entrevistado: É, minha mãe é Diolina Rosa Silva e meu pai Sebastião Antônio das Graças Silva. Então, a gente sempre foi assim, de classe bem humilde mesmo, e eu fui criado em Goiandira, né, porque meu pai e minha mãe resolveram voltar para a cidade, né, mudar de cidade, né, em Goiandira, e... a gente...

Pesquisadora: [intervenção] (Com) quantos anos você... [intervenção cruzada] veio para cidade?

Entrevistado: Eu tinha... [fim da intervenção] com... oito anos.

Pesquisadora: Oito anos?

Entrevistado: Com oito anos, a gente veio para cidade (em definitivo). É, como meu pai, ele... fazia algumas travessuras, né, devido ao vício, ali, do álcool, e a minha mãe, um dado momento, teve que assumir a casa, a parte financeira e cuidar dos filhos. E a gente é família de sete irmãos, com... e oito com um de criação. Minha mãe pegou (este) para criar... meu pai faleceu com quarenta e cinco anos, em consequência de quedas e... é... lesões por beber demais, tudo, (e) teve uma lesão no cérebro. Aí, de lá para cá, minha mãe assumiu a casa sozinha, trabalhando no... trabalhando aí em sete, dez casas por semana, né, até ela se aposentar. A gente cresceu na parte mais humilde de Goiandira mesmo, é, falando do Setor Primavera. Então, naquela época a gente era incentivado a estudar, pela própria mãe, né, qualquer coisa que a gente vir, visse, diferente... Eu trabalhei muito tempo no NUMEG (Núcleo do Menor Goiandirense), que era o núcleo lá de menor, né, de Goiandira, e... naquela época a gente tinha uma visão diferente das outras crianças, já, a gente via que... se não buscasse uma maneira de se estudar, a gente estaria numa dificuldade igual os pais da gente, né, sem estudo, sem nada. Então, resumindo, é isso. Depois, é... eu... fiz um curso no SENAI (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial), né, através do NUMEG [cachorro latindo]...

Pesquisadora: [intervenção] Lá em Goiandira mesmo?

Entrevistado: Em Catalão mesmo – tinha uma Kombi que trazia a gente – na área de Serralheria, aí que despertou mais, que a gente...

Pesquisadora: [intervenção] Você tinha quantos anos nessa época?

Entrevistado: Tinha... quinze.

Pesquisadora: Quinze.

Entrevistado: Aí a gente começou a ver aquele ambiente de estudos e aquilo começou a agradar, (e) você via que não era só escola. (Você via) que você tinha (algo após aquilo) tudo, né, depois você... Aí, de lá para cá, a gente, é... almejava terminar o Ensino Médio. Estudei no (Colégio Estadual) Dom Emanuel no Ensino Médio, e fazer uma faculdade. Na época a gente queria... em Catalão tinha mais licenciatura, tinha Letras, História, Geografia... Até passei para Letras, fiquei um ano em Letras, aí...

Pesquisadora: [intervenção] Aqui em Catalão?

Entrevistado: Aqui em Catalão.

Pesquisadora: Na UFG?

Entrevistado: Na UFG. Aí desisti porque... na época o mercado favorecia mais a parte técnica, né, parte técnica. Isso foi em 2007.

Pesquisadora: Você já trabalhava nessa época?

Entrevistado: Trabalhava na Mitsubishi.

Pesquisadora: Trabalhava e estudava.

Entrevistado: Eu trabalhava e estudava e (me) casei no ano de 2004, né, então... 2007 foi o ano que eu desisti da faculdade de Letras e, para almejar coisa melhor, [pigarra] comecei um curso no SENAI, de Eletromecânica, porque, na época, o incentivo do governo, até a mídia, na verdade, o que você via (era) a mídia (falar) que com o (curso) técnico você tinha resposta mais rápida que com o superior. Aí, eu migrei para o técnico e desisti – nem tranquei – de Letras. Desisti.

Pesquisadora: E... na época que você, é... que você (se) casou, você já trabalhava e... e... estudava, como você colocou, estudou na...

Entrevistado: Sim, sim, eu já trabalhava, trabalhei na Mitsubishi (por) sete anos e nesse período eu já estudava e trabalhava ao mesmo tempo.

Pesquisadora: E tinha filhos?

Entrevistado: Não, não tinha filhos. Aí a minha esposa fazia Pedagogia, né, ela concluiu, e depois... os filhos só vieram após a (minha) formação técnica e a faculdade dela.

Pesquisadora: Você (se) formou quando? No SENAI?

Entrevistado: No SENAI eu (me) formei em 2009, no final de 2009, de 2009 para 2010.

Pesquisadora: E depois disso você... pretendeu fazer outra coisa ou...

Entrevistado: Não. Aí eu fiquei quieto (por) um tempo, aí eu vi o resultado, né, que a gente, é... porque através do curso técnico eu entrei na usina, né, na Serra do Facão, né, porque... por estar na área dessa parte elétrica, né. Então as empresas vinham de fora – na época o mercado estava legal – para buscar nomes no SENAI. Meu nome foi um dos selecionados. Então, isso aí te motivava mais, de você estudar e você ir, você conseguir um resultado lá na frente. Aí depois, a minha vontade era fazer Engenharia Elétrica na UFU (Universidade Federal de Uberlândia), né, que a gente ia para UFU. Mas aí... houve uma mudança de planos, tudo, né, aí eu esperei vir (o curso). Porque, depois de casado, as coisas são complicadas, né, você não consegue entrar numa (Universidade) Federal e estudar (em) tempo integral, né, a não ser que... que um... que a esposa tenha um (serviço), um emprego bom, dê conta de manter, aí dá para você estudar.

Pesquisadora: Um abdica para o outro, né...

Entrevistado: Isso, porque é integral, o curso é integral, aí eu esperei, esperei vir. A gente vai traçando metas, né, e esperei a UNA (Centro Universitário Una) vir para cá, né, (para) fazer (na) particular.

Pesquisadora: E... Onde que entra o IF (Instituto Federal Goiano) nessa história...

Entrevistado: O IF, o IF entra, assim... O IF, quando eu tive conhecimento do IF, eu já tinha o IF como uma instituição bem respeitada. Eu conheci o IF, se eu não me engano, em Urutaí. Parece que a primeira vez que eu ouvi falar do IF foi em Urutaí, através do Luís Carlos, o Luquinha, de Goiandira, do pessoal lá de Goiandira. E muita gente que migrava para lá justamente (para)... fazia morada lá para terminar o curso, né, se eu me lembro é Agrônomo, tem, né?

Pesquisadora: Tem. Tem.

Entrevistado: Aí, foi assim, eu comecei a (despertar)... a ver que a gente começou a entender o IF de lá, nós começamos a pesquisar sobre a instituição. Aí quando o Eduardo passou no, para o IF, ele até me perguntou, né, qual minha opinião, né. Aí eu falei ‘Vai que a instituição é ótima’. Aí, então, você não pode abdicar disso não, né, é uma oportunidade única. Aí, através dele, a gente, a comunicação ficou bem próxima, né, bem estreita, ele dando aula no IF, trabalhando no IF em, também, em Ituiutaba, né... E eu, nessa época tinha (me) formado já, é, no SENAI já, feito (o) curso técnico... Aí me despertou a vontade, né, eu vi os anúncios, a gente via os anúncios, panfletos, aí eu... eu não (me) recordo (de) onde eu vi um panfleto daquele, e o Eduardo também me falou, aí foi quando eu despertei para estar fazendo, né, o curso técnico.

Pesquisadora: Você então, é, teve noção do IF aqui de Catalão através desse panfleto.

Entrevistado: Isso. É...

Pesquisadora: [intervenção cruzada] E do Eduardo também. O Eduardo é o quê seu?

Entrevistado: Não... É isso. Através do Eduardo e... Primo primeiro. [fim da intervenção] Através do Eduardo também, porque ele falou que ia conseguir a transferência para cá, porque o IF tinha montado um... ia montar um campus aqui, né, e (estaria) investindo em Catalão. Aí eu despertei esse interesse de estar fazendo. Aí ,a desistência mesmo, não se deu pelo nível da instituição... Na verdade, a desistência foi mais por questões pessoais minhas.

Pesquisadora: Até quando você iniciou, você tinha noção do que era o curso? Você já sabia, [intervenção cruzada] mais ou menos, do que ia tratar o curso?

Entrevistado: Tinha. Tinha uma noção de algoritmo, que ia tratar de Lógica, [fim da intervenção] a dificuldade que ia ser...

Pesquisadora: Você sabia que o curso ia trabalhar com isso? [intervenção cruzada] Que era um curso voltado para programação?

Entrevistado: Sabia. Tinha uma noção exata do que era. [fim da intervenção]

Pesquisadora: Porque muitos alunos que entram às vezes acham que o curso é... é para... trabalhar com... montar e desmontar computador, eles mesmos usam esse termo, né.

Entrevistado: Não. Eu já tinha noção já.

Pesquisadora: Você sabia que o curso era muito além disso.

Entrevistado: Isso. Até porque eu estava muito próximo do Eduardo ali, então a gente...

Pesquisadora: Você tinha noção.

Entrevistado: Aí depois a gente vai, na época a gente, é... Tecnologia é uma coisa (em) que cada dia, né... (se) investe mais e mais. A gente começou já, naquela... Já tinha uma noção de que a Lógica, você usava ela em... é para você fazer aplicativo... Os algoritmos você jogava, você... até já estava inovando em celular, muitas coisas já, tecnológicas, né. Mas a gente já tinha uma noção de que, se a gente tivesse uma formação boa no curso, a gente poderia estar, lá na frente, sendo um profissional bom, né... Mas aí, aquilo que eu te falei, questões pessoais, eu tinha noção do que era o curso, e eu desisti foi (por) questões pessoais mesmo, né.

Pesquisadora: [intervenção] Dificuldade com alguma disciplina você não teve não.

Entrevistado: Não, eu não tive.

Pesquisadora: Estudar era tranquilo...

Entrevistado: [intervenção] Até pelo período também. Período foi curto, que eu fiquei, os professores eram bons, tudo...

Pesquisadora: [intervenção] Pois é, os professores, você achava que trabalhavam bem em sala de aula? A didática deles... A estrutura, você acha que atendia...

Entrevistado: [intervenção] Atendia bem, porque a gente já tinha sala montada naquela época, né, tinha um computador para cada um, a gente já tinha já, né... Os equipamentos foram chegando, a gente ficou na teoria, e quando foi fazer na prática, os equipamentos já estavam (lá)... Então, a questão da estrutura para poder atender, não... Estava dentro do planejado e esperado que a gente tinha.

Pesquisadora: E qual foi o período que você saiu?

Entrevistado: Olha, a data exata, eu não (me) lembro. Não (me) lembro (de) se...

Pesquisadora: [intervenção] Mas você chegou a fazer qual, o primeiro, quais os períodos que você fez?

Entrevistado: Não, foi só o primeiro só.

Pesquisadora: Só o primeiro?

Entrevistado: Só o primeiro só. Estava fechando o primeiro módulo. Primeiro módulo de seis meses, ah...

Pesquisadora: É.

Entrevistado: Entre o quarto... Entre o quarto e o cinco... quinto mês, assim. Não (me) recordo, não (me) recordo bem assim não.

Pesquisadora: Mas você concluiu o período ou não? Você nem chegou a concluir o período?

Entrevistado: Não, não. Justamente porque eu estava, eu ia te (falar). O Artur era uma criança, era muito pequeno o Artur. Eu já tinha o Mateus. A diferença de (idade) deles é de um ano e sete meses. E o Artur era muito chato, era uma criança (que) queria colo vinte e quatro horas, e o Mateus também criança, então aquilo foi sobrecarregando, né... Sobrecarregando a Elisângela, minha esposa, e... e aquilo me deixava, querendo ou não, chegava em casa bem chateado, de ver... Aí foi uma das coisas que me fez abdicar (do curso). Uma outra coisa é que eu já tinha curso técnico. Por mais que ele, ah, ele era voltado para outra área, né, eu... meu pensamento era assim... Melhor eu (me) focar no que eu já fiz e na área que eu já estou, dentro da usina, do que eu, é... como se diz, é, ficar sobrecarregado que, que nem outros... Claro, que (se) você tiver uma nova área de estudo é legal também, né. Mas aí, foi o Artur, e por eu já ter curso técnico também... e em um dado momento eu pensei, a gente pode estar passando a oportunidade, que é... Certo momento, eu não (me) lembro... Dele (o curso?) chamar gente ainda (para matrícula?). Aí eu falei 'não, eu posso estar'... Eu (me) lembro direitinho. Um dos principais fatores de eu fazer isso foi a oportunidade que eu poderia estar dando vaga para outra pessoa, né, outra pessoa que...

Pesquisadora: Podia...

Entrevistado: Que realmente vai se interessar mais do que eu, né. Mas, com relação à estrutura, ao investimento que foi feito, tudo... Que o investimento no IF foi muito rápido também, né, para atender aquele setor aqui, né.

Pesquisadora: É. Até que foi...

Entrevistado: Eu não vi, comparado a outros campus aí fora, mas para atender, e o que atendia bem, quem estava, os alunos que estavam ali, né, toda a estrutura era...

Pesquisadora: Hoje você já foi lá? Depois que você saiu, você já retornou lá para você conhecer como é está funcionando?

Entrevistado: [intervenção] Não, não retornei mais. Eu falo, não para conhecer. Fui lá para conversar com o Eduardo, entregar um documento para ele, mas entrar e ver a estrutura não.

Pesquisadora: E hoje, você indicaria o IF para alguém fazer, assim...

Entrevistado: [intervenção] Eu não só indicaria como indico para todo mundo.

Pesquisadora: É?

Entrevistado: Eu indico para todos. Todo mundo que fala que... às vezes a pessoa fala... tem muitos que não conhecem, minha família mesmo tem, né. Às vezes a pessoa fica entre o SENAI e o IF, eu falo 'ó são duas instituições top, você pode'... Até o Gustavo, meu sobrinho, estava, porque eu indiquei, eu incentivei, mas aí ele não suportou a pressão não. Porque é um lugar que... tem um diferencial, né, a questão é... (se) o aluno não vai, a instituição se preocupa, né... (é) uma instituição que (se) importa... liga para o pai, liga para mãe, é uma coisa que o IF faz também, então, assim... Eu não sei realmente (se) ele não suportou a carga, porque tá acostumado, às vezes está acostumado com... ele começou aquele intercalado com o Ensino Médio, né...

Pesquisadora: [intervenção] Ah, integrado. E aí, ele ia...

Entrevistado: [intervenção] É, [pigarra] o integrado. Então se você não quiser mesmo, se você for uma pessoa que não tiver interesse, você não consegue. Porque o ensino está – querendo ou não – infelizmente ele está acima do, do ensino público convencional que a gente (vê) aí, bem acima, então a pessoa sente mesmo.

Pesquisadora: É. É pesado, é puxado, se não tiver uma dedicação...

Entrevistado: E tem que, tem que (se)dedicar, e tirar o dia pra...

Pesquisadora: Você, hoje, se tivesse o curso que te interessasse, né, do qual você falou aqui, que você está, é, como se diz... mais dentro, focado mais dentro da sua área de trabalho (atuação), né... Se o IF hoje tivesse algum curso voltado para sua área, você... faria o curso no IF?

Entrevistado: Você fala (d)o técnico, ou...?

Pesquisadora: Não, assim... Você está fazendo agora a graduação. Às vezes, uma especialização, [intervenção cruzada] às vezes, pós-graduação... Você faria?

Entrevistado: Em relação a técnico, [fim da intervenção] em relação a técnico, eu sou uma pessoa realizada, assim. Eu posso (dizer) que, para mim, eu já pensei em vários cursos técnicos para fazer, e eu acho que o técnico em Eletromecânica me atende super bem.

Pesquisadora: [intervenção] Você já está...

Entrevistado: [intervenção] Agora, a questão de uma (pós-graduação), para mim eu acho bem interessante e eu quero fazer Gestão de Manutenção. É, até Uberlândia tem, é meu, meu planejamento é, terminando a faculdade, fazer uma Gestão de Manutenção.

Pesquisadora: Hoje você faz a graduação em...

Entrevistado: Engenharia Elétrica.

Pesquisadora: Engenharia Elétrica na...

Entrevistado: Na UNA.

Pesquisadora: Na UNA. Atende, é o que você gosta...

Entrevistado: Atende, atende. Eu estou no sétimo período, indo para o sétimo período.

Pesquisadora: Nossa! Graças a Deus.

Entrevistado: Então, assim... Claro que, se você comparar uma instituição federal – que eu já tive lá dentro – com uma instituição igual à UNA, é... a UNA foi... É uma instituição particular, ela flexibiliza bem, em questão do, de essa interação de trabalho e... e estudo, né. Assim, é um público diferenciado, vamos dizer. É... a... A questão dos estudantes, você vai na Federal e você vê mais gente solteiro, e tudo, fica só por conta de estudar. A UNA já vai... indo... muitos alunos comentam comigo essa questão: ‘ah, na, na, na Federal passa é uma lista gigante de exercício, aqui passa uma menor’. Aí o professor fala: ‘é justamente por isso, porque vocês trabalham, já vão dormir tarde, e tal’. Mas o ensino é bom, está em processo de estruturação, né... Igual a gente vê aí, Uberlândia, (em) Uberlândia já estruturou já...

Pesquisadora: Já é estruturado. Quando você fazia o curso técnico de Informática, você trabalhava, né?

Entrevistado: Trabalhava. Trabalhava na Mitsubishi.

Pesquisadora: E dava para conciliar, tranquilo?

Entrevistado: Dava, dava. Porque eu chegava em casa 17:30, né, e o curso...

Pesquisadora: [intervenção] Trabalhava durante o dia, todos os dias?

Entrevistado: Só durante o dia.

Pesquisadora: Você trabalhava à noite não. Tem mais alguma coisa que você quer colocar?

Entrevistado: Não, não, mais... a não ser que você tenha uma pergunta diferente, alguma coisa...

Pesquisadora: Não, é isso mesmo.

Entrevistado: Para mim... Mas é o que eu te disse, com relação à instituição, até hoje o meu pensamento sobre a instituição, sobre o IF, é o mesmo, entendeu? É, para mim, eu defendo, mesmo, a instituição federal, é... e... esse legado que ele criou, né, o... os... o IF, ele criou um legado que... né, não deixa a desejar mesmo, né, então, assim... Eu, eu queria... ter o pensamento que eu tenho hoje quando eu tinha quinze anos, e ter a oportunidade de ter o IF para poder fazer. Porque hoje eu vejo os adolescentes, eles não dão valor, entendeu, igual a gente da... Então, é algo que... O que realmente me fez desistir foi a sobrecarga mesmo de... ter dois filhos, esposa cobrando sua presença, né, e tudo... Não é igual eu vejo meu sobrinho hoje, né, que hoje você está, né, as pessoas têm menos compromisso, né, e...

Pesquisadora: Muita oferta, e às vezes não...

Entrevistado: É... muita oferta, e estão perdendo a oportunidade de hoje.

Pesquisadora: Você tem a intenção de pôr seus filhos lá?

Entrevistado: Tenho, demais! [risos]

Pesquisadora: Se Deus quiser.

Entrevistado: A minha intenção é, eu falo muito, é, né... Eu até... até o Mateus, Mateus está com oito anos e eu falo: 'Mateus, é, o estudo não acaba no Ensino Médio não'.

B.6. Juslene Cardoso Marciano

Catalão, 8 de julho de 2019.

Entrevistada: Juslene Cardoso Marciano.

Local da Entrevista: Campus avançado Catalão

Presentes: Nádia (Pesquisadora), Juslene (Entrevistada).

Horário da Entrevista: 16: 45

Duração do Áudio: 21min 13s 313ms.

Pesquisadora: Juslene, fale-me seu nome completo, onde você nasceu, quem são seus pais, se você tem irmãos, fale um pouquinho da sua... infância.

Entrevistada: Boa tarde, Nádia. Tudo bem? Nádia, meu nome é [...], eu nasci aqui em Catalão, em 12 de setembro de 1977, nasci aqui na Santa Casa (de Misericórdia de Catalão, hospital) mesmo; porém, eu fui registrada em Amanhece, Minas Gerais. Então, pelo meu registro, eu sou mineira. Então, eu tive... Ficou um negócio meio contraditório, né... Como meus pais moravam lá quando eu nasci, então eu nasci aqui e já fui para lá, e fui registrada lá. Então, pelo meu registro, eu sou mineira, mas, na verdade, eu não sou mineira. Nasci foi aqui mesmo em Catalão. Mas como a gente tem que colocar na documentação como você é... o... como foi, né...

Pesquisadora: Naturalidade...

Entrevistada: Mas, praticamente, eu fiquei lá muito pouco tempo, não vivi lá. Eu sempre vivi aqui mesmo, fiquei lá só uns... acho que (por) até uns seis meses eu morei lá, de vida, depois eu... meu pai e minha mãe retornamos para Catalão.

Pesquisadora: Eles estavam morando lá nessa época que você nasceu.

Entrevistada: [intervenção] Estavam morando lá na época que eu nasci. Porque meu pai sempre... trabalhou com roça, com trator, então lá mexia com... plantação de café e maracujá, (pois lá) é um grande produtor de café e maracujá, (em) Amanhece, aqui, que é tão pertinho da gente, né, do lado de Araguari. Então, produz muito, e muita gente vai para lá, e meu pai gerenciava uma fazenda nessa época. Aí, voltamos para Catalão e a vida se iniciou aqui. Estudei no Colégio (Estadual) Rita (Paranhos) Bretas, fiz o Ensino Médio. Ou melhor: na verdade, eu estudei aqui, onde é o IF, aqui antigamente era o (a Escola Estadual) Joaquim de Araújo (e Silva), fiz até o segundo ano, depois fui para o Rita Bretas, depois eu fui para o Colégio Estadual onde eu terminei o Ensino Médio, né, e posteriormente, prestei vestibular e passei para o curso de História e fiz faculdade também.

Pesquisadora: Vo=cês eram quantos irmãos?

Entrevistada: Nós somos três irmãos. Nós somos duas mulheres e um homem. Inclusive, hoje, também, meu irmão é professor do Instituto, de Urutaí, aonde, (foi assim) que eu conheci o Instituto, né...

Pesquisadora: Através do...

Entrevistada: [intervenção] Através do meu irmão e da minha cunhada, que também já é funcionária do IF, há dez anos, né, na área de Informática. Então ela também acabou me enfiando nesse curso. [risos] E a vida foi assim. Fiz História, conheci, (como) a Beatriz, que nós... que também era do curso, ela fez História também, eu conheci ela lá, e a gente acabou se encontrando aqui no IF; e fizemos uma grande parceria aqui no Instituto, que foi a primeira turma, não foi fácil, né... foi uma turma muito difícil, uma turma muito numerosa, e a maioria era masculina, né... um grande número de homens, até porque eu acho que a Informática acaba sendo voltada mais... para o fato de homem gostar mais, porque é uma coisa... não vou falar que a gente não pensa, mas é uma coisa mais de lógica, parece que homem tem um pouco mais de facilidade; não que a gente não tenha... é que, mas, você [ininteligível]...

Pesquisadora: [intervenção] Seus irmãos, eles também, foram para essa área de estudo...

Entrevistada: Sim.

Pesquisadora: Você...

Entrevistada: [intervenção] A minha irmã fez Pedagogia, é professora de Pedagogia, inclusive mora em Uruaçu, e meu cunhado também é funcionário do Instituto lá do IFGoiano de Uruaçu, ele é Técnico Químico lá, e meu irmão fez Matemática e também dá aula de Matemática no IF de Urutaí. Então, assim, nós...

Pesquisadora: [intervenção] Sua irmã...

Entrevistada: Minha irmã fez Pedagogia. Ela (se) chama Cristina e meu irmão (se) chama Juscelino. E a minha mãe e o meu pai são pessoas simples. O meu pai sempre trabalhou em roça, e depois fez... é, trabalhou para o João Netto (de Campos), que é uma pessoa muito conhecida na cidade, e na época, o João Netto era vice-prefeito de Catalão... e arrumou uma vaga para ele na Prefeitura, quando o Haley Margon (Vaz) era prefeito. Aí meu pai entrou na Prefeitura, então hoje o meu pai é servidor público, quase aposentando, está com trinta e quatro anos de Prefeitura. E minha mãe sempre foi do lar. Mas sempre incentivou a gente a estudar, porque como eles não estudaram – meu pai é analfabeto, não quis estudar, a gente até... quando começou a estudar, tentou fazer ele aprender, mas nós desistimos porque ele não quis; não teve jeito, a gente já tentou muito, mas ele fazia era gracinha, não queria aprender, porque ficava com vergonha, né – mas a gente conseguiu (se) formar, com toda a dificuldade, quando a gente passou no vestibular, a universidade só tinha sete cursos, e Catalão não tinha, por exemplo, todas essas opções, por exemplo, de você ter... uma outra escolha. Por exemplo, se eu tivesse outras opções, eu não faria História. Né. Eu tinha... o meu sonho era fazer Psicologia, que hoje que tem na UFG. Então a gente vê...

Pesquisadora: [intervenção] Você fez aqui na UFG.

Entrevistada: Eu fiz aqui na UFG. E aí, vejo hoje como as coisas mudaram. Quantas oportunidades. (Se) naquela época tivesse o IF, como tem aqui hoje, quantas pessoas poderiam ter outros futuros? Então, Catalão foi crescendo nesse meio termo, né, mas eu vim de família simples, né, de pais trabalhadores, mas que sempre pensaram que o estudo, o pouquinho que eles tinham para oferecer, e que, se a gente estudasse, a gente ia ser alguma coisa. Ia mudar o nosso... o nosso destino, não ia ser como o deles.

Pesquisadora: Então seu pai veio, trabalhou na fazenda, depois que ele (se tornou) servidor...

Entrevistada: [intervenção] Virou servidor público. Graças ao ‘seu’ João, o João Netto de Campos, era uma pessoa boa. Então meu pai trabalhava na fazenda dele e ele falava: ‘Não, Juraci, eu vou arrumar uma vaga (boa) para você’. Porque meu pai sempre foi motorista, né. Sempre dirigiu trator, caminhão, então...

Pesquisadora: [intervenção] Máquina pesada.

Entrevistada: E naquela época não tinha necessidade de ter o concurso público.

Pesquisadora: [intervenção] Isso que eu ia te perguntar.

Entrevistada: (Na) Prefeitura... Alguém que queria trabalhar e conhecesse alguém lá (que) indicava... E o ‘seu’ Haley, na época, que era o prefeito. E aí, o que ‘seu’ João aproveitou: Haley tirou uma licença, e deixou o ‘seu’ João no lugar dele. E o ‘seu’ João fez um desbronco na cidade: deu aumento para servidor, contratou mais não sei quantos, e quando ‘seu’ Haley chegou, ele não gostou muito dessa estória não. [risos] O negócio ficou meio ruim.

Pesquisadora: Teve muita coisa que não dava para desfazer. [risos]

Entrevistada: Mas ‘seu’ João era uma pessoa – e aí, se você for pesquisar na cidade – era uma pessoa muito boa, ajudava muito, muito mesmo. Qualquer um que precisasse, sempre que a gente precisava de alguma coisa, falava: ‘não, pode ir lá’. E naquela época tinha um mercadão, que hoje é o antigo SENAI, e... tinha um mercado lá e tinha a Cooperativa da Prefeitura, e ele mandava ir lá e fazer compras, assim, se nós precisássemos. Então, ele era uma pessoa – e ele nem descontava –... Então, era uma pessoa que ajudava muito, muita gente na cidade. Tem grandes feitos aí na cidade graças à bondade dele.

Pesquisadora: Então, você conheceu o IF através da sua cunhada, né.

Entrevistada: [intervenção] Da minha cunhada e do meu irmão, porque acaba que a família inteira está no IF.

Pesquisadora: E aí, quando você... aí você fez o processo seletivo em 2014...

Entrevistada: Isso. Eu fiz o processo, assim, nem pensei que eu ia passar, gente... E aí eu passei lá pela cota de negros, né, eu até ri quando eles me ligaram, porque tinha que fazer uma declaração, declarando que eu era preta, e eu falei: ‘gente, como assim!’. E até fui no cartório rindo, porque eu cheguei lá e falei para moça: ‘ó, eu vou, vim, fazer uma declaração aqui (de) que eu sou preta’. E ela olhou para minha cara e ficou rindo, né. Mas assim, porque não é uma coisa comum. Mas tudo bem. Aí vim, e na época, eu, eu até comecei uma semana depois que tinha começado as aulas. Porque... o meu pai, quando veio para Goiás, em 1970, ele veio, e nunca mais voltou para a Bahia. (É) que meu pai é baiano. E aí, depois de quarenta e dois anos, a gente descobriu a família dele, que a gente não tinha notícia. E coincidiu bem com a época que ia começar as aulas, (quando) a gente descobriu que eles moravam em Salvador. E a gente foi lá conhecer a família, depois de quarenta e dois anos... Muitos anos sem ver os irmãos, a mãe já tinha falecido, mas foi ver os irmãos que restavam. E a gente foi com muita alegria. Falei: ‘não, vou faltar uma semana, não dá nada não, porque eu acho que isso é mais importante’. Então, houve todas essas duas coincidências, né, e a gente foi resgatar uma parte da família que não conhecia... E, assim que eu cheguei, a hora que eu cheguei no primeiro dia de aula, que eu vi aquela sala lotada, eu falei: ‘meu Jesus, que tanto de gente é esse!’. Pensei: ‘Meu Deus...’

Pesquisadora: [intervenção] (Você se) assustou?

Entrevistada: (Eu me) assustei. ‘... será que eu vou dar conta desse curso?’. Porque, na verdade, o que mais me chamava atenção no curso de TI (Técnico em Informática) era a parte de manutenção, porque eu sempre... gostei muito de... desmontar e montar. Então, eu imaginei, na minha ‘leiguice’, que eu teria muita facilidade na parte de manutenção. Eu só queimei um computador, gente, só uma fonte, foi uma coisa bem pouca.

Pesquisadora: Então, quando você entrou, você achava que o curso era mais voltado... para aulas práticas...

Entrevistada: [intervenção] Para aulas práticas. Nunca imaginei que...

Pesquisadora: [intervenção] Não tinha noção.

Entrevistada: Não. Na verdade, acho que a maioria tinha isso na cabeça, que a gente ia mexer era com conserto... Não com a parte de programação, de entender como funciona e como que se chega a um computador, né, como que se faz toda essa linguagem. Então foi uma dificuldade grande para todos. Porque estavam falando numa linguagem que a gente nunca tinha visto, né, e a gente ficou muito assustado. (Não é à toa que) todo mundo descabelava na hora que passava aqueles exercícios – misericórdia –, que ninguém entendia nada, ninguém entendia nada de nada, e... a gente foi indo, mas a gente tinha uma coisa bacana nessa turma, que a gente era muito unido. Mas a turma ficou dividida em grupos, a gente era ‘o grupo do canto’, ‘o grupo do meio’, ‘o grupo da outra... do outro lado’. Então, acabou que teve uma ‘divisãozinha’, mas aí quem não sabia juntava com esse, quem não sabia juntava com outro, e tentava se ajudar. E... e foi indo, né, até onde deu para ir. Mas teve... assim, mais para uma parte do fim do ano, (quando) desistiu muita gente, em massa, e nós ficamos em muita, em quantidade bem menor.

Pesquisadora: Isso seria no segundo... no segundo semestre.

Entrevistada: É. No segundo semestre já...

Pesquisadora: [intervenção] De 2014.

Entrevistada: Assim. Nós éramos trinta e tantos, a gente tava... aí depois baixou para vinte, depois baixou para dezoito, depois baixou para treze.

Pesquisadora: Você era da turma do noturno?

Entrevistada: Do noturno. Até porque o noturno tem toda essa dificuldade, que a gente trabalha, todo mundo trabalhava, e só vinha à noite, então já vinha cansado, e as aulas, acaba que eram cansativas. Que é uma coisa... Quando a matéria é difícil, (isso) se torna muito cansativo.

Pesquisadora: E você achava difícil (cursar) as matérias.

Entrevistada: Muito. Achei muito difícil. A gente pensava: ‘como que essas pessoas fazem isso!’. [risos] Não existe, parece que não... ‘Como que elas conseguem fazer isso!’. É... Assim, tirando ali três ou quatro meninos que já lidavam com a área, (como) Rodrigo, Diniz, o Robson, que mexiam com isso, né, então eles... o ‘seu’ José, também,

que já mexia com isso, para eles era fácil, porque eles estavam falando numa linguagem que, para a gente, era grego, mas para eles, era inglês, então tudo bem, estava certo.

Pesquisadora: E tinha (alguma) disciplina que você tinha mais dificuldade (do) que as outras, ou (alguma) que você tinha mais facilidade, ou se identificava (com)...

Entrevistada: [intervenção] Vou te falar. Aquela disciplina de algoritmo, que era uma tal de ‘receita de bolo’ da Fabíola, misericórdia, Senhor da Glória. Não quero mais não. Eu até odeio receita de bolo, por causa daquele algoritmo dela. Eu não consigo. A gente fala que não conseguiu aprender, no fundo, no fundo, a gente aprendeu sim. Porque quando uma coisa é muito difícil, você acaba, por raiva, falando: ‘eu tenho que aprender esse trem’. Uma ‘noçãozinha’ eu ainda tenho ainda. Assim, sei mais ou menos. Mas a disciplina dela foi uma das que, acho que fez... os alunos evadirem mais rápido, porque ficou tão difícil, que não tinha jeito, aí todo mundo: ‘ah, não, não dou conta dessa matéria, não, não vou vir mais não’. E a gente até insistiu com alguns que a gente via que... ‘não, gente, vamos que nós ajudamos um ao outro!’, e a gente tentava se ajudar. Parece que era assim: a gente estava nadando, e os que iam afogando a gente tentava acudir. Mas não teve muito jeito não. Não teve, não deu muito certo.

Pesquisadora: Você foi até qual período?

Entrevistada: Eu fui até... o terceiro?

Pesquisadora: Foi até quase o final?

Entrevistada: Acho que eu fui até... quase o final.

Pesquisadora: E aí...

Entrevistada: [intervenção] E aí, na verdade, por que eu desisti, mais: porque eu fiquei muito doente, e bem, foi bem no final do ano, que foi, acho, que outubro, quando começaram as provas, e, eu tive um... problema de saúde, e ficou muito difícil para eu voltar, e aí eu já fiquei muito atrasada. Até, na época, a Vanessa se propôs a me ajudar, e tal, mas aí eu já estava tão desmotivada que estava tão difícil... E aí chegou na disciplina do Eduardo, que também, é... Rede... e que não... não foi bom não, gente. A disciplina do Eduardo, também, muito difícil. Acho que não, nem tanto a disciplina, mas (com) o método que o Eduardo trabalhava a gente não conseguiu (se) adaptar. A gente não deu conta de falar a língua dele. E ele também não conseguiu entender a gente, e a gente tomou foi raiva dele. E uma grande evasão foi (causada por) Fabíola e Eduardo, infelizmente.

Pesquisadora: Uma... Pelo jeito que eu observei, uma pela disciplina em si mesmo e outro...

Entrevistada: [intervenção cruzada] Isso. E outro pelo método do professor.

Pesquisadora: ... pelo método do professor. [fim da intervenção]

Entrevistada: A Fabíola é um amor de pessoa, muito inteligente, inteligentíssima; ela tentava – coitada – de todas as formas. Ela tentou muito, mas a gente... nossas cabeças,

só se rachassem-nas. [risos] E difícil, né. A gente acha até ruim, porque, no fundo, no fundo, a gente quer aprender.

Pesquisadora: Depois que você, é... desistiu, saiu, você pensou em voltar? Ou não? Assim... Passou na sua cabeça...

Entrevistada: [intervenção] Pensei. Não, eu pensei em voltar. Pensei demais: ‘tinha que terminar esse negócio’, né. E, aí, toda vez que eu encontrava (com) a Vanessa, ela falava: ‘vamos voltar!’. É que, na verdade, a(s) disciplina(s) da Vanessa também foram boas. A gente aprendeu muito. Porque a Vanessa é muito didática, e ela tem todo um ‘alemolejo’ com os alunos, então ela, até que, (com as) brincadeiras dela, o jeito de ela se envolver, você aprende com facilidade, senão... É difícil, mas, ao mesmo tempo, você consegue sair daquela.

Pesquisadora: São disciplinas pesadas. Se não tiver uma leveza na, na...

Entrevistada: [intervenção] É. É um diferencial dela, né, particularidade dela, que (porque) cada professor tem um jeito. Mas ela tentou muito comigo, insistiu: ‘vamos voltar!’, e eu, ‘não’. E, aí, como a turma já estava muito pequena, eu não, não... falei: ‘ah, não vou voltar a fazer esse negócio não’. Aí, realmente não voltei. Desisti mesmo. Mas, assim, é, eu acho que eu deveria ter insistido para terminar. Mas a aula de Manutenção (de Computadores) foi ótima. Eu consegui queimar uma fonte, nossa, mas a gente... [risos] Porque, na verdade, o que eu achava engraçado: ‘ué, mas se a gente não botar fogo, como que a gente vai saber que pega fogo?’, né? [risos]

Pesquisadora: O que estragou?

Entrevistada: O que estragou? Só liguei uns fios errado, gente. Deu nada não, só saiu um monte de fogo e fumaça, e perdeu a fonte, é lógico, né.

Pesquisadora: [intervenção] E, assim, a estrutura física, você acha que, é... teve algum impacto, assim... na desistência dos alunos, ou você acha que isso não impactou?

Entrevistada: [intervenção] Não. Não. Acho que isso não. Assim, e às vezes, o que todo mundo reclamava era, por exemplo, uma... uma... como a gente vinha de um trabalho, a gente vinha cansado, e às vezes você estava com fome, aquilo, de noite não tinha lugar nenhum aberto, e, às vezes essa questão de não ter uma cantina, um lugar para você comprar uma coisa para você comer, dificultou um pouco, mas não foi o... como se diz, ‘ah, não, foi isso que fez’. Contribuiu, mas não era o fator principal. Eu acho que o mais (crítico) foi a dificuldade do curso, e algumas peculiaridades de uma disciplina ou outra que acabaram desmotivando e... as pessoas realmente desistem quando elas estão desmotivadas, infelizmente.

Pesquisadora: E o transporte? Para você era tranquilo vir para cá? Tinha dificuldade não...

Entrevistada: [intervenção] Era super tranquilo, até porque o... o IF sendo aqui, ele é muito central, né. Então, não é tão longe... Assim, tinha alguns alunos que moravam no Castelo (Branco), e para eles era muito difícil, né, tinha uns que moravam no Pontal

(Norte), mas o terminal (rodoviário) era aqui do lado, então não tem dessa questão de, de... transporte para lá e para cá... tranquilo. Não foi difícil.

Pesquisadora: Não foi, né, agravante. E depois que você saiu, é... desistiu... você fez outro curso, ou não?

Entrevistada: Não. Na mesma área não. Não. Não fiz mais nada. Na verdade, eu fiquei tentando foi concurso, por, para, para entrar no Instituto mesmo.

Pesquisadora: É?

Entrevistada: Aí eu fiz em Campos Belos, aí fui para o... tentar lá em Campos Belos, né, o IF de lá, que tinha uma vaga para área administrativa, eu acho que eu fui para Paracatu também, que teve concurso lá... fui para Jataí, então eu tentei vários, eu fiquei tentando mais concursos, porque nessa época abriu muito concurso, que foi na época do... do outro governo, né, e tinha...

Pesquisadora: Tinha uma fase boa.

Entrevistada: Tinha uma fase boa de concursos. E, assim, o que me... às vezes, o que me ajudou, e aí a gente fala ‘ah, o curso serviu para alguma coisa’, porque como tinha a prova de Informática, e a gente via Informática de uma outra maneira, facilitou, às vezes me ajudou um pouco nas provas, eu tive menos dificuldade na prova de Informática. Então, assim, de tudo, tudo, não aprendi algoritmo, tudo bem, dá nada não. Mas eu aprendi outras coisas que me ajudaram, né, que fez com que eu: ‘nossa, serviu para alguma coisa, está vendo?’, né.

Pesquisadora: Você conseguiu se classificar, ou não...

Entrevistada: [intervenção] Quase. Teve...

Pesquisadora: [intervenção] Foi muito concorrido?

Entrevistada: É. Foi muito concorrido. E aí que, quando você trabalha, você não se dedica, a sua chance fica menor, né, você fica bem mais lá atrás. O que eu me saí um pouquinho melhor, mas na época eu ainda não estava no Instituto, foi de Uruaçu, que eu pontuei bem. Faltou o quê... acho que três, quatro questões para me classificar. Então, assim, em termos dos outros, eu achei que... Por isso que eu comecei a persistir, né. Então, sempre que tem concurso do IF... fiz para Urutaí também, porque teve vaga, e a gente vai tentando.

Pesquisadora: Hoje, assim, você, é... você entrou aqui, né, depois de muitos anos... Ou você vem direto aqui?

Entrevistada: Não. Hoje é a primeira vez que eu estou retornando aqui.

Pesquisadora: Qual foi sua sensação?

Entrevistada: Ai, mudou muito! [risos] Porque antes a gente tinha pouquíssimas salas, né, e... como aqui era, a gente era só duas turmas, né, só tinha a turma de TI e a turma

de Mineração, mas a de Mineração era de manhã. E só tinha a gente à noite, não tinha mais ninguém. De vez em quando, os meninos, às vezes umas outras aulas que tinham, né, mas assim... é... A gente era solitário, a gente... era só a gente mesmo aqui, isolado.

Pesquisadora: Pouco servidor, né...

Entrevistada: Pouco servidor... Então acaba até que você desenvolve uma amizade a mais, né, porque como era tudo muito pouco, a gente... fez amizade com vários servidores.

Pesquisadora: E, assim, hoje, se tivesse algum curso (com o qual) você se identificasse, você voltaria?

Entrevistada: Com certeza. Porque eu acho que é um Instituto, assim, que ajuda muito. E é gratuito, né, gente, eu sempre falo: 'olha, quem está com os filhos em formação, vá para o IF, ponha o menino para ficar lá o dia inteiro, porque lá ele tem a opção de estudar, né, o nível médio e o profissionalizante, e aí menino não fica à toa na rua'. Então, assim, eu sempre falo: 'olha, é muito bom', falo sempre as vantagens, da seriedade do Instituto, da seriedade dos professores, porque eu conheço uma grande parte dos professores, e eu acho que isso é muito importante. Quando você conhece uma instituição que sabe o que está ensinando e aonde ela quer chegar, é melhor, né. E eu creio que aqui só tem a crescer. Né. A gente, lógico, depende um pouco de política, infelizmente, né... Porque na época, a gente teve todas essas dificuldades, de sair do prédio, e todo dia ficava aquela... né... e (com) o [Anicésio?] (a gente) sofreu muito no início, depois passou para o Emerson, então... eu acho que teve muito... quem começou teve muitas dificuldades, porque também não foi fácil. Mas graças a Deus, né...

Pesquisadora: Chegamos até aqui. [risos]

Entrevistada: Chegamos até aqui. [risos]

Pesquisadora: Sobrevivemos. Não. Foi muito bom, viu? Vou encerrar aqui para a gente... [interrupção da gravação]